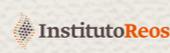


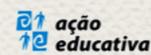
RELATÓRIO DE SÍNTESE DAS ENTREVISTAS-DIÁLOGO

Preparado pelo **Instituto Reos**
DEZEMBRO 2014

CONVOCADORES



FINANCIADORES





Cenários tratam de dois mundos: o mundo dos fatos e o mundo das percepções. Seu propósito é coletar e transformar informação de importância estratégica em novas percepções que gerem entendimentos estratégicos e que antes estavam fora do alcance da mente.

– PIERRE WACK

INTRODUÇÃO

COMO LER ESTE
DOCUMENTO

No primeiro semestre de 2014, a equipe do **Instituto Reos** entrevistou 71 atores como parte da preparação para a construção de cenários sobre o futuro da Educação Básica no Brasil. Este documento sintetiza as falas dessas entrevistas, resumindo o pensamento atual dos entrevistados sobre a realidade emergente em relação ao nosso tema. A intenção do documento é servir como um insumo principal para a construção dos cenários. Sua função é ser um ponto de referência para assegurar que os cenários serão relevantes às preocupações das pessoas envolvidas.

O processo de realizar entrevistas-diálogo é um primeiro passo essencial no processo de Construção de Cenários Transformadores. Na entrevista-diálogo, o entrevistador suspende suas próprias opiniões e perspectivas para poder escutar o entrevistado genuinamente. A entrevista é gravada e transcrita para ser fiel à voz do entrevistado. A entrevista é estruturada com base em sete perguntas-chave, elaboradas para levantar as principais preocupações, pressupostos e perspectivas do entrevistado sobre o futuro. São elas:

1. *Se eu fosse um vidente, quais são três perguntas que você gostaria de fazer a mim sobre o futuro da Educação Básica no Brasil?*

2. *Se você fosse o vidente e o futuro fosse “bom”, como você responderia a essas mesmas três perguntas? O que aconteceria?*
3. *Se o futuro fosse “ruim”, como você responderia às três perguntas? O que aconteceria?*
4. *Existem eventos que marcaram seu trabalho com a educação no Brasil? Quais foram eles e quais lições desses eventos são importantes para o futuro?*
5. *Quais atividades estão previstas ou que decisões precisam ser tomadas este ano e podem influenciar o futuro da Educação Básica no Brasil?*
6. *Quais são as principais restrições que você está vivenciando, dentro ou fora da sua organização, que limitam o que pode ser alcançado em relação à melhoria da educação no Brasil?*
7. *Epitáfio: quando você tiver deixado a sua posição atual, pelo que você gostaria de ser lembrado?*

As perspectivas dos entrevistados estão capturadas neste relatório em formato de uma série de citações sem atribuição. O uso de citações permite que o entrevistado fale por si e não por meio da interpretação do entrevistador. Em al-

guns casos, o autor do relatório editou citações para deixá-las mais sucintas ou claras, tomando cuidado para manter o significado original. As citações são agrupadas por temas que emergiram após uma análise disciplinada do material.

Este documento não constitui uma análise exaustiva dos fatos da situação da Educação Básica no Brasil, mas sim um mapa das diferentes formas de entender essa situação complexa. Nós o convidamos a ler este texto com “olhos suaves”, sem focar sua concordância ou discordância sobre o que está escrito. A intenção é explorar os diferentes pontos de vista. Faça uma

imersão neste rico conjunto de perspectivas sem reagir às falas e sem responder neste momento às perguntas. Preste atenção se alguma citação particularmente o impressiona, surpreende, assusta ou irrita. Note, em particular, as perspectivas que sejam diferentes e semelhantes às suas.

Ao ler este documento, pergunte-se: ***o que este texto me diz em relação à realidade emergente da Educação Básica no Brasil?*** ●

ÍNDICE

CAPÍTULO 1

O QUE NOS PREOCUPA?	8
O aluno no centro.....	8
Importância da educação para um país	8
Papel da educação na sociedade.....	9
Direito à educação e igualdade de oportunidades	9
Qualidade da educação	10
Diversidade e inclusão	11
Desenvolvimento sustentável e qualidade de vida	12
Crise de sentido da educação para os jovens	12

CAPÍTULO 2

O TERRENO DA EDUCAÇÃO QUE QUEREMOS EXPLORAR	14
Educação Infantil.....	14
Ensino Fundamental.....	15
Ensino Médio	15
Educação Profissional.....	15
Educação para Jovens e Adultos e Educação Popular.....	16
Educação no Campo.....	17

CAPÍTULO 3

QUAIS FORÇAS INFLUENCIAM ESTA SITUAÇÃO?	18
O nível de preocupação com a educação	18
O bônus demográfico	18
As dívidas do passado.....	19
O efeito família.....	19
A descontinuidade política	19
A participação da sociedade	20
O controle social	21
A desigualdade no país	21
A diversidade, a inclusão e a discriminação.....	22
A pobreza.....	23
A violência.....	24
A religião	24
Os paradigmas sobre a função da escola	25
O nível de questionamento do modelo de escola atual.....	26
O nível de questionamento da estratégia de reprovação	27
A emergência de novos modelos de escola.....	27

A Educação Integral.....	29	O papel do movimento sindical.....	50	Formação do professor.....	58
O ambiente escolar	29	O papel da mídia.....	50	Valorização do professor.....	58
A tecnologia e a conectividade.....	30			Gestão democrática	59
O investimento na educação / O financiamento da educação.....	31	CAPÍTULO 4		Responsabilização	59
A privatização da educação.....	32	QUAIS AS NOSSAS PERGUNTAS SOBRE O FUTURO?	52	PNE.....	59
O comprometimento e a motivação dos professores/educadores	34	Um projeto nacional de educação	52	Sistema Nacional de Educação e regime de colaboração	59
A qualidade da formação dos professores	35	Equidade e direito à educação	52	Base nacional comum	60
A atração de professores	38	Concepção da educação e da escola	54	Ranking internacional	60
O nível de valorização do professor.....	39	Qualidade da educação.....	54	Processo de transformação	60
As condições e a regulamentação do trabalho dos professores.....	40	Diversidade e inclusão	55		
A qualidade da gestão.....	41	Modelos de escola e ensino.....	55	CAPÍTULO 5	
A gestão democrática.....	42	Estrutura física da escola.....	56	QUAIS POSSÍVEIS FUTUROS ENXERGAMOS?	61
As políticas públicas	43	O papel da tecnologia.....	56	“Ainda existe escola”	61
O Plano Nacional de Educação (PNE)	44	Influência da religião	56	“Escola feliz”	61
A organização do Sistema Nacional de Educação e o regime de colaboração.....	45	Violência.....	56	“Escolas com autonomia”	61
A base nacional comum / As diretrizes curriculares	46	Ensino Médio	56	“Foco na Educação Básica”	61
Os sistemas de avaliação.....	47	Educação Profissional.....	57	“Universalização”	61
O nível de diálogo e a colaboração multissetorial	48	Educação de Jovens e Adultos	57	“Desescolarização”	62
		Educação no campo	57	“Escola pública: primeira escolha”	62
		Investimento na educação	57	“Rede de serviços públicos”	62
		Privatização da educação.....	57	“Escola como um espaço de	
		Papel do professor	57		



convivência e aprendizagem”	62	“Privatização”	69
“Cidade educadora”	63	“Fundeb permanente”	70
“Educação que contempla a nossa ancestralidade”	64	“Sistema Nacional de Educação”	70
“Educação como uma conexão intergeracional”	65	“Reforma educacional”	70
“Sem reprovação”	65	“Federalização da educação”	70
“Desenvolvimento pleno do cidadão”	65	“Papel do Judiciário consolidado”	70
“Educação Integral”	65	“Retrocessos do Judiciário”	71
“Avaliação diversificada”	66	“Políticos responsabilizados”	71
“Vários modelos de escola”	66	“Superação das desigualdades”	71
“Modelo único sul-coreano”	66	“Aumento da desigualdade”	71
“Escolas sustentáveis”	66	“Escolas inclusivas”	72
“Territórios colaborativos”	67	“Escolas segregadoras”	72
“Gestão democrática”	67	“Escola como lugar de violência”	72
“Carreira de professor atrativa”	67	“Mediocridade”	73
“Professores valorizados”	68	“Melhor da América Latina/ Ranking do Pisa”	73
“Professores valorizados e responsabilizados”	68	“Tecnologia como solução”	73
“Professor como mediador do processo de aprendizagem”	68	“Religião influenciando”	73
“Formação robusta de professor”	69	“Das salas de aula às políticas públicas”	73
“Reforma das universidades”	69		
“Fim da privatização”	69		

ANEXO

LISTA DOS ENTREVISTADOS	75
-------------------------	----

CAPÍTULO 1

O QUE NOS PREOCUPA?

Esta seção é o ponto de partida para o que vai se tornar a “agenda estratégica” do processo de cenários. As preocupações listadas aqui irão servir como um teste de relevância dos nossos cenários. Para que nossas histórias sejam relevantes, elas devem estar relacionadas às principais preocupações listadas por atores líderes da educação no Brasil.

O ALUNO NO CENTRO

Tudo deveria ser voltado para **colocar o estudante no centro** da cena político-institucional. Qualquer pergunta a ser respondida deveria estar referida ao estudante e não ao processo, à escola, às formas de financiamento. O que se deveria perguntar seria sempre: o que aconteceu com o menino e com a menina?

Os movimentos que são feitos não conseguem **colocar no centro da atenção o aluno**. Alguns têm interesse na academia, outros têm interesse nos professores, nos aspectos corporativos dos professores, outros têm interesses muito pouco claros.

Devemos olhar as vitórias com certo ceticismo. Uma coisa é a vitória institucional. Da **vitória institucional** para a **vitória da educação** é um longo caminho. A vitória da instituição fica mais importante do que a vitória da educação.

Qualidade de educação é uma **qualidade libertadora** da educação que tem o ser humano como centro das suas atenções, buscando fazer com que ele tenha uma formação plena, ampla, capaz de entender o mundo, analisar, avaliar, e não simplesmente uma qualidade de **formação de competência**.

Não dá para falar em educação sem **ouvir a voz dos alunos**, escutar o que eles querem da

educação daqui a 15, 20, 30 anos, sem **entender a realidade e o contexto dos alunos** hoje. Participar da educação não é apenas pensar nas instituições de ensino, mas no contexto do aluno de forma geral.

IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PARA UM PAÍS

A educação é estratégica. Isso no Brasil não foi entendido. A classe dominante brasileira ainda não entendeu isso durante a história do Brasil e continua não entendendo. Não entende que, para **melhorar sua capacidade de concorrência mundial, precisa melhorar a educação**.

Criar esse senso de urgência em relação aos resultados da educação é muito necessário. O menino que está hoje no segundo ano do Ensino Fundamental daqui a dez anos já foi. Enquanto alguns estão pensando o sistema a médio e longo prazos, o dia a dia da escola é hoje. Esse menino não vai esperar dez anos. A cada ano, há **uma geração que está sendo perdida** se nós não dermos conta de oferecer a ela o desenvolvimento pleno.

Se nós não garantirmos qualidade efetiva à Educação Básica do cidadão brasileiro, não vamos conseguir ser um **país livre** nunca, mantendo o povo na ignorância. Em 1882, o Ruy Barbosa já dizia que a ignorância popular é a mãe de todas as servilidades.

Precisa-se fazer um pacto em que a Educação Básica é prioridade. **Não há país desenvolvido sem que a Educação Básica seja efetivamente uma prioridade.**

Se não houver regime de colaboração, nós vamos continuar com essa política esparsa, com esse cenário de umas ilhas em que ali a educação funciona bem, mas em outros arquipélagos está tudo ruim. Quando a **educação não é universal, não é democrática.** Eu não acho que a gente tenha hoje, efetivamente, uma democratização da educação no Brasil. Você tem a democratização do acesso, mas, à medida que não é garantido o total percurso no mínimo da Educação Básica, **você não está tendo uma educação democrática.**

Eu acredito que a construção do nosso país, de um **país mais justo, menos desigual, mais rico,** passa pela educação.

PAPEL DA EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE

Na nossa Constituição, a educação é para o **desenvolvimento humano e da sociedade e para o trabalho.** É necessário romper essa articulação tão simples entre educação e desenvolvimento econômico, a educação estar a serviço do desenvolvimento econômico.

Vejo **três perspectivas presentes** hoje no debate da educação. Uma vê a educação a **serviço**

do mercado, de um modelo de desenvolvimento baseado no consumo e na concentração. Uma segunda linha é a da educação pensada como **inclusão social.** Nessa perspectiva, a questão da qualidade é secundária. Uma terceira perspectiva é pensar a **educação de qualidade como direito.** Essas três perspectivas estão muito presentes e em disputa no país.

A educação é um **processo social.** Mesmo quando a educação tem uma qualidade questionável, ainda assim ela empodera. Ela não pode ser vista como messiânica, mas como uma ferramenta que pode ser apropriada para construir a sociedade que se deseja para o futuro. A escola não pode apenas trabalhar cidadãos receptores de conhecimento, mas **cidadãos transformadores.**

DIREITO À EDUCAÇÃO E IGUALDADE DE OPORTUNIDADES

Não dá para pensar a educação como instrumento. Ela é muito mais do que isso. **É direito** e, se considerada dessa forma, é **para todos e para cada um.** No “cada um” é que a diferença se dá, se é um cadeirante, um indígena, uma menina que trabalha em casa. É o “cada um” que vai dar o tom da atitude do professor, da escola e da família com relação às crianças.

Que democracia é essa que deixa uma criança na rua, em que criança não tem **direito** a ir para a escola?

Acredito que a educação, na sua essência, é um processo cumulativo. Nós não temos o direito de continuar falhando no processo de escolarização inicial das crianças. Não conseguir, para a gente, significa **excluir a oportunidade de oferecer cidadania para milhões.**

Não há como falar de garantia de direito com milhões de crianças e adolescentes fora da escola, como hoje. Isso não é **garantia de direito. Universalização é 100%** e não tem conversa.

A próxima geração vai ter a creche e o Ensino Médio como direitos. E o fato de a gente inscrever isso na norma, forçando a mão em coisas pelas quais a gente vai lutar para que aconteçam, fez com que isso acontecesse.

A **desigualdade educacional** é um problema ao qual não devemos nos furtar. A equidade tem duas dimensões: a inclusão, que nós estamos vencendo, e a desigualdade, que a gente ainda não se acostumou a discutir.

Em um país como o nosso, em que sabemos que a educação é o principal fator para a mudança socioeconômica, querendo ou não, a educação tem que puxar para si a **responsabilidade de diminuir esse fosso socioeconômico.**

A sociedade não acha que o seu maior problema é a desigualdade. Se essa sociedade chegasse a um acordo de que o seu maior problema é a desigualdade, a questão da democracia e da educação assumiria a frente desse processo. Essa nação **naturalizou sua relação com a desigualdade**. Foi ao inferno e achou que lá deveria ficar.

O país ainda é marcado por sua história escravocrata, o que faz com que a desigualdade seja entendida como natural e quase necessária. Ele **naturalizou sua relação com a desigualdade**, como necessidade de funcionamento.

O fracasso da nossa história da educação brasileira foi a não universalização do direito democrático ao conhecimento. Foi muito bem pensado **não ter a universalização**.

O maior desafio do Brasil é a equidade. Se não tratarmos de forma diferente as regiões brasileiras, nós não vamos conseguir a equidade, porque **as crianças não podem valer menos em outros lugares**. Elas não são menos importantes. A maior dificuldade será na região Norte.

Para melhorar a educação brasileira, a gente precisa diminuir a **desigualdade do país**.

Só se consegue uma sociedade mais justa se melhorar a qualidade da educação, houver **igualdade de oportunidades para todas as**

pessoas, filhas de ricos ou filhas de pobres. Todos com acesso à mesma saúde e educação, o que automaticamente **reduziria a desigualdade**. Para dar igualdade de oportunidade, tem que haver escola pública e privada com a mesma qualidade.

A **desigualdade no desempenho** é muito grande ainda se comparada à questão social, mas principalmente à questão racial. Existe uma desigualdade de acesso, permanência e sucesso se compararmos a população branca com a negra no Brasil.

Sem território – terra – não há como pensar em outra coisa senão em sobrevivência. É preciso o **reconhecimento prático dos direitos** dos povos quilombolas e indígenas para garantir o direito de suas vidas – vida, tradições, costumes e valores.

A atuação do Judiciário fortalece a percepção social sobre o direito e fortalece a mobilização social em torno disso. Por outro lado, há alguns **riscos que têm a ver com a “judicialização”** da educação. Hoje os juízes e os promotores entram no campo educacional sem muita cerimônia, inclusive com decisões que confrontam posições quase unânimes no campo educacional.

Trabalhamos muito tempo sobre a ideia de **justiciabilidade do direito à educação**, ou

seja, afirmar que o direito pode ser cobrado na Justiça. Precisamos não apenas estimular a ação do Judiciário, mas começar a entender e estabelecer possibilidades de **controle democrático, de mecanismos de participação**. Não basta exigir que o Judiciário decida, é preciso também abrir canais de diálogo e participação.

QUALIDADE DA EDUCAÇÃO

A década de 1990 é uma grande virada no sentido de **universalização**, mas não conseguimos fazer o mesmo com a **qualidade** nem as outras viradas necessárias.

Trabalhamos com a **quantidade** em detrimento da **qualidade**, quando as coisas teriam que caminhar juntas.

Não dá para pensar em educação pública para poucos. Para pensar para todos, tem-se que estabelecer um padrão básico, um padrão mínimo, que possa rapidamente chegar a todos, e não ficar esperando um padrão ideal, senão você continua tendo “ilhas de fantasia” que atende poucos e não garante **qualidade para todos**.

O que aconteceu com a escola pública é que a gente tinha pouquíssima gente nela. Grande parte da população não estudava e, enquanto tinha pouca gente, conseguimos garantir qualidade. Na hora em que entraram 99% da

população na escola pública – que foi a universalização, a primeira grande meta que batemos –, nós **não soubemos crescer mantendo a qualidade**. Então, cuidamos da quantidade, e a qualidade caiu, porque de fato é difícil isso.

Estão praticamente todas as crianças matriculadas, sim, mas nem todas estão tendo uma escolarização, um ensino que lhes permita **completar os nove anos do Ensino Fundamental** no nono ano. Esse é um dos **grandes problemas** que nós temos ainda, é um problema pedagógico.

Sem educação de base a gente não cria um bom sistema de conhecimento e **inovação**. O sistema nacional de conhecimento e inovação exige uma educação de base de qualidade.

A questão do aprendizado ainda é muito aberta, e nós temos uma solução que não me satisfaz muito, que é **diminuir o nível de exigência**.

A escola pública é pensada para ser a escola dos pobres e não como as melhores escolas particulares. A escola pública teria que ter a **qualidade que as boas escolas particulares têm**. Estas não se limitam a ensinar matemática, ou química, ou física mal. Têm conhecimentos de arte, cultura, línguas, literatura, música, dança. Uma série de coisas a que a escola pública não tem acesso.

A qualidade é uma grande **disputa** que se trava hoje, entre o conceito de **qualidade humanista** e o conceito que vê a escola como **puramente instrumental**. A escola não pode ser puramente instrumental, onde a criança vai aprender a fazer alguma coisa sem saber inclusive por que e para quem.

Uma educação de qualidade verdadeira não é apenas conhecimento, mas também valor. Nesses **valores** tem a cidadania, os direitos humanos, que são coisas que fazem de nós a espécie humana: o reconhecimento do outro como igual, o respeito.

Tentamos mostrar para os pais que **qualidade é um direito**, que não basta vaga na escola, que os alunos que a frequentam têm direito de receber uma educação de qualidade, com professor presente, não faltando, e com conhecimento oferecido para eles, aproveitado, entendido, aprendido.

A **próxima batalha é a do padrão**. Agora eu tenho dinheiro, mas que padrão eu vou entregar? Porque você pode, com dinheiro, entregar porcaria. E que padrão eu vou garantir para todos? O que é bom, o que é de qualidade? Vamos ter que começar a discutir isso.

O que falta agora é olhar a questão do pedagógico e da sala de aula. Se não tiver esse olhar, a

educação não vai andar. **Agora é o momento do pedagógico, para o salto da qualidade.**

DIVERSIDADE E INCLUSÃO

É preciso reconhecer todo esse **legado dos povos indígenas, africanos**, das contribuições das comunidades e movimentos populares, das histórias todas deste país. O país assume isso nos momentos de Copa, turísticos, mas na educação brasileira isso ainda ocupa um lugar marginal.

A escola é um espaço onde aprendemos a conviver em sociedade. Se na escola acontecesse a **inclusão**, teríamos uma sociedade mais tolerante, que conhece o diferente, que permite o contato. Seria uma **sociedade mais curiosa**.

O conceito de educação inclusiva se estrutura a partir de dois pilares: o direito à educação, ou seja, a **igualdade de direito** entre as pessoas, e a **valorização das diferenças**, não só no sentido de construção de uma sociedade igualitária, mas no da riqueza de conviver e se desenvolver com a chance de trocar experiências diferentes, desenvolver pontos de vista mais abrangentes, aprender com o diferente e desenvolver a noção do respeito.

A **diversidade oferece riqueza de possibilidade de vida**, de modos de vida mais sustentáveis diante do modo de vida ocidentalizado e

homogêneo. Se a sociedade brasileira aprender a se abrir e valorizar essa diversidade, abre portas para maiores possibilidades de sustentabilidade para sua população.

Temos um encontro perverso entre desigualdade e discriminação, que atinge os descendentes dos escravos do Brasil. Como a educação pode colaborar para **desconstruir discriminações** que provêm de um legado cultural de mais de 300 anos?

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E QUALIDADE DE VIDA

Só vamos ter uma **sociedade mais justa** e com perspectiva de um desenvolvimento mais sustentável se tivermos uma boa educação e a colocarmos como prioridade, e não como algo importante. Importante é quase tudo.

Percebo que países que souberam dar valor prático à educação conseguiram desenvolver melhor as **condições e a qualidade de vida** das pessoas da sociedade.

Sobre essa história de que eu primeiro tenho que investir no **desenvolvimento econômico** para depois investir no **desenvolvimento social**, não é nisso que quem acredita em educação popular pensa. Os desenvolvimentos andam paralelamente.

Os sonhos utópicos que tínhamos de nos realizarmos pela economia não vingaram. O **crescimento econômico não trouxe uma sociedade melhor**. Em alguns casos, até piorou. A educação boa e igual para todos é o caminho para um lugar onde ninguém esteja abaixo de uma linha social, um piso, e ninguém possa consumir acima de um teto ecológico. Um lugar em que possa haver desigualdade, mas que todos tenham condições de chegar aqui por meio de uma escada social que possa ser usada conforme a vocação e a persistência pessoais: a escola.

A educação tem que estar a serviço do **desenvolvimento econômico**, mas o desenvolvimento tem que estar de mãos dadas com **justiça social e equilíbrio**.

A escolarização sempre foi o caminho para as pessoas mudarem de vida, para transformar as coisas, uma ferramenta de **transformação social** e de **melhoria de qualidade de vida**. A sociedade só se transforma quando as pessoas se transformam. É muito difícil ter transformação sem conhecimento.

Se você corrige ali na base e promove para o aluno o aprendizado, se ele consegue avançar na sua vida acadêmica, você também está **promovendo o bem-estar para ele**, e em consequência os ganhos vêm para a família como um todo.

CRISE DE SENTIDO DA EDUCAÇÃO PARA OS JOVENS

Nós temos em nossa população uma energia, um potencial que eu não vejo em outras populações: uma vontade de fazer. Especialmente os jovens. Eles têm um potencial muito grande e estão um **pouco perdidos**. Eles estão fazendo no seu nicho. Falta um *design* para pôr isso no contexto e as coisas tomarem um sentido melhor.

Os alunos não querem e não pensam que a escola pode fazer diferença na vida deles. Eles não estão estudando porque aquela escola não lhes diz nada. Acham que a escola não vai mudar sua realidade nem fazer diferença no futuro. Se isso é verdade, a educação **não tem sentido** para eles.

Se daqui a 30 segundos ou 30 anos ainda continuarem essas disciplinas das formas como são ministradas, **a gente não tem mais nenhuma justificativa para estar na escola**. Nenhuma. Quando muito, ela alfabetiza. **Noventa por cento delas são masmorras**. São masmorras **dos músculos, do esqueleto, da psique**. Raríssimas escolas ainda apresentam planos pedagógicos valorosos.

Percebemos uma **grande crise nos jovens**, de não entender o sentido que a escola tem. Nós só

poderemos reformular a escola na hora em que entendermos isso.

É preciso reconhecer que estamos com toda a população de 15 a 17 anos encrocada no Ensino Médio, fora da escola ou perdida no Ensino Fundamental. Ou assumimos que esse é o maior desafio que o país tem, ou vamos **perder a geração**.

Ao continuarmos tendo uma distância entre um segmento e outro, vamos ter uma massa enorme de jovens mal formados que não terão condição de ocupar os empregos. À medida que crescer a **frustração** que eles têm de não se sentirem adequados a um mundo que exige deles determinadas coisas que não lhes foram dadas e que eles não têm, isso vai criar um **desgaste** tão grande que nós vamos para a barbárie.

Não podemos **continuar perdendo crianças** assim. Muito da violência e dos problemas de segurança que vemos no Brasil é reflexo dessa perda de crianças que temos ao longo dos ensinos Fundamental e Médio, de valores que não estão sendo trabalhados.

Os meninos falam que a escola os expulsou e que nenhuma escola os quer. **Jovens perdem a esperança** e o caminho não foi o direito à escola.

A evasão escolar é absurda porque **muitos alunos desistem, não veem futuro nenhum na escola**, acham que é apenas para cumprir a obrigação de uma fase, se não não terão um emprego. Não veem a escola como crescimento pessoal, como melhoria de vida, não querem estar lá.

A escola não é prioridade para os jovens. Alguns alunos querem ser independentes e começam a trabalhar muito cedo.

Existe muita **evasão escolar** ainda por uma série de motivos, entre eles a condição da escola (a condição física ruim, o clima escolar, a situação de violência no entorno da escola, a falta de professores dentro do quadro escolar), que não ajuda o aluno a querer continuar. Essas condições precárias afetam diretamente a educação e o desempenho do estudante, tiram a vontade dele de querer ir para a escola e afetam diretamente a trajetória do aluno.

Um dos principais motivos de **evasão no Ensino Fundamental II é que os alunos não conseguem entender o que leem**. A leitura e a escrita são questões básicas, sem as quais você não consegue aprender nenhum outro conteúdo, não consegue enfrentar a interpretação de textos mais complexos, informativos e não avança em sua escolaridade.

Se o aluno termina o Ensino Fundamental e vai para o Ensino Médio, a chance de ele se tornar uma pessoa que vai nos agredir lá na rua é muito menor. Você diminui isso sensivelmente, porque ele consegue **se visualizar inserido na sociedade** e com possibilidades.

Uma educação de qualidade deve **priorizar a vida dos alunos** para que eles possam acompanhar a educação do começo até o fim, sem se preocupar com outra coisa, com uma vida paralela totalmente separada da escola. Os alunos deveriam ter mais apoio, financeiro e psicológico, porque alguns têm uma vida muito complicada e **não olham a educação como uma prioridade**. ●

CAPÍTULO 2

O TERRENO DA EDUCAÇÃO QUE QUEREMOS EXPLORAR

Junto às preocupações, o terreno nos lembra das áreas que devemos incluir em nossos cenários para que sejam relevantes. Por exemplo, se os cenários falarem somente sobre o Ensino Fundamental, estaremos deixando de fora alguns pontos-chave que fazem parte das preocupações dos principais atores.

EDUCAÇÃO INFANTIL

Eu vejo na creche muito mais além de uma política de educação: uma política de **igualdade de oportunidades**.

A Educação Infantil na zona rural é um caos, mas uns anos atrás a gente nem pensava nisso. O fato de termos um diagnóstico de que essas crianças estão superexcluídas, que a realidade é violenta é, em parte, **um avanço**, embora isso me mostre um problema muito grave.

O Estado brasileiro vem tendo uma atuação e um compromisso com a educação, pegando o caso da Educação Infantil. É uma coisa até quase espetacular, de 1996 para cá. Há uma **coerência na atuação do Estado**, independentemente de partido político, de quem está no governo. Uma coerência nas produções, nas metas, nas políticas, nas ações que culminam hoje em uma ação do governo federal que ele nunca teve, que é financiamento de custeio, financiamento de imobiliária e equipamento, de material pedagógico, de obras de expansão de vagas e investimento em currículo, em formação.

A gente aumentou muito o acesso à creche. Impressionante. Garantir a Educação Infantil, principalmente para aqueles dos setores mais pobres, é fundamental porque você vai **dimi-**

nuindo a desigualdade de capital cultural que as crianças têm.

Um dos temas que cresceram em importância e densidade é a discussão em torno da primeira infância. Algumas experiências mostram a importância desses anos iniciais nas vidas das pessoas, o que de certa forma era negligenciado. Temos uma **concepção mais aberta do desenvolvimento da criança** e mais ações orientadas para isso do que um tempo atrás.

Hoje, a **neurociência** e as fundações empresariais falam que o direito à creche é fundamental, mas mecanizam o direito, então a criança tem que ter estímulos. Se a criança não os tiver, é possível formar um cidadão de caráter, mas não se vai formar um cidadão pleno em termos cognitivos. Isso é um absurdo.

A Educação Infantil precisa ser revista. Ela não deve ter como meta alfabetizar, mas tem que ter professores que saibam fazer essa **mediação com o mundo da escrita, o que vai impactar mais a melhoria da alfabetização**. Com esse contato com a escrita, a criança já a descobre e avança muito em relação à leitura e à escrita.

As **comunidades indígenas** não querem saber de pré-escola, porque quem educa as crianças são as avós, mas você pode capacitar as avós para fazer ações que elas não têm o costume de fazer e que podem fazer com o grupo de crian-

ças que estão com elas. Capacitar as famílias para educarem seus filhos.

ENSINO FUNDAMENTAL

No Ensino Fundamental, precisamos discutir melhor a **inclusão das crianças de seis anos**, que estão sofrendo muito. A gente precisa discutir e implantar a formação dos professores do Ensino Fundamental, que são diferentes dos professores do Ensino Infantil na própria capacitação. O número de crianças que estão indo a psicólogos por dificuldade de aprendizagem, por falta do lúdico, é preocupante.

Temos uma tolerância grande com o **abandono**. Só 75% dos alunos terminam o Ensino Fundamental. A gente já perde 25% com 14 anos.

Apenas 8% da população chega ao Ensino Superior, o que tem a ver com o fato de perdermos muitas crianças no ensino básico, e muitas das que terminam o ensino básico não estão preparadas para entrar no ensino superior. Esse é um círculo vicioso terrível que precisa ser rompido **investindo-se realmente na Educação Básica**.

ENSINO MÉDIO

O **grande gargalo** é a escola do jovem, o Ensino Médio. Se não resolvermos esse desafio, que era para ontem, vamos perder a batalha.

A educação brasileira ainda não entendeu o **problema do Ensino Médio** e tem poucas variáveis para resolvê-lo. Estamos dando “voltas no rabo”. Existe uma miopia sobre o tamanho e um não entendimento sobre a questão juvenil. Isso é um **problema de mundo**. Ninguém entende muito o problema de juventude.

O Brasil e o mundo não têm o que oferecer para os jovens. O nosso Ensino Médio é muito ruim. É uma experiência empobrecedora. Não é à toa que o jovem está na rua.

O ano de 2030 é quando acaba o bônus demográfico no Brasil. Vamos precisar de jovens preparados para poder sustentar o topo demográfico do país. A escola não dialoga com o jovem e não o motiva mais. A larga maioria ou a deixa antes de concluí-la, ou sabe muito pouco. Portanto, mesmo os que a concluem não estarão aptos nem para o mundo do trabalho nem para a universidade. Daí, temos um exército de 5,3 milhões de jovens de 17 a 29 anos chamados de **“nem-nem”**, que **nem trabalham nem estudam**, propensos a fazerem parte das taxas de homicídio do país.

A juventude está dando as costas a prosseguir no processo escolar, particularmente depois de 15, 16 anos de idade. É um fenômeno global. Para nós, ele será **muito mais veloz**, em função, inclusive, da chamada “janela demográfica”.

Precisamos de um **currículo que dialogue com o mundo juvenil**. Não adianta os doutores que entendem de currículo “pensando em uma mesa”, quando o mundo juvenil está muito distante desse pessoal.

O Ensino Médio é um nó total porque os professores são do século passado e o que eles são capazes de transmitir **não têm nada a ver com o que o jovem está querendo aprender**. As profissões que existiam quando eles se formaram não são as profissões que vão existir para o jovem de hoje. É um grande problema.

No Ensino Médio, a **mudança da escola pode vir até dos próprios estudantes**, que já têm condição, já estão mais organizados enquanto grupos para poderem, também, forçar uma mudança. No Ensino Médio e no Superior, isso pode partir mais dos estudantes, se eles tiverem condições de fazer a leitura de que essa mudança é necessária.

Não dá para pedir a um adolescente que espere 15 anos, pois a educação vai melhorar.

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

A educação profissional, lá no início, foi concebida para ser uma educação ofertada aos filhos da classe trabalhadora, mais voltada a trabalhos manuais, mas, de lá para cá, o **mundo mudou muito**. Hoje a Educação Profissional é pensada

para um mundo da **sociedade da informação**, um mundo que exige inovação, que exige dos profissionais um alto grau de adaptabilidade e de capacidade analítica.

Finalmente o governo brasileiro está acordando para a importância da Educação Profissional no modelo certo. Não só o governo, mas também as instituições de Educação Profissional, a orientando para atender àquele **tríplice interesse: dos trabalhadores, dos empregadores e da sociedade**. Agora a Educação Profissional está entrando na pauta dos trabalhadores, que querem o reconhecimento de suas competências profissionais.

Dentro da educação profissional existe um **debate ideológico entre a formação para o trabalho e a formação para a cidadania**. Se você restringir o currículo, você está empobrecendo a formação do aluno para a cidadania em favor de uma formação profissional, mais “mecanizada”. De outro lado, se você privilegia cursos maiores, com carga horária extensa, currículos extensos, você acaba desestimulando esse aluno, e é o que existe hoje. Você tem o aluno que vai para determinada modalidade do Ensino Médio profissional. Ele cursa o acadêmico e o profissional e é penalizado.

EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS E EDUCAÇÃO POPULAR

É muito importante ser abraçada pela sociedade brasileira a consciência de que **é direito do adulto ter acesso à educação**. Nós não teremos uma sociedade democrática se não conseguirmos garantir para todos o acesso à educação e ao conhecimento, porque isso acentua cada vez mais a sua exclusão.

São 58 milhões de pessoas. É difícil acreditar que os governantes não enxerguem mesmo essas pessoas. É difícil explicar por que **para Educação de Jovens e Adultos nunca sobra nada**.

Muitos dos adolescentes de 15 anos que estão no Ensino Fundamental são **expulsos para o supletivo, para a EJA**. Como a LDB falou que eu posso fazer um exame de EJA a partir dos 15, eu já expulso todo mundo, mesmo sendo direito público subjetivo concluir até os 17.

Precisamos que essa **escola nos acolha, em vez de nos excluir** mais uma vez. Nós, povo; nós, classe trabalhadora, homens e mulheres, com 15 anos ou mais, que não somos alfabetizados, que não concluímos o Ensino Fundamental, o Ensino Médio, que trabalhamos o dia todo e à noite vamos para a escola.

O que muda a situação é a forma de entender a Educação de Jovens e Adultos como uma **política de Estado**. É algo sério. Não pode ser feita para tapar buracos. Precisa resgatar o que foi roubado. Um governo que assina tantos documentos internacionais de respeitar, reconhecer e preservar Direitos Humanos devia ser o primeiro a entender educação como direito humano, e a Educação de Jovens e Adultos como **direito prioritário**.

O **preço** para os indivíduos, para o Estado e para a Educação de Jovens e Adultos, por não estabelecer bases sólidas, não estabelecer boas raízes no processo de formação inicial na escolar, é **muito alto**.

Temos uma **história de educação popular neste país** nas últimas décadas, uma educação popular **que se anestesiou, que se congelou, desconformou**, também a partir da institucionalização, mas ela é um astro vivo, que está debaixo da terra, está acesa. Então, **uma das intenções é só manter a educação popular acesa**.

O conceito de **educação popular** que trabalhamos **questiona a mercadologia, o racismo, o machismo** e a condição espacial a que nós nos sujeitamos para **enfrentar uma educação institucional que nos corrói, que nos aprisiona**. Ao mesmo tempo, propomos, com teoria e prática, uma pedagogia e uma didática que

contemple a nós, nossa ancestralidade e nossas questões contemporâneas.

Nos nossos cursos, temos uma faixa etária de 20 a 40 anos. Nós temos a **intenção e a necessidade do fator intergeracional**, então sempre temos crianças e “coroas” estudando juntos. E isso é uma busca até, para que pessoas de faixas etárias diferentes possam propor juntas.

EDUCAÇÃO NO CAMPO

Estamos vendo um **campo cada vez mais esvaziado de jovens e mulheres**. Com o deslocamento de jovens do campo para as cidades para continuarem estudando, esses jovens vão perdendo sua identidade, pois a escola da cidade não trabalha isso. Cada vez menos teremos a dinâmica produtiva do campo alimentada de geração para geração. A agricultura familiar se enfraquece. A escola tem um papel no ciclo de construção desse projeto de campo.

É preciso garantir que o campo tenha escola e ela seja acessível a todos os sujeitos. É fundamental assegurar uma educação de qualidade, com **formação de professores que atendam às demandas das escolas no campo**, com processo de formação que dê conta da caminhada do estudante e que garanta o acesso e a continuidade de sua formação, que muitas vezes é interrompida.

As grandes questões que estruturam as políticas governamentais às vezes são **contraditórias com a demanda social do campo**. No campo, a grande estrutura é o fortalecimento do agronegócio e da agricultura familiar, sendo o agronegócio importante para a balança comercial. Isso é ponto de conflito e de dificuldade de relacionamento entre governo e sociedade civil.

Para que a escola do campo se mantenha, precisa-se de uma **articulação muito forte** com outros aspectos e políticas públicas, de uma escola que se articule com um projeto de campo mais amplo, em que escola é central, mas que sozinha não consegue garantir os direitos dos sujeitos do campo. ●

CAPÍTULO 3

QUAIS FORÇAS INFLUENCIAM ESTA SITUAÇÃO?

Esta seção ilustra as forças motrizes que influenciarão o futuro da educação e impactam o que acontece com nossas preocupações. No processo de cenários, vamos priorizar as forças com maior impacto e maior incerteza, a fim de contarmos histórias claras e plausíveis sobre o futuro da educação.

O NÍVEL DE PREOCUPAÇÃO COM A EDUCAÇÃO

Nos últimos anos, a gente teve uma modificação do olhar do brasileiro para a educação. O Brasil hoje discute educação, a educação está na mídia, e **não é um acontecimento formal**, algo que segue de forma planejada. No passado, nem se falava em educação.

As pessoas começam a **se dar conta do quão complexo é educar**, quão complexo é o processo de ensino-aprendizagem, o processo de gestão de uma escola, a encrenca que é ser um gestor de Secretaria de Educação. Tudo isso passa a ficar visível.

Os **grandes movimentos da nossa história** sempre demandam esse ponto em que as pessoas percebem que o que está acontecendo é absurdo, a ponto de elas não cooperarem com isso e **criarem outra coisa** que vá longe disso.

A **sociedade está mais preocupada com educação**, mas vejo com grande preocupação que a educação **não é uma urgência** da sociedade. Embora coloquem que a educação não vai bem, a saúde e a segurança pública são mais urgentes. Não percebem que a educação mata as pessoas devagar. Mata o sonho, o futuro.

Temos um avanço na imaginação da população sobre a importância da educação. O número

de jovens que procuraram fazer o Enem mostra uma situação importante. Existe **uma tomada de consciência da necessidade de educação** para que uma criança tenha sucesso.

Uma primeira condição para enfrentar as questões na educação é a **vontade política**, que deve vir do presidente, do governador, do prefeito. Mas não adianta um governo, o MEC, isolado, pensar que vai resolver tudo. Na área de educação tem muitas organizações e muitas coisas acontecendo com contribuições muito boas. **É fundamental uma enorme mobilização**, um olhar e uma escuta para que o que já existe possa ser potencializado.

Não há acordo sobre o que deve ser feito. Os economistas acham uma coisa, os pedagogos outra, os educadores outra, os historiadores outra. Visões diferentes. **O único consenso é que a educação é prioridade, mas a forma de se chegar lá não é consenso**. O principal dilema é que as pessoas atacam as ideias umas das outras.

O BÔNUS DEMOGRÁFICO

Vamos ter uma ajuda adicional nos próximos dez anos com o tal **bônus demográfico**. Vai diminuir o número de crianças entrando (no sistema educacional) e garantimos o aumento de recurso. Essa é uma equação perfeita.

Com a “**janela demográfica**”, temos uma situação em que o protagonismo juvenil será muito decisivo, e a conformação, o formato, os valores de que ele estará impregnado são decisivos para as gerações futuras de maneira muito significativa. Nós temos a capacidade, se quisermos apostar nisso, de **gerar modelos para o futuro**, de maneira a **influir sobre as dinâmicas de convivência global**.

AS DÍVIDAS DO PASSADO

Temos que dar conta de **dívidas anacrônicas e bizarras do século XIX**, ao mesmo tempo em que temos que olhar para os desafios do século XXI. Se pensarmos na maioria das escolas e dos sistemas de ensino, eles estão presos às dívidas anacrônicas e bizarras. Elas precisam ser resolvidas.

O passivo é isso: nós não alfabetizamos no momento adequado, nós não fizemos diversas ações de estímulos para a permanência do estudante na escola no momento adequado. Ao não ter feito isso no momento certo, nós temos um grupo de pessoas que precisam ser recuperadas. Estamos falando de Educação de Jovens e Adultos, de analfabetos funcionais chegando à universidade, **um passivo que é grande**.

A mudança da Constituição, que aconteceu em 2009, para garantir a obrigatoriedade do acesso

à escola dos quatro aos 17 anos, é “**atrasadér-rima**”. Temos **mais de 500 anos de atraso**.

Sabemos que foi malfeito. Se não fosse tão malfeito, éramos hoje melhor do que o Uruguai, a Argentina, a Bolívia, o Paraguai e o Chile, que teve uma Educação Básica melhor do que a nossa.

O EFEITO FAMÍLIA

O Brasil tem um **efeito família baixo**. Isso é fundamental em termos de alteração do padrão.

Se os pais não forem os primeiros a **cobrar uma educação melhor**, a gente vai mais devagar.

Pesquisas mostram que os pais de grande parte das crianças do Brasil estão satisfeitos com a educação que os filhos recebem. Primeiro, porque eles, os pais, têm um **nível de escolaridade mais baixo do que o dos filhos**, então não têm condições de avaliar se o que o menino está aprendendo é muito, é pouco, é necessário, é suficiente. Segundo, porque muitos ainda estão naquele estágio em que ter uma vaga na escola, ter merenda e ter uniforme significa: “Meu filho está estudando!”. Então, pela impossibilidade de um julgamento mais profundo, eles acham que tudo está perfeito, e a gente sabe que não está.

A **sociedade brasileira não sabe o que é uma boa escola**. Se tiver Bolsa Família, um prédio e o professor ali, eles estão felizes da vida.

É impressionante ainda como se acha que os alunos mais pobres são incapazes de aprender e como a escola consegue fazer com que os pais incorporem isso. A gente tem certo **mecanismo de reprodução**, porque o que a escola faz é que o pai repita o discurso dela e passe a dizer: “Meu filho não tem jeito para o estudo. Eu também não tinha jeito para o estudo, por isso que na minha família ninguém se dá bem no estudo”. Isso é o **fracasso da educação**.

Nas famílias em que a mãe não tem escolaridade, hoje seus filhos estão indo para a escola. Muitas famílias jamais pensaram em ter um membro no Ensino Superior. Hoje, muitos estão trabalhando e estudando à noite, desde os ensinos Fundamental e Médio, e podem ter planos para o futuro, em cursos técnicos profissionalizantes ou cursos de nível superior. É uma grande mudança.

A DESCONTINUIDADE POLÍTICA

Um problema muito sério na educação, principalmente no Brasil, é a **descontinuidade**. Você começa um projeto muito bom, muda de governo e o projeto acaba.

Não podemos viver de **políticas de governos**, e sim de **políticas de Estado**.

Nós estragamos a educação com os **partidos**. Todo mundo quer inventar em vez de ter um projeto nacional dirigido à Educação Básica, que é o nosso calcanhar de aquiles.

Novos secretários, governadores e prefeitos que chegam ao cargo acham que são o **marco zero** da história, e o que o outro fez vai para a lata do lixo e se começa tudo de novo. Os professores, durante um tempo, aguentaram isso. Hoje eles têm **desconfiança de qualquer nova proposta** que entra.

Tinha um **programa pronto de alfabetização** que já estava implementado no país inteiro em forma de rede, com todas as secretarias estaduais e municipais, benfeito, com vídeos, materiais impressos, consistente, e **o próximo governo entrou e interrompeu o programa porque era do outro partido**. Foram anos de retrocesso.

Estamos trabalhando nossas ações de maneira que elas não fiquem vinculadas só a projetos, mas que esses **projetos se tornem políticas públicas**, que deem mais possibilidade de continuidade mesmo com as mudanças governamentais.

Um dos grandes desafios que a gente tem é que a educação demora um pouco para poder dar resultado. O mais difícil é conseguir reunir esse consenso básico, para evitar que boas iniciativas que estão começando agora e que vão dar resultado lá na frente sejam assassinadas no berço, por conta de **uma expectativa de resultado mais imediatista**.

Não precisa ter consenso em relação a tudo. Os **dissensos enriquecem os processos**, mas os **objetivos são comuns**. As divergências podem aparecer no processo, em como chegar aos objetivos, mas as grandes prioridades, o grande projeto educacional no país, serem compactuadas, e está todo mundo trabalhando de forma convergente para isso, **independentemente de seus partidos**.

A PARTICIPAÇÃO DA SOCIEDADE

Tem um provérbio africano que diz que **para educar uma criança é preciso uma aldeia inteira**. A aldeia está acordando e começando a dizer: “Qual é minha parte nisso tudo?”.

Há uma pressão social com relação à educação, e acho que essa **pressão vai continuar e aumentar**, tanto da sociedade civil organizada quanto da não organizada em redes sociais.

A educação **ganhou uma prioridade imensa na sociedade**. Isso é muito importante, muito

emblemático. Essa preocupação em seguida se reflete na aprovação das leis.

Hoje as **famílias terceirizam a educação** em larga escala para a escola e para o professor. À medida que terceirizam, os pais deixam de se envolver com a causa e não há pressão social por uma educação de qualidade.

A sociedade não acredita que a educação é prioridade. Isso é sintomático e é **independente do segmento de renda**. As classes mais vulneráveis socioeconomicamente, tal qual a elite, entendem que a educação é um valor, mas **não é prioridade para remontar o arranjo de sociedade**.

Quem não vem das camadas populares não tem muita noção do que é escola pública e acaba não exercendo seu **dever de cidadão** de olhar para isso e se preocupar com isso mesmo que seus filhos não estudem em **escola pública**.

Quando uma família consegue um patamar de remuneração melhor, tira o filho da escola pública e o coloca na escola privada. Ela **abdica de pressionar a escola pública** por aprendizagem, por aula, para garantir aula para seus filhos. Isso é ruim para todo mundo.

Não basta apenas garantir condições para a escola pública. É preciso estimular as famílias

a desconstruir o processo de estigmatização da escola pública.

O perigo é que vamos ter mais **mudanças nos centros de pressão** e podemos aumentar a desigualdade. As **áreas rurais e periferias** vão ter **menos pressão** para mudanças, enquanto nos grandes centros existe uma articulação mais forte da sociedade.

O caminho é uma educação que envolva a sociedade como um todo. Hoje a educação só envolve com obrigatoriedade os profissionais da área para acolher as crianças na escola. Existe o **abandono intelectual do filho**.

Não vejo ainda um trabalho de **formação de pais**. Como podemos, na escola, comunidade, município, estado ou microrregião, formar um pai leitor, que faça parte de reforço escolar, biblioteca tutorada? Se um pai é leitor, seu filho será leitor. O pai deveria vir à escola e se sentir importante. Não só uma pessoa que é ouvinte, mas um **personagem que participa da história educacional do seu filho**.

Existe um **esvaziamento da representatividade das entidades estudantis, populares, sindicais**. É um risco para a democracia, mas também é uma **oportunidade para as pessoas inventarem novas formas de se organizar**, que sejam reconhecidas e eficientes para essa nova geração.

Nós temos a capacidade de fazer muita coisa em pouco tempo. Existe essa capacidade neste país. Na nossa população existe uma coisa chamada entusiasmo. Nós não estamos aproveitando esse **potencial de entusiasmo, de força, que existe na nossa população**.

O CONTROLE SOCIAL

O **controle social** é um caminho a ser percorrido para se chegar à escola com a qual a gente sonha.

O que temos que ter é **controle social**. Não dá para pensar que você elimina uma cultura de corrupção tão arraigada apenas por decreto.

O fortalecimento dos órgãos de controle social é uma medida estratégica. Órgão de controle e **acompanhamento social em diferentes níveis** no Legislativo, no Executivo, nos conselhos, nos colegiados e também nos tribunais de Contas, no Ministério Público, nos conselhos tutelares. Não é uma coisa simples, e sim ampla, a sociedade ter mais controle social.

Não adianta o gestor fazer a sua tarefa se a sociedade não entende que aquilo tem importância, porque **só ela pode cobrar o cumprimento do que foi dito**.

A DESIGUALDADE NO PAÍS

O Brasil é uma sociedade muito hierárquica, e aquilo de **cidadania de primeira, segunda e terceira classes** é algo muito forte.

Para populações negras, pobres, **oferecer algo de baixa qualidade é algo naturalizado**.

Existe **certo determinismo sobre a trajetória de crianças pobres**, de que criança pobre não aprende, não pode ter uma trajetória escolar de sucesso. Também existe um determinismo sobre as crianças negras, de que elas não serão bem-sucedidas, fruto de um racismo estruturador da sociedade brasileira.

Nós caminhamos bem na inclusão, mas não na desigualdade. A gente, de certa forma, se **acostumou com as desigualdades no sistema educacional**. Hoje, no próprio governo, quando eu falo em desigualdade, é como se eu estivesse tocando em algo que não deveria ser tocado, pois existe uma mudança, que está na raiz da nossa dificuldade, que é não considerar todo mundo cidadão.

Na hora em que todo mundo tiver **chances iguais, as pessoas vão ter que se mexer**.

Para a sociedade poder se dizer disposta, a mudança deveria ser na convicção de que as pessoas têm direitos iguais e que é **inaceitável a desigualdade**. É inaceitável que meu filho vá

a uma escola equipada e bacana e a escola da periferia pareça um presídio. **A indignação do brasileiro não é suficiente em relação a isso.**

Pesquisas têm mostrado que onde o Ideb melhora não é no quintil mais pobre da população. O **Ideb melhora**, mas não equilibradamente. Ele melhora **desordenadamente, respondendo a uma sociedade que é muito desigual.**

Essa ideia de que nem todos têm direitos é muito profunda e estrutural no Brasil. Isso se reflete na política nacional, que está organizada de maneira que os **professores mais precários, com formação e vínculos trabalhistas mais precários, são os que vão para onde se têm os piores indicadores sociais.** Deveria ser o contrário.

Enfrentar as desigualdades significa **tratar diferentemente os diferentes.** Dar mais para quem precisa mais, em uma direção de **ação afirmativa** (regional, cidade/campo e periferia/centro).

Precisamos trabalhar para **superar as desigualdades** que nós temos do ponto de vista **da estrutura.** Devemos inverter as prioridades, começando pelas regiões do país aonde é mais difícil de chegar.

A aprovação da **Lei de Cotas** para as universidades federais brasileiras foi um marco porque quebra uma história de silenciamento sobre as desigualdades ligadas às diferenças raciais no Brasil.

“Senhores juízes, a **cota é para entrar e não para sair.** Ninguém está pedindo para sair sem saber. Dê uma chance para que os pobres enormemente esforçados possam entrar.” Não é caridade, é oportunidade. Com esse vestibular feito aos moldes dos cursinhos de alto nível, você nunca vai conseguir entrar. É muito mais complexo.

Em cidades pequenas, todo mundo estuda na mesma escola. Bem ou mal, **elite estuda junto com pobre, e isso é bom para os dois lados,** do ponto de vista de pensar um país. Bom para o pobre, que vai ver que o menino de elite não é necessariamente mais inteligente. Em outros momentos, ele vai perceber que tem mais habilidade. Então, aquela coisa de introjetar a condição de pobreza como decorrente de sua própria incapacidade já fica meio balanceada.

Se queremos uma **sociedade menos desigual,** os espaços em que vivemos não podem ser tão desiguais. Se conseguirmos **chegar a isso na educação pública,** teremos uma sociedade menos desigual, nos reconhecendo como sociedade, e não como grupos segregados.

A DIVERSIDADE, A INCLUSÃO E A DISCRIMINAÇÃO

Entendo como um **desafio estrutural** enfrentar a discussão, ainda muito negada, do **racismo,** porque acho que o racismo está na origem dessa cultura tolerante com as desigualdades.

A gente **creceu no debate sobre racismo,** que antes era uma não agenda e hoje existem os embates da ação afirmativa.

A juventude negra está morrendo, ou está sendo aprisionada. Existe um **genocídio singular da população negra brasileira** e isso tem **reflexo na educação,** que é preparada para nos considerar como suspeitos, e não como cidadãos. Na escola, a gente tem inúmeros estudos que vão trazer isso à tona, desde a professora em relação ao corpo negro do seu aluno, até a forma como a gente é abordado nos livros, nos currículos. O genocídio mental, psíquico, tanto quanto o movido a metralhadora, está aí.

O **tema da diversidade sexual não aparece no ensino básico.** Isso é como se fosse um tema muito mais para séries mais avançadas, e não é. Trabalhar a questão da diversidade no espaço educativo é construir espaços de segurança, de diversidade, de respeito às diferenças, e isso serve para tudo.

No espaço educativo, a discussão sobre **temas como diversidade sexual e a forma de lidar com ela é borrá-las do espaço**. A escola borra, esconde, “não vamos discutir isso”, “isso não nos diz respeito”. Fugir da discussão ou apagar a discussão, porque você acha que com isso consegue controlar, é superburro. É um tema que não é fácil porque os pais têm dificuldade; muitos têm dificuldade de trabalhar isso. Outros acham que isso não é assunto para criança. **A escola tem um papel fundamental nessa discussão.**

As **crianças que são transexuais** hoje não têm o direito de levar o seu nome e ser aceitas com o nome pelo qual querem ser chamadas. Isso é uma das maiores causas para suicídio por depressão, porque a **criança não tem liberdade, apoio, segurança**; está sozinha.

A preparação para a criação de bolsas para estudantes de etnia negra e mestiça era uma forma inteligente de criar lideranças na pós-graduação, que é o único setor do Brasil em que a educação vai muito bem e é modelo. Criar **elites culturais provindas de várias classes sociais**. O Brasil tinha um lugar em que isso acontecia: o futebol.

A inclusão vai trazer a qualidade para a escola porque ela vai passar a ter o olhar para a diferença – para todos que estão ali e são únicos e têm suas potencialidades e dificuldades. Ver a

riqueza dessa diversidade para o crescimento de todos. A inclusão traz mudanças, bem sutis, que são bonitas de ver.

É fundamental que seja exercido o papel de **liderança** para mobilizar as equipes pedagógicas e a comunidade para que a escola se repense e coloque a inclusão como uma prioridade. Sem o exercício do papel do líder de forma contundente, temos visto que as mudanças ficam muito difíceis.

Existe **resistência** por parte de quem tem interesses particulares na **manutenção do modelo segregador**, por parte dos educadores, que se sentem inseguros, sem apoio e não enxergam uma possibilidade real para a educação ser de fato inclusiva, e por parte das famílias que ainda não entenderam, não enxergaram ou não tiveram a chance de discutir com profundidade os ganhos de uma educação inclusiva.

A escola e a universidade ainda se fecham, têm muitas restrições de conhecimento. Desprezam **outras formas de conhecimentos e valores** – das comunidades do campo, quilombolas, indígenas.

A ideia da **meritocracia**, no nosso país, foi construída aliada a uma ideia de um pertencimento étnico-racial. Meritocracia está vinculada a uma perspectiva de pessoas brancas. Tratar de relações raciais, de identidade de gênero, de

ações afirmativas, neste momento, no Brasil, é fundamental para que **a ideia de diversidade seja constitutiva do conceito de mérito**.

A POBREZA

Existe uma subestimação do tamanho da pobreza no Brasil e do **impacto dela na vida dos estudantes**. A pobreza não é só falta de recursos. Elas traz uma insegurança emocional.

O conjunto que traz resultados de excelência nas escolas está ao lado de um **contexto comunitário, social, familiar** que tem um universo cultural ampliado. O contexto do entorno implica uma transformação social e econômica. Isso acontecer em um ambiente onde o universo cultural não é ampliado fica muito difícil.

Os **fatores externos à escola** são tão grandes que são eles que **comprometem grande parte dos resultados escolares** das crianças, principalmente dos adolescentes. As últimas pesquisas nos mostram que 80% dos resultados médios de uma escola não podem ser explicados pelos fatores intraescolares.

Sabemos que a criança que entra numa escola pública não vai sair do mesmo jeito que uma criança que entra em uma escola particular, porque sabemos que não é só a escola, mas o *background* da família, o **socioeconômico**, que faz diferença.

Muitas vezes, as **metodologias, os livros didáticos e as políticas** já **pressupõem** meninos que chegam à escola com **condições, em casa**, de acesso à leitura e pais alfabetizados. E não são esses meninos que chegam.

A VIOLÊNCIA

Alagoas é o estado onde a taxa de violência é a mais elevada do Brasil, onde há mais mortes a cada cem habitantes. É também o estado que tem o menor número de jovens que completam o Ensino Médio. De cada cem jovens que entram na escola, 26 completam o Ensino Médio.

Hoje temos muitos casos em que a escola é como um espaço de tortura, onde o jovem, o adolescente não se sente bem, o professor passa mal, e isso se transforma em um nível de agressividade incontrolável; pessoas se matam. Não é por acaso que, na maior parte dos **casos de violência** que acontecem entre adolescentes e jovens, **a escola seja cenário**, e isso é doloroso. O jovem, o adolescente que se sente com problemas geralmente escolhe a escola como espaço para externalizar. Ao mesmo tempo que ela pode ser um espaço muito interessante, de confluências, de encontros e amizades, ela também pode ser o contrário, ela pode ser um inferno.

O que a gente tem que fazer é uma política que **não permita mais a matança da juventude negra**. Não vamos dizer para eles, desde que

nascem, o que está posto e o que vai ser da vida deles, porque, se a gente continuar dizendo, eles vão continuar se revoltando, se indignando e pegando a estrada que parece mais fácil, mas que tem levado, necessariamente, um atrás do outro, para o caixão.

A gente sempre falava que criança que não come não aprende. **Criança que sofre bullying também não aprende.**

A **escola é uma porta para a violência**, para o *bullying*, para a discriminação, para as drogas. Para esses ambientes não florescerem, seria fundamental diretores, coordenadores e orientadores educacionais terem uma **melhor capacitação em como lidar com as diferenças**.

O foco para trabalhar a violência e o preconceito é a criança. Ela não nasce com preconceito, mas se torna preconceituosa, violenta. Se uma criança é educada para o não preconceito, ela vai conseguir lidar com as diferenças.

A RELIGIÃO

Ao mesmo tempo em que falamos em diversidade, em respeito a credos, a diferentes ideologias e a diferentes concepções pedagógicas, alguns desses ambientes educacionais/comunitários acabam de certa forma sendo muito **dominados por uma ou mais igrejas**. Essa questão vem tendo uma nova organização

e uma nova cultura de alguns **movimentos religiosos** que vão ocupando espaços para além da igreja.

A questão da **laicidade** é muito importante no nosso debate. A educação está sendo empurrada para todos os lados, numa perspectiva fundamentalista. Os **fundamentalismos vêm crescendo muito na educação**, numa perspectiva que compromete os direitos humanos, como direitos sexuais alternativos, diversidade étnico-racial, diversidade sexual, direito das mulheres.

Há entidades confessionais que têm um trabalho muito bom e de fronteira. Existem outras que usam os convênios para doutrinação. Propusemos ter atenção com a questão da **laicidade** e a resposta foi: “Gente, vocês acham melhor ter jovens e adolescentes na rua, ou jovens e adolescentes em grupos religiosos, seguindo caminhos mais corretos de convivência social?”. É a cruz ou a espada; as drogas e a criminalidade ou a igreja.

O recuo de programas ligados à igualdade racial e a descontinuidade de programas na saúde ligados aos direitos sexuais reprodutivos mostram a **força desse grupo religioso entrando na gestão**. A questão da laicidade é um tema muito importante no país e na educação brasileira.

Por pressão dos evangélicos, foi **retirado das escolas o material do SPE** (com carimbos de UNESCO, UNICEF, ONU, Ministério da Educação) porque há um módulo com a **questão da homossexualidade**. Isso não esbarra só na educação para LGBT, mas na educação no sentido geral. Existe um **discurso evangélico que contrapõe um discurso educativo**. A gente vive hoje esse grande dilema.

Há um movimento já presente em várias escolas do país, com a **prática de um proselitismo religioso forte**. Exemplos incluem a retirada do kit de combate à homofobia, a proibição do uso de camisinha e de máquinas de camisinha dentro das escolas e uma retração de discutir desenvolvimento sexual nas escolas.

Tem um **tensionamento** porque há religiões do campo progressista que pensam que, “já que tem o ensino religioso, vamos disputá-lo” e há organizações que incidem sobre a educação que acham que não deve haver ensino religioso em escola nenhuma. É um **debate interessante**.

OS PARADIGMAS SOBRE A FUNÇÃO DA ESCOLA

Tínhamos muita **clareza** de que a **função da escola** era transmitir os conhecimentos acumulados durante a história. Tínhamos muita clareza sobre a dimensão política e libertadora da educação e o papel de fornecer instrumentos,

como o conhecimento socialmente conhecido. Tem uma dimensão cognitiva, política e afetiva. Eram certezas muito claras. A escola não era para todos, era reprodutora de uma ordem estabelecida e tinha sua função libertadora. **Hoje em dia, nos perguntamos qual a função social da escola.**

A LDB fala que a **educação é para a vida**, que tem que servir para sua vida funcionar, para você ser feliz, mas ficamos centrados em **reproduzir um trabalhador em um mundo que não existe mais**.

Avançamos muito pouco no que de fato é a **razão social da escola**, que é as **crianças aprenderem**.

Não tem crise se não tem professor, mas tem crise se não tem uniforme? **O que é importante para a educação?**

A família brasileira precisa entender que educação é direito. Não estamos formando mão de obra, não estamos guardando crianças da violência e não podemos ver a escola como uma **obrigação burocrática**.

Ouvimos depoimentos de que a escola possibilitou o **acesso a um mundo**, uma **abertura de horizontes** que não poderia ter existido pela condição familiar.

Passaram tanta responsabilidade para a escola. Não dá para transferir para ela a obrigação de criar os filhos.

A escola é um **espaço de socialização** muito importante. Preocupa-me essa **visão da não escolarização**, da escola domiciliar. Preocupa-me não porque as crianças não vão aprender, porque elas irão, talvez até mais do que se estiverem em uma escola, mas com certeza elas serão seres humanos mais duros, com mais dificuldades de conviver com o outro, com as diferenças, com a alteridade.

Tenho assistido, num extrato da classe média e da classe alta, a um **movimento muito crescente pela desescolarização**. Isso é muito preocupante do ponto de vista da sociabilidade.

A escola tem que ser um **lugar que potencialize as habilidades do estudante**, seja no campo esportivo, artístico, cultural, científico. Deve-se investir muito nisso. Não há investimento nos talentos das crianças e, às vezes, a escola seria a única possibilidade, porque está como centralidade na vida dessas crianças.

As **empresas estão buscando pessoas criativas, multifunção, protagonistas, que trabalhem colaborativamente, em diversidade, com participação**. Não é um perfil de fábrica, de linha de produção. Para cumprir as demandas do mercado de trabalho, essa nova escola,

que não só avalia a matemática e o português, será importante.

Precisamos **formar alunos que saibam trabalhar em grupos, conviver com o outro, sair do mundinho tradicional**, que tenham autonomia. Isso não é uma coisa com a qual se nasce, mas que se constrói. E a escola é um dos caminhos.

No mundo hoje, as tarefas são tão complexas que ninguém consegue trabalhar sozinho. Há a **exigência de uma rede de cooperação e as crianças devem ser treinadas nisso**: como ter empatia, controle emocional e lidar positivamente com o outro.

Por milhares de anos na história, as crianças eram educadas por tribos. **O conhecimento era coletivo. Agora está tudo muito individualista**, o que é tóxico para a sociedade.

Hoje deveríamos sair do patamar conteudista, de conteúdo pelo conteúdo, e começar a ampliar esse horizonte de **trabalhar as competências e as habilidades**. Como trabalhar os conteúdos de forma que o aluno se aproprie dele e o utilize em sua vida? São **conteúdos trabalhados tão descontextualizados de tudo** que a criança cresce sem aquela percepção e se questiona por que tem que estudar isso.

Educação **não é encher baldes, é acender fogueiras**.

O NÍVEL DE QUESTIONAMENTO DO MODELO DE ESCOLA ATUAL

As pessoas estão percebendo que **essa escola não faz sentido. Tem que ter uma mudança** de formato, de dinâmica, de papéis, de gestão dentro da escola. Hoje a escola é feita para não garantir, nem que o aluno fique, nem que aprenda, nem que se estimule o professor.

O que vejo hoje é **uma escola fora do tempo**.

A gente vive há muito tempo um processo de **crise da escola** enquanto instituição. É uma instituição que tem mudado pouco e tem sido bastante **refratária às mudanças do contexto social**.

O mundo mudou. **Aquela escola** que a gente desenhou e que temos muito introjetada no sangue **não serve mais**. Agora as tensões são de qualidade, mas não a qualidade que eu ou que meus pais tiveram, mas outra.

Dizemos que a gente tem uma escola à base de **duas drogas: floxetina** para os professores, cada vez mais comum, à base de antidepressivo, e a **ritalina** para os alunos.

A lei permite que não haja escolas estruturadas por série. Pode haver programas comuns entre

as séries, é possível separar as paredes, os alunos podem sentar de maneira diferente, pode-se fazer tudo. E **dizem que a escola não faz porque não quer**. Mas qual é o apoio real que ela tem?

Eu fico questionando muito esse sistema de **escola separado por disciplinas**, por áreas, com foco muito grande no conteúdo e sem considerar os desejos desses meninos, as afinidades que têm com algumas áreas. Os **estudantes têm reclamado muito** dessa forma como a escola está organizada, nesse conteúdo muito fechado.

O **conteúdo deve ser um em que os alunos enxerguem o interesse em aprender**. Os professores escolhem o conteúdo que vai ser fácil de passar e que está escrito nos livros, e não o que ensina os alunos a serem melhores pessoas, melhores cidadãos, que os prepare para o mercado de trabalho.

A minha questão é com a estrutura que se formou e se deformou ao longo do tempo, que está muito mais a serviço da sua própria burocracia do que a serviço das pessoas. A regra é o **desconforto, a despotencialização**, assim como o espaço do trabalho – o fazem de um jeito sufocante em muitos momentos, assim como o espaço das prisões, do manicômio.

As **crianças sentam e assistem à nuca alheia**. A bunda tem que funcionar bem, é a que mais

participa da relação corpo-educação na escola: ela fica entachada numa cadeira, plana. **A escola pública**, há anos, é isso mesmo. **É depósito**. O corpo ali é mais do que secundário: o corpo ali funciona como um estorvo.

Criança não vota e tem tanta raiva hoje da escola que, se você disser que vai ter horário integral, elas não votam em você. **Criança não gosta da escola** e tem razão. É uma tortura deixar a criança sentada durante quatro horas em cadeiras horríveis. Dar aula no quadro negro é como pendurar num pau de arara intelectual. Todo muito critica dizendo que criança é violenta. Eu acho que as crianças são pacíficas demais diante das escolas que tem aí.

O **formato de ensino hoje é chato e entediante**. Passamos metade do nosso dia olhando para um quadro e ouvindo a professora. Não é dinâmico. É maçante. O conteúdo não é aprimorado, passado da melhor forma. O que funcionaria melhor no futuro seria acabar de vez com o formato de um atrás do outro olhando para um quadro, como se fosse uma prisão e como se estivéssemos sendo preparados para um trabalho operário. **Parece uma indústria formando trabalhadores para o futuro**, para concorrer a vagas, concursos. Não se está formando gente, pessoas pensantes, inteligentes, com conhecimento. A **estrutura com grades**, os horários de entrada e saída são como em uma

cadeia, com pessoas o vigiando o tempo todo. O aluno não tem voz, deve obedecer e fazer o que lhe mandam.

A situação da educação está se tornando inviável. **Esse sistema está chegando a seu limite**. Tem que haver muitos bons modelos e redes de pessoas que compartilham, que conseguem trabalhar juntas para criar uma mínima massa crítica e impactar as opiniões das outras pessoas. Simultaneamente, haveria um **colapso dos velhos sistemas, desintegrando-se**. Pessoas em situação-limite procurando alternativas.

O NÍVEL DE QUESTIONAMENTO DA ESTRATÉGIA DE REPROVAÇÃO

Nesses anos, eu vi **desaparecer a ideia de que a reprovação é uma estratégia pedagógica adequada**.

Nós temos uma herança cartorial, do período colônia, que é uma herança maldita. A **reprovação não resolve nada**, é um substitutivo da palmatória. Tem que haver avaliação contínua para garantir que aquilo que se aprendeu seja alavanca para novas aprendizagens e o que não foi aprendido seja aprendido.

Em 2005, o Brasil reprovou uma porcentagem grande das crianças de sete anos de idade, que pela primeira vez iam à escola. **Isso é absurdo**.

Em um ano de escola, não foi a criança que não aprendeu, mas a escola que não ensinou.

Tivemos um **retrocesso em relação à repetência**. Isso mexe muito com o psicológico da criança e pode prejudicar ainda mais o seu aprendizado. Essas crianças repetentes serão os excluídos, sempre foram. Você repete a criança, mas não dá condições de aprendizagem e a rotula, tanto os professores quanto os próprios colegas.

Acabar com a reprovação fragiliza muito o professor, porque ela empodera o professor, e você muda a discussão do aprender ou não aprender, porque você tem que jogar essa discussão como um desafio profissional dele.

A EMERGÊNCIA DE NOVOS MODELOS DE ESCOLA

A gente precisa quebrar a melhoria de um modelo tradicional de ensino que já se esgotou e **fazer uma revolução maior**. Precisamos construir o modelo do século XXI, que não é um, são vários. **um paradigma novo de educação**.

Não existe um modelo ideal de escola. Ele é aquilo que a sociedade consegue pensar naquele momento. Saber a que a sociedade aspira como formação de seus filhos é entender o que queremos, que país somos, o que estamos construindo.

Como temos modelos de educação do século XIX, professores do século XX e alunos do século XXI, a gente precisa cada vez mais do **aluno participando dos processos de construção** dos modelos educacionais. Os alunos precisam entrar no jogo como propositores, e não só como receptores. Os professores do século XX não precisam fingir que são do século XXI, mas se eles fizerem parcerias interessantes, com os próprios alunos, com a comunidade do entorno, aí temos insumo bastante para a inovação acontecer.

É muito **profunda a mudança** pela qual estamos passando: essas crianças vão trabalhar em **profissões que a gente não sabe quais são**. Nós, como adultos, temos que pensar na educação dessas crianças e não sabemos o que será o mundo delas.

Os projetos de **comunidade de aprendizagem** são aqueles em que todos são responsáveis pela aprendizagem. Essa aproximação da escola com a comunidade deu muito certo em áreas de vulnerabilidade. Era isso que deveria ser a educação, um projeto coletivo. Temos mais experiências do que imaginamos no Brasil. Antes era uma ilha, agora temos um arquipélago de boas práticas e experiências.

A grande questão para mim é como conseguimos **aprender na cidade**. Como conseguimos perceber que **aprendemos em todo lugar**

e potencializar esse aprendizado? É preciso perceber que **educador é aquele que aprende e professor é aquele que ensina**. Como todos assumimos esse papel de educador de verdade e percebemos que a escola é um ponto de aprendizagem diante de outros?

É preciso construir, dentro do espaço escolar, um projeto político-pedagógico que articule não só a relação humana e educativa, mas a **relação social que esse sujeito estabelece com a vida**, com as organizações sociais, com seu entorno nesse processo mais amplo.

A ideia da escola como **espaço de cultura** é fundamental. **Trazer um pouco da Educação Infantil para o Ensino Fundamental**. Está acontecendo o contrário, nós estamos escolarizando a Educação Infantil.

Existe uma experiência de Ensino Médio em Nova York, a IZone (Innovation Zone), em que **não tem escola**. Esses meninos **não vão nunca para um lugar físico**. Eles amam, adoram. Aqui, os meninos não querem ir para a escola no Ensino Médio porque “é o lugar mais chato do mundo”. E, na hora em que você vê meninos da mesma idade, numa outra cidade, passando o dobro de tempo, acho que se tem um **modelo interessante**.

Sinto uma **sede no jovem**. O espaço da escola poderia tratar melhor a questão de o jovem sair

sabendo melhor o que quer ser. Tem muito conteúdo que, para muitos jovens, é vazio. Deveria ser uma coisa **mais dinâmica**, com música, dança, teatro, cultura.

A gente está **caminhando para uma dicotomia que é: “ou oral, ou escrito”**. E agora, que muitos dos nossos alunos começam a ter acesso à escrita, é endeusada a oralidade, porque ela é nossa majestade, nossa fonte, só que isso não precisa excluir a beleza, a reflexão e a profundidade que a escrita pode trazer.

Já é possível caminhar nessa direção de gradualmente **personalizar o sistema de aprendizagem**, que é parte da fronteira do mundo da educação. A questão é como caminhar simultaneamente, para resolver os problemas estruturais, e na direção da personalização.

Precisamos **olhar para a educação** não somente em termos de indicadores e metodologias, mas também **científica e neurologicamente**. Estamos treinando um cérebro para pensar melhor e agir melhor. Precisamos utilizar as novas descobertas em neurociência para iluminar nossos processos de educação.

É uma **proposta diferenciada de educação**, em que se **coloca o aluno no centro**. Há uma mudança da gestão do ensino e do próprio papel do professor, que é um professor mentor, mediador. Trabalhamos na tentativa de maior

horizontalidade. Diariamente, todos nessa escola nos configuramos e nos reconfiguramos. **Sáimos da zona de conforto.**

No Ensino Fundamental I, **o professor é generalista**, está muito mais próximo do **professor-mentor**. Nós temos professores especialistas sendo mediadores nas cinco disciplinas, o que é bem diferente. Vemos as **trocas de exercícios que os professores fazem entre si**, um pedindo explicação para o outro, o aluno pedindo explicação ao professor, o professor pedindo explicação ao aluno.

Soluções que funcionam em pequena escala podem não dar certo em grande escala. Temos que pensar em **soluções que tenham escalabilidade.**

A gente tem essas escolas, que eu chamo de “escolas-butiques”, que são uma delícia. Elas **não resolvem o problema da quantidade**, e a gente tem que fazer políticas públicas para todos para **conseguir mudar em massa.**

O que pode, talvez, fazer a diferença é trazer **gestor público para perto desses projetos inovadores**. Se essas pessoas estiverem vendo, sendo influenciadas e inspiradas por esses modelos inovadores, no mínimo isso gerará uma inquietação, um desconforto nas pessoas que de fato podem **fazer essa mudança em**

escala, para questionarem o *status quo*, para questionarem o modelo atual.

Talvez essa **mudança tenha que começar pequena**, por grupos de pessoas insatisfeitas que têm discutido e refletido sobre isso e que podem formar um grupo para consolidar uma proposta, uma alternativa localmente, e que aquele movimento cresça. Essas mudanças vão começar do pequeno para o maior, até chegarem ao ponto de interferir em uma política educacional nacional.

A EDUCAÇÃO INTEGRAL

Educação Integral é **mais do que tempo**, é olhar a criança como um **ser humano integral.**

Quando falamos de Educação Integral, **não é de qualquer forma**. São escolas com biblioteca, quadra poliesportiva, laboratórios de ciências, uma oferta de repertório e acesso ao que a sociedade produziu como conhecimento.

Quando se fala de escola em período integral, se comete um erro. Deve ser **escola integral, educação integral**, não uma escola que dá no período da tarde uma simples complementação do que foi dado de manhã. Não é só para tirar a criança da rua porque ela corre risco, mas que ela tenha acesso a bens culturais a que não tem.

Tivemos uma **experiência de escola de tempo integral em que as crianças fugiam**. Imagine moleques e meninas de 13 a 15 anos, com os hormônios saindo pelos poros, colocados no período da tarde na escola. “Fica sentadinha, pega um livrinho, uma revista e daqui a pouco a tia vem aqui para fazer o reforço de Geografia.”

Sáimos da ideia de **escola em tempo integral** para a ideia do **aluno em tempo integral**. A criança está em processo educativo intencional o tempo todo, seja na família, na escola, no projeto da ONG ou em outras estratégias. Pensar oportunidades de formação para o tempo integral é uma estratégia muito mais inteligente.

Nós **não temos dinheiro** para fazer escolas de tempo integral para toda a massa brasileira. Por que não investir melhor na escola que nós temos, que é de quatro a cinco horas?

A política de Educação Integral tem uns **sinais de avanço**, mas **não tem escala.**

O AMBIENTE ESCOLAR

Essa **estrutura física da escola não tem mais nenhum sentido**. Ela é uma estrutura da sociedade industrial, a divisão por salas, as carteiras enfileiradas. Isso tudo fez sentido cem anos atrás.

Construímos escola hoje com uma **lógica de presídio**, uma cela, uma sala de aula ao lado da outra, apertada, sem espaço para a criança se mover, com mobiliário desagradável. Temos que **repensar a arquitetura escolar**. E repensar com essa **preocupação ambiental**, com energia solar, eólica, separação do lixo, compostagem, para que o aluno possa ter a vivência da questão ambiental dentro da própria escola.

Existe um **descompasso da criança com a natureza**. É um descompasso que a escola tem a obrigação de diminuir, fazendo uma coisa vivenciada.

Um desafio muito grande que tem entrado na pauta mundial e também na do Brasil é relacionar a **educação com o desenvolvimento sustentável**. Já tem vários países trabalhando e investindo nisso, e o Brasil ainda está engatinhando nessa questão.

Tem **escolas que estão muito preocupadas com o meio ambiente** e estão educando esses meninos sob um conceito de sustentabilidade. Uma coisa bem importante para a gente sobreviver neste planeta é mudar o *chip* de consumo, de relação com o planeta.

Colocamos no plano de ações articuladas uma resolução do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) com o PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola), em que

as escolas que têm uma **área de sustentabilidade** são escolhidas. Mas, na hora do “vamos ver”, as escolas não têm informação, não sabem o que pedir e são poucas coisas que podem ser pedidas.

Temos **escola que não tem luz. Escola embaixo de árvore**. Há três anos, uma das escolas mais bem classificadas no Ideb foi uma escola pública do Amazonas que não tinha a menor condição de nada, mas tinha um corpo docente. Reuniam-se debaixo da árvore para discutir os problemas da escola. Imagine se esse modelo fosse em uma escola que tivesse todas as condições?

Existem escolas aqui em que, quando você entra **na sala de aula, está um calor de 40°C**, por mais que tenha ventilador e janelas. A infraestrutura das escolas é muito importante para o trabalho do educador ser mais leve: climatização, reformas elétricas, laboratórios com reagentes.

A TECNOLOGIA E A CONECTIVIDADE

Uma **urgência é o direito ao acesso, à conectividade**. Não tem para onde correr mais. Se você tem conectividade, vai oportunizar o acesso a um conhecimento rápido.

Hoje temos um **gargalo grande**, que é a questão da **conectividade**. A tecnologia tem

um papel na educação, como um acelerador, como um promotor de novas formas de ensino e aprendizagem.

Nós **não temos condições de atender todos**, e aí, ou a gente utiliza adequadamente os recursos da chamada educação a distância, ou a gente vai fazer o serviço pela metade.

A tecnologia e as inovações têm um potencial enorme de **reduzir desigualdades**, porque dão mais acesso com menor custo e maior eficiência. Se essas inovações chegam só a parcelas e não conseguem ser inclusivas, elas ampliam as desigualdades.

Modernizar a escola não é distribuir *tablet* e computador. Tem que ter uma **proposta para o uso**.

No século XXI, as crianças e jovens esperam que a escola dê conta do novo. Eles são **nativos digitais** e nós somos “*analfabitecos*”. Temos que pensar na trajetória para **mudar os patamares**.

Nós vivemos num mundo em que hoje **o aluno passa duas horas ou mais por dia no ambiente virtual**. O Estado está ausente desse mundo desse aluno. Criamos uma *fan page* para cada uma das escolas que nós temos, que são alimentadas com videoaulas com professores da nossa rede e informações produtivas e positivas para sua vida. Estamos **entrando nesse uni-**

verso que era totalmente árido e deserto por parte do Estado.

Uma das coisas revolucionárias é a questão do **adaptativo**, acompanhando em tempo real o que o menino aprende, o que não aprende, como aprende, tendo esse entendimento tão profundo do trajeto da aprendizagem. Com tecnologia, dá para todo mundo ter essa oportunidade. A entrada da neurociência vai mostrando como as pessoas aprendem melhor e que o modelo industrial não é uma forma humana de aprender.

Tem muita coisa interessante sendo feita na área de tecnologia que dá ferramentas tanto para as escolas quanto para os estudantes, no **apoio do processo de aprendizado**. Existem **novos instrumentos** para aquele estudante que quer aprender e se desenvolver, além de condições de se fazer isso a um **baixo custo**.

Não se pode subestimar a força da pedagogia. Ela é muito mais capital humano intensivo do que outras coisas. Não tenho nada contra a tecnologia, mas não consigo acreditar que a **tecnologia** resolve, porque ela **não é substitutiva**. **Não vou trocar um professor por uma máquina**.

Tudo o que vemos sobre tecnologia hoje não elimina a figura do professor. Tecnologia é **ferramenta, e não solução**. A solução deve ser educacional, pedagógica.

Tem empresários e pessoas contratadas pelos institutos empresariais que acham que a **sala de aula é como um TED**. Faz efeito para quem já tem a sensibilidade. Seria legal por cinco aulas, mas achar que isso é a solução é muito complexo.

Não cola mais o discurso de que tudo na educação é a longo prazo. Tem **resultados rápidos**. Tem escolas trabalhando com o ensino de matemática através de tecnologia que, com um, dois anos de projeto, já mostra diferença de aprendizado nos alunos.

Uma nova tendência é o uso de **recursos educacionais abertos**, material que possa ter reuso, adaptação, revisão e livre circulação. Você parte do princípio de que o conteúdo oferecido por uma editora ou pelo governo precisa ser adaptado a cada realidade escolar. Estimula a autoria de professores e alunos. Tem o projeto de lei federal, mas dificilmente ele vai adiante, porque aí todo o material didático comprado pelo governo federal seria aberto, e isso **mexe com muitos interesses editoriais**.

O INVESTIMENTO NA EDUCAÇÃO / O FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO

O financiamento sempre foi um problema neste país: ver a **educação pública como investimento e não como gasto**, definir quem paga a conta, conseguir que os recursos cheguem às escolas, aos municípios e que isso seja usado adequadamente.

Hoje o Brasil tem a clareza de que **investir em educação é necessário e desejável**, e tem amplo apoio.

A questão dos 10% do PIB foi muito importante. Pôs a sociedade a dizer: “Quero uma educação de qualidade e nós estamos dispostos a pagar por ela”. **O movimento educacional aprendeu a dizer que financiamento é uma coisa importante**.

Tem um grande risco de aumentar os recursos sem que os resultados apareçam. A gente **tem que saber onde investir**, ter evidências seguras de que vale a pena investir nos projetos em que vamos colocar mais dinheiro e **resistir à tentação de sair atendendo a todas as demandas** sem ter certeza de que elas vão melhorar a qualidade da educação.

A ideia do Fundef/Fundeb é boa, mas precisaria de aperfeiçoamento. A **contribuição da União** deveria ser maior. Ela tinha que pôr mais

dinheiro nesse fundo coletivo, e não ficar financiando por fora este ou aquele município para fazer política.

O **Fundeb foi um avanço**, mas foi muito pouco. E tem sido muito prejudicado pelas políticas de **isenções fiscais** que o governo tem feito. Isenção para comprar mais carros, por exemplo, tira dinheiro do Fundeb.

Apesar de o plano garantir 10% do PIB para a educação, esses recursos têm como fonte o **pré-sal**. A perspectiva de entrada de recurso do pré sal é para além de 2018, ou seja, se tudo der certo, o recurso do pré sal, se chegar, **vai começar a entrar no campo da educação só em 2020**, e o que nós temos para os próximos cinco anos?

Existem maneiras, para **além do pré-sal, de aumentar o investimento** em educação, e uma das maneiras é uma **reforma tributária** que faça com que os tributos sejam mais justos e, ao mesmo tempo, mais bem aplicados.

No nosso Estado, invadimos o limite potencial da Lei de Responsabilidade Fiscal e hoje o **tribunal de contas nos proibiu de aumentar as despesas com a folha de pagamento**. Ou nós desatrelamos a educação dos grilhões da Lei de Responsabilidade Fiscal, ou vamos continuar “enxugando gelo” no nosso país.

Contar com vigilância presencial em escola custa caro. É o dinheiro mais burro que eu já vi sendo investido na educação. Chega a ser um contrato de lesa-pátria. As escolas instalaram câmeras eletrônicas e passamos a gastar bem menos.

Uma **grande conquista do PNE foi reconhecer o Custo Aluno-Qualidade Inicial (CAQi)**. Ele é um paradigma novo para pensar financiamento educacional. Define qual é o valor necessário por aluno/aluna para implementarmos a educação com um padrão mínimo de qualidade. É o que a lei prevê. Ele poderá sempre ser atualizado, debatido, mas é um referencial a ser cumprido.

O **custo aluno-qualidade** é algo muito interessante como uma **bandeira de luta por mais dinheiro** para a educação, mas ele **não é um instrumento de gestão**. A LDB fala da necessidade de um **padrão mínimo nacional**. O padrão mínimo é um elemento fundamental para a equidade. Você estabelece um patamar e todo o esforço é feito para que se eleve esse patamar. No ano seguinte, esse patamar é elevado, e assim por diante.

Uma coisa é um **padrão de qualidade**, outra coisa é uma **qualidade-padrão**. Em um padrão de qualidade, você vai definir condições que podem ser asseguradas das mais diversas formas. É possível garantir escolas de muita qualidade

no meio de uma reserva indígena, de madeira, coberta de palha, lindamente construída, com muita arte, sabedoria, inteligência e ciência dos índios. Em vez de pensar em padrão mínimo, a gente fica pensando em um padrão máximo impossível.

Cada centavo público tem que ser bem utilizado em torno do aluno, e não dos urubus que ficam em volta do dinheiro da educação. É muito dinheiro fisgado de forma legal, mas que **não chega ao aluno**.

Se um Estado tem uma política agressiva de isenção fiscal, não pode falar que está sem dinheiro. Está sem dinheiro por quê? Deu isenção fiscal para Deus e o mundo. O custo aluno-qualidade pode ser aproveitado para **trazer mais transparência** à própria **gestão do conjunto dos recursos**.

A PRIVATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO

A **privatização da educação** é um debate recorrente nos últimos 20 anos no Brasil. Os movimentos sociais têm feito duras críticas a essa potencialização da escola privada para **superar os déficits que temos**. O Estado vai incorporando demandas da sociedade, mas também demandas do empresariado que tem a educação como um elemento mercadológico. Isso é preocupante.

No Brasil, nós não temos constituído um sistema de escola pública ainda e a **rede privada disputa esse lugar**. Ela tem um forte papel. Ela não é uma opção democrática, mas ela **cumprum papel social de relevância**.

Há alguns indícios de que uma certa **melhoria na condição econômica das classes populares levaria a uma migração para escolas privadas** de baixo custo, ou até mesmo alimentaria esse mercado de venda de sistemas apostilados.

Não deveria ter **incentivo econômico para matrícula na escola privada**, porque a escola pública vai mudar também quando mudar o perfil da população que a frequenta.

Não quero ver a educação como mercadoria, porque mercadoria você compra e a educação tem que ser para todos. **Se a educação é direito, ela não pode ser vendida**, porque não são todos que têm dinheiro para comprar. Básico, simples assim.

Existem **grupos de capital aberto** que não têm interesse nenhum na educação, é apenas um setor que está dando lucro no campo das ações, do capital aberto. Eles **vêm atuando na educação** do Brasil de uma forma extremamente agressiva, com rápido crescimento. Eles atualmente estão na Educação Superior, mas têm projetos de se expandir para a Educação Básica.

Nunca se diluiu as fronteiras entre o público e o privado como acontece hoje. Estamos num risco muito grande. A Constituição de 1988 reconheceu o dever do Estado de prestar o serviço educacional, gratuito e público. Hoje, há uma noção equivocada de que, se o serviço for gratuito, ele pode ser subsidiado por recurso público. Isso é uma das **polêmicas agora no PNE**: os 10% seriam só para a educação pública ou para a educação, sem “pública” do lado?

Temos a cultura de misturar privado e público no Brasil e “nada mais natural” do que ter uma fundação que apoia a educação pública e ter vários fundos de investimento na educação privada. Isso é um **desvio do público para o privado**.

Existe o debate sobre quais instituições escolares receberiam recurso público. O ensino religioso é facultativo, mas na prática não é, justamente na escola pública. Se as escolas privadas querem fazer o **ensino religioso** se orientando por uma matriz religiosa, tudo bem, mas **não está certo fazer isso com dinheiro público**.

Temos um momento de encruzilhada porque o setor privado se organiza para pegar parte importante do orçamento da educação. Ele é eficiente sob a perspectiva da geração de matrículas, mas são matrículas de baixíssima qualidade, sem nenhuma regulação. O **setor privado tem transformado a educação em uma**

grande planta de negócios, com os sistemas apostilados e consultorias, sem preocupação com a qualidade.

É uma **oligopolização do setor privado** da Educação Superior. Há a transformação de algumas instituições médias em instituições de baixo custo, que pagam pior os professores, dão piores condições de trabalho. O impacto disso é dramático, principalmente porque são essas instituições que formam os professores da Educação Básica.

Está claramente delimitado hoje que existe um processo forte de **privatização da educação** no Brasil, caracterizado pela **venda de sistemas de ensino**, que tem o seu mercado na própria **precariedade dos sistemas públicos**.

É **complicada a relação entre o setor privado e o setor público no Brasil**, com escândalos de corrupção, licitações fraudadas, uma relação muito promíscua. É um risco para o direito à educação porque normalmente a opção de fazer essa relação com o privado é uma opção financeira. A opção privada custa mais barato porque ela oferece serviços mais baratos e flexibiliza as relações de trabalho.

Pelo limite da Lei de Responsabilidade Fiscal, os municípios não têm margem no orçamento para contratar mais professores, embora eles tenham dinheiro para isso. Com isso, acabam contra-

tando empresas pagando-se um excedente ao setor privado, que poderia ser revertido em melhoria da condição dos salários dos professores, e esses professores acabam então sendo contratualizados através de terceiros. Isso é um dos **“móveis” da privatização** no nosso país. Hoje temos escolas com uma direção dupla: uma direção administrativa de natureza privada e uma coordenação pedagógica de natureza pública.

O caminho para a não privatização das escolas públicas começaria com o retorno dos cargos privatizados à condição de cargos públicos. Os agentes escolares estão privatizados. Privatizaram a cozinha, **privatizaram tudo, só não privatizaram ainda os professores, mas eu acho que estão nessa direção.**

Confio na gestão privada. É melhor do que a pública e não tem que enfrentar o corporativismo dos professores. Os educadores são ideológicos, contra o mercado, o lucro, a iniciativa privada. É uma visão retrógrada, de uma sociedade que passou. O que importa é educar as crianças, **não importa se é público, privado, meio estatal.** Existem pessoas mais preocupadas em evitar que tenha lucro do que em melhorar a qualidade da educação.

O COMPROMETIMENTO E A MOTIVAÇÃO DOS PROFESSORES/EDUCADORES

Nós somos os únicos profissionais **que temos literalmente o futuro em nossas mãos diariamente.**

Não adianta nós termos os melhores materiais didáticos, as melhores ferramentas tecnológicas se nós não tivermos **excelentes professores.**

Os professores são uma **categoria muito comprometida.** Em geral, um professor fica muito feliz quando vê um aluno dele aprendendo. Para ele, é um presente sentir que ensinou. Acho que esse é um **lado bom que a gente não perdeu ainda** e não podemos perder.

Os professores que resistem e desistem são os mesmos, são os apaixonados. A educação hoje está melhor por conta de muitas pessoas apaixonadas, que fizeram além do burocrático, além do que estava no programa. Acontece que, quando você não tem condições concretas e materiais de expressar e viabilizar essa sua paixão, você adocece. As **pessoas estão adoecendo** por não conseguirem canalizar a sua paixão.

Mais ou menos 50% dos professores vão poder se aposentar nos próximos dez anos. Não há jovens entrando na carreira, porque a carreira não existe. **Não vai haver professores** e como vamos educar as crianças sem professor? A edu-

cação não é só a transmissão do conhecimento, mas todo um processo que envolve a totalidade do ser humano, as competências cognitivas, as socioemocionais, as atitudes, a ética, as habilidades.

Hoje há um **déficit de professores.** Metade dele está localizada nas áreas mais estratégicas que o país precisa: matemática, química, física e biologia.

Eu prefiro mil vezes menos professores muito bem remunerados, ganhando quatro vezes o que ganham hoje, em **outra configuração que não é tão professor intensiva.** É impossível ter 2 milhões de profissionais, ganhando superbem, valorizados e bem formados.

Aprendi que nós, enquanto educadores de uma maneira geral – não importa a função que você esteja exercendo no momento –, **temos que oferecer as oportunidades.** É preciso ver o indivíduo como um todo, partindo da realidade que ele tinha e o que ele se tornou hoje. É bem legal a gente ter a possibilidade de ver o crescimento das pessoas.

Tem **muito professor ainda que acha que ele é centralidade,** que ele tem o poder de decisão sobre conhecimento, avanço e retrocesso dos estudantes, e **mexer com isso é muito difícil.** Desloca a questão da autoridade quando você

faz esse movimento de colocar a centralidade na aprendizagem.

No Brasil, temos uma **cultura em que o professor é dono da sala de aula** e ninguém interfere no que acontece dentro dela. Um relatório internacional mostrou que professores brasileiros são os que menos assistem às aulas uns dos outros. O diretor tem que ser capacitado para **entrar na sala de aula do professor** e discutir com ele e os colegas dele sobre por que não se usa essa ou aquela estratégia.

A maioria dos professores brasileiros não participa socialmente. A gente tem as representatividades, que são os sindicatos, os conselhos, mas mesmo elas ainda são questionáveis, porque se misturam ainda com as questões partidárias, com as brigas políticas internas, seja municipal, estadual ou nacional. Então, ainda não temos aí um campo tão limpo e leve, ou claro, da **efetiva participação social dos professores**.

Um professor que tenha novas práticas muda a sua sala de aula. Uma escola muda a escola, um município muda um município. Vai contagiando.

A QUALIDADE DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Quando entrei na sala de aula pela primeira vez, foi aterrorizante, porque **você não é preparado para aquele momento**. Você tem aquele conhecimento acadêmico e tudo, mas, quando você entra ali, você tem 30, 40 vidinhas diferentes, mundos muito diferentes.

Temos uma acomodação, uma **lógica conformada de que o perfil do estudante de pedagogia é de pessoas de classe sociais mais pobres**, de menor bagagem cultural, de formação mais precária, que vão para faculdades particulares, de baixa qualidade, e vão dar aulas no sistema público, também de baixa qualidade. Essa **lógica é inaceitável**.

Os **cursos de pedagogia**, na forma como existem hoje, **são um fracasso**.

Estamos avançando em pesquisas de **neurociências** voltadas a como as pessoas aprendem. Se as usarmos, teremos uma formação de professores muito mais voltada para a sala de aula e para a personalização do ensino.

Os professores não têm formação para lidar com os desafios da sala de aula. Eles **precisam ter ferramentas de resiliência**, de como se manter centrados e calmos no meio da confusão, por-

que mudanças estruturais vão demorar e temos que ajudar agora.

O professor deve estar equipado **de técnicas para ajudar a criança a se desestressar**, não só para a paz na mente, mas para a aprendizagem. O estresse ativa o cérebro para lutar ou fugir. Quando uma criança é estressada, o córtex, onde se aprende, não funciona.

Não é só formar os professores para aprender melhor física, química, português e matemática. Também se deve fazer isso, mas não é suficiente. É **aproximar as formações do mundo real, do cotidiano da escola**. Aprender a fazer gestão, a administrar pessoas, se relacionar com atores, ser capaz de interagir com os alunos, os pais e a comunidade, tudo o que está associado em termos de liderança de pessoas, recursos e conteúdos.

A universidade tem um papel importantíssimo, mas **ainda existe uma distância enorme entre a escola e a universidade**. Incompreensão de ambos os lados.

A gente **precisa dessa universidade mais dentro da escola, e a escola mais dentro da universidade**.

A maioria dos professores veem que a escola está falida, querem mudanças, mas não sabem como. Existem **muitas parcerias entre univer-**

cidade e escola, muitos projetos. A universidade vem para dentro da escola, faz capacitação, auxilia os professores. Quando você olha as escolas, elas já são outras.

Se entram 40 alunos em química e em licenciatura, se cinco se formarem, ou nada, é a mesma coisa. Se um programa de pós-graduação não publicar nenhum artigo no Qualis, ele vai ter grandes problemas de posição. Não temos nada que **coloque a universidade em cheque em relação ao seu comprometimento com a Educação Básica**.

Faculdades de pedagogia, em geral, são muito ideológicas e é muito difícil conseguir que os próprios professores se convençam de que **os cursos deviam focar mais as necessidades da rede pública**.

Na formação do professor, inicial ou continuada, é **fundamental que o método faça parte do conteúdo**, ou seja, é tão importante o que se pretende ensinar quanto a forma de ensinar. Os professores precisam saber o que ensinar e como ensinar. Atualmente, a gente vive os dois dramas. Tem professores que não sabem nem o que nem como ensinar.

Somos **formados para atuar em disciplinas separadas**. A formação do professor vai ter que ser **mais interdisciplinar**.

O professor tem que fazer uma **harmonização na escola**, descobrir as múltiplas inteligências, tratar das competências socioemocionais para colocar essas inteligências, para que todo mundo possa se desenvolver no coletivo. O professor é o regente dessa orquestra e precisa ter uma **formação complexa**.

Existem os quatro pilares. Preciso ensinar esse professor como ele vai trabalhar, incentivar que pense nas atividades que pode aprimorar para desenvolver o pilar do **“aprender a aprender”**, ou do **“aprender a fazer”**, ou do **“aprender a conviver”**.

Em relação à **formação dos professores**, nós temos o grupo da dissidência que domina esse setor, e eles divergem de todo o resto. O governo federal fala que o maior problema é que nem com as universidades públicas eles conseguem **“meter a mão”** na formação. Os professores reclamam, as organizações da sociedade civil também falam que tem que mudar. Todos dizem isso, e os dissidentes continuam ali no seu gueto. Só conseguimos **implodir esse cartel** através de uma convergência muito poderosa.

Nessa discussão atual de **“precisa haver mais prática”**, **“mais momentos dentro da escola”**, **“mais metodologias de ensino”**, podem estar escondidas outras questões muito importantes. Não é uma discussão própria da área da educação e das licenciaturas! Como fazemos para

conscientizar, na graduação, na formação inicial, que **ninguém, ao terminar uma graduação** de quatro, cinco, ou seis anos, **sai formado e sabendo tudo o que precisa para trabalhar no dia seguinte**? A vida não é assim.

A **lógica da meritocracia** nas universidades é muito forte e acaba conduzindo a um caminho que é o caminho do individual. Então, entre entrar em um debate para discutir política educacional e **escrever um artigo científico que vai me render pontos**, ou dar uma **palestra remunerada** que vai trazer um dinheiro que é necessário para mim, eu vou ter que escolher.

A **universidade não quer dialogar com a escola** porque foi feita para formar os pensadores da educação. A **pedagogia não quer diminuir o seu poder** e luta para não deixar que isso aconteça porque isso esvaziaria a pedagogia. Ao mesmo tempo em que tem gente trabalhando para mudar, tem gente trabalhando para que nada mude. O **exército da mudança tem que ganhar do exército da manutenção**.

A gente ainda se mantém na rigidez da estrutura, e isso vale tanto para a universidade, quanto para a escola. A zona de conforto, essa inércia que nos move, é **uma estrutura que acomoda poderes, recursos, modos de fazer** que foram se tornando normais. Esta estrutura **acaba enrijecendo qualquer outro tipo de atitude**.

A **universidade é um espaço muito rígido, muito refratário à mudança**. Nós teríamos condições de implementar inclusive materiais, ter currículos mais flexíveis, e nós não fazemos. E não é porque o governo não permite, mas porque **nós criamos uma inércia**, um movimento aprisionado nas nossas caixinhas.

Precisa haver **uma reforma universitária de alto nível neste país**. Nós não formamos professores, mas pedagogos. **Na licenciatura, os professores sabem o que ensinar, mas não como ensinar**. Os currículos não garantem, na sua formação didática, o “como se ensina”, um dos “n” problemas do curso universitário. A escola não vai conseguir mudar o sistema, mas a universidade pode. A não ser que haja uma **revolução de professores de escola**, de nível de massa crítica, de consciência, e seja forçoso mudar.

Desde que a **formação de professor foi institucionalizada no Brasil, foi como um subproduto**, como opção, habilitação, e nunca com um sentido mais nobre. Você tem **um professor que sabe os fundamentos, mas que não sabe a matéria, ou um professor que sabe a matéria, mas que não tem o “pedagogês”**, o que também não adianta.

Ficou esse **sistema esquisito que temos hoje**. As licenciaturas específicas estão separadas em suas respectivas unidades. Uma não conversa

com a outra e nenhuma delas conversa com a pedagogia. A faculdade de educação ficou encarregada de dar a formação pedagógica para todo mundo. E a USP defende esse modelo.

Vejo que o **curso de pedagogia na universidade hoje é muito melhor do que o curso que eu fiz**. O **escopo** de formação dos nossos professores e pedagogos **foi ampliado**. Hoje eles lidam com questões muito mais amplas e variadas do que há 30, 50 anos atrás.

O **currículo de pedagogia precisa ser completamente redefinido**. Um professor que sai de um curso sem ter visto nada do que é a matéria-prima para o trabalho dele já sai um profissional fragilizado, já entra assustado em uma escola, não sabe como ensinar os alunos e, por causa disso, já é um **profissional que não consegue nem cumprir bem o seu ofício**, ser respeitado, fazer um bom trabalho, conseguir que os alunos aprendam, para ter um reconhecimento social.

Os nossos professores que vão lecionar na escola são **muito mal formados**. Oitenta e cinco por cento dos professores que se formam no Brasil se formam em escolas particulares que não têm um projeto pedagógico qualificado. De outro lado, temos as universidades públicas, que formam muito bem seus professores, mas são professores com um grande lastro de filosofia, sociologia, história, política e pouco

de metodologia. Não dá para deixar **85% da formação dos docentes na mão de entidades privadas, em boa parte, de baixa qualidade**.

Nós não precisamos de mais cursos para formar professores. Nós formamos muito mais professor do que precisamos. O **problema é que esses professores não querem dar aula**.

Os professores saem da licenciatura sem saber estruturar um plano de aula e não entendem que não saber isso é um elemento que faz com que o professor seja um fator de **manutenção ou amplificação da desigualdade**. Um bom plano de aula enfrenta, na origem, todas as defasagens que temos dos segmentos que entram na escola pública e precisam do apoio de um bom plano de aula.

Não existe no Brasil a **residência**, em que dois anos são feitos na universidade e os últimos dois anos, dentro da escola, com um tutor que **acompanha**.

Se a **residência pedagógica** já é **difícil em uma universidade federal** que tem um orçamento razoável, imagine em **uma faculdade em que o professor é pago como horista**.

O MEC tem **vários programas de formação de professores**, a Universidade Virtual do Brasil, a Universidade Aberta, PIBID, RedeFor, PaFor etc. Mas são programas isolados e a formação de

professores **precisa de uma solução de conjunto**. É preciso negociar com as universidades.

Hoje a **educação continuada é só para cobrir lacuna**. Existem **deficiências tão sérias** que, muitas vezes, no Ensino Superior, o aluno recupera os seus conteúdos do ensino básico.

A formação continuada não vai conseguir suprir totalmente as deficiências de uma formação inicial. Tem que melhorar mesmo a formação inicial, para que **a formação continuada seja aquilo que ela tem que ser: uma discussão, um apoio aos problemas profissionais que o aluno enfrenta**, mas ele já precisa chegar sabendo de que se trata o seu trabalho.

Um **avanço foi a Lei do Piso, os 30% do salário do professor destinados à formação permanente**, realizada na escola. Batalhar pelo cumprimento dessa lei em todos os lugares é uma coisa importante porque ainda não são todos os estados e municípios que estão pagando o horário de formação continuada para o professor. Esses 30% a mais podem ser um divisor de águas se bem utilizados.

Considerando a realidade e o quadro de professores que já temos, **precisamos mudar a estratégia de formação continuada deles**. Tem que ser em serviço, no dia a dia do chão da escola, com os professores mais experientes recebendo recurso para poder **apoiar** professores menos

experientes. É **coaching**, acompanhamento de gestão de sala de aula, prática de gestão escolar.

Até hoje **a diversidade sexual** é um tema não presente na educação formal inicial desses profissionais.

Várias universidades têm programa de **formação a distância com as questões de gênero e diversidade**. Em algumas **universidades** tem-se mantido a **formação de professores com essa temática**. Existem centros que estão sendo criados nas universidades para trazer até ela essas discussões. Então, alguns espaços têm sido ocupados e tem-se criado uma resistência para isso.

A ATRAÇÃO DE PROFESSORES

É **preciso atrair os melhores** para a educação. Hoje os professores quase pedem desculpa por não terem a competência de buscar outra profissão. **Não sonham em ser professores**. Os filhos de professores, menos ainda.

O maior problema é a **juventude mais brilhante do Brasil não querer a carreira do magistério**. Os que passam são os que não conseguiram passar para direito, engenharia, economia e outras carreiras onde se ganha mais.

A opção da licenciatura acaba sendo só “para quem não entra nos outros cursos”, ou seja, para aquelas pessoas que antes não conseguiam entrar na Educação Superior, passando a ser meramente a **porta de entrada da educação superior**.

A carreira precisa atrair novos jovens, o que hoje não acontece. Nós vamos ter no futuro um **problema sério** se não resolvermos isso, porque tem **muita gente se aposentando e não temos o número necessário entrando**.

Ninguém quer trabalhar na educação. Poucos jovens o querem. Não se tem perspectiva, ganha-se muito pouco, carreiras não são valorizadas, a **contratação é feita como trabalho temporário**.

Se houver uma decisão forte do governo de **canalizar os recursos dos royalties para a melhoria salarial dos professores**, a carreira de professor pode voltar a ser um pouco mais atrativa para os jovens, e poderemos **atrair profissionais com melhor qualidade**. Não vai ter resultados imediatos, a curto prazo, porque melhorar o salário dos que estão aí não vai influenciar, mas a médio prazo a gente vai ter uma nova leva de professores mais qualificados.

Se **nos grandes centros eu já não consigo preencher as vagas** com bons salários e carreira atrativa, **imagine no interior do país**.

Dos países que estão no topo da Educação Básica de qualidade, todos têm em comum a **carreira do magistério como um objeto de desejo para qualquer jovem**. Há algo errado em um país onde ninguém mais quer ser professor.

O NÍVEL DE VALORIZAÇÃO DO PROFESSOR

Não é só valorização financeira, mas um **novo olhar da sociedade**. Nenhuma profissão é valorizada se for vista como coitadinha. Se eu tenho vergonha do que faço, que estima tenho por esse trabalho?

Somos um país que não dá importância, não valoriza, não prestigia. Não pagar salário é um exemplo disso, mas não é só. É o professor não ser uma figura respeitada. Em uma sociedade avançada, deveríamos sempre andar com um **tapete vermelho** para botar onde passa um professor.

Quem pagou o **preço da universalização** foi o professorado.

Temos que valorizar o docente, o que começa por **encará-lo como um profissional da educação**. O docente de Educação Infantil é chamado de tio, tia, o que é uma maneira de desvalorizar. Uma outra maneira de desvalorizar é falando que a docência é uma vocação, uma

missão. Pode até ser uma missão, mas é uma missão profissional. Os próprios docentes não se olham muitas vezes como profissionais, preferem **se apresentar para a comunidade como “coitadinhos”**.

Se o PNE aprovado for colocado em prática, poderemos atingir um estágio muito bom da valorização dos profissionais, com os **planos de carreira** colocados em prática, **contratação por concurso público e valorização do ponto de vista salarial**, pois hoje os professores recebem muito menos do que os profissionais com a mesma formação.

A gente fez um estudo que mostra que, **quanto maior o salário do professor de escola pública, menor a proporção de professores que matriculam seu filho na escola privada**. O professor hoje não confia na escola onde ele dá aula.

Tem um **progressivo processo de adoecimento mental, de saúde mental, de angústia** dos professores. Acho que a questão da formação e valorização dos professores é um problema persistente e eu não vejo movimentos muito rompedores.

Tem uma **desvalorização** que não é só financeira, salarial, mas **da identidade do professor**.

Precisamos aprender a **valorizar os educadores, não apenas os de sala de aula**, mas outros também.

Precisa haver a coragem para dizer: o professor vai ganhar três vezes mais, mas vai ter que apresentar muito mais resultado. Esse **sistema atual que paga mal, mas não responsabiliza é um jogo de faz de conta**. Faço de conta que ensino, faço de conta que aprendo e está todo mundo muito feliz nesse jogo.

O sistema não deve ser organizado para beneficiar o professor. Ele deve ser respeitado e valorizado, mas o nosso foco é o aluno. Ele precisa aprender e para isso preciso acompanhar, fiscalizar e cobrar o professor. **Ele não é um coitado, é um profissional**. Deve ter tratamento profissional para ser **cobrado pelo desempenho**.

Os professores têm um poder muito grande de fazer a mudança que nós precisamos do ponto de vista educacional e, cada vez que eles fizerem esse movimento, mais serão reconhecidos pelo trabalho. Certamente, isso vai gerar uma valorização deles também. É uma **eterna disputa**. Do lado do professor: **“Eu não faço, porque eu sou mal remunerado”**. Do outro lado: **“Eu te remunero mal porque você não faz”**.

O **aumento de salário** de professores é uma parte fundamental, importante, mas **não suficiente** sozinho. Se você dobrar hoje o salário do professor e ele continuar dando a mesma aula que ele dá, não adianta. Ele pode dizer que vai ficar mais motivado, mas **não vai virar um professor melhor porque recebeu um salário maior**.

A **meritocracia** é um pouco isso: “Muito bem, estou fazendo benfeito, então eu me destaco e sou valorizado e reconhecido naquilo que estou fazendo”. E então vira uma carreira atrativa, as pessoas vão querer ingressar nela.

Precisamos **estruturar o sistema de incentivos** para o principal fator dessa história, que é o professor. Há um problema de desalinhamento de estrutura salarial. A mudança real implicaria **repensar a questão previdenciária** e resolver o problema previdenciário. Senão, não se pode exigir do gestor que consiga melhorar a situação salarial, porque isso impacta a folha como um todo para um contingente cada vez maior de pessoas aposentadas.

AS CONDIÇÕES E A REGULAMENTAÇÃO DO TRABALHO DOS PROFESSORES

As **condições de trabalho do professor são muito duras**, não amenas. São condições de salas pequenas, lotadas, muito tensas, com muito conflito. Precisamos começar a melhorar isso já.

Há um **absenteísmo docente muito alto que está desculpado socialmente**. Como o professor não tem um bom salário e está submetido a condições ruins, a gente aceita essa expressão.

Uma das coisas que temos de enfrentar na educação é o **estresse**. Os **professores estão no limite**: a maioria dos professores no Brasil está com transtorno de sono, desequilíbrio emocional, enxaqueca, dores, problemas digestivos e uma boa parte está na fase do *burn out*, queimados, não estão aguentando mais.

Ninguém quer ser professor, pela dificuldade no trabalho. **É a terceira profissão mais estressante no Brasil** – depois de controlador de voo e segurança pública.

Não é possível que um mesmo professor tenha dois ou três contratos de magistério, inclusive com redes diferentes, como lecionar na Educação Infantil de manhã e na EJA de noite. Precisamos ter um **professor dedicado a uma escola**. E isso não se resolve porque os sindicatos de

professores têm muito **medo de trabalhar na solução desse problema**, com medo de perder algumas vantagens que os professores conquistaram nos últimos anos.

O professor tem que ter uma outra estrutura de trabalho. A jornada de trabalho dele tem que ter **dedicação mais exclusiva**, com um **salário que seja compatível** com essa dedicação exclusiva. Tem que haver um tempo para o professor pensar, planejar, estudar e um tempo para ele atuar junto aos estudantes.

Algumas leis são muito frustrantes: **é quase impossível mandar embora um professor comprovadamente ruim**, que atrapalha a escola, que atrapalha a aprendizagem.

Nós temos um problema grande de leis relativas ao funcionamento público, porque **não há uma legislação muito particularizada para os professores**. A nossa **legislação é antiquada e é muito difícil mexer**, por conta de interesses corporativos. Nós não conseguimos fazer mudanças de base, mudanças estruturais mais profundas. Por exemplo, um diretor faz concurso e não pode mais ser tirado daquela escola. Seja ele bom ou ruim, ele fica lá.

Temos uma **legislação ultrapassada**, atrasada, **cheia de privilégios** que não se justificam e que não tornam atrativa a carreira, porque a pessoa pensa: “Ah, eu tiro licença, pego atestado mé-

dico e aí me aposento”. O Brasil, de modo geral, precisa pensar sua legislação de funcionalismo público, que é **muito engessada, não permite inovações e flexibilizações em benefício da educação.**

Vamos ter que ter a **coragem de mudar** algumas coisas que são **cláusulas pétreas** na regulamentação de trabalho dos professores. Essa história de **estabilidade e isonomia não combina com essa mudança.**

A QUALIDADE DA GESTÃO

Toda vez que você vai a uma escola boa, há uma **correlação perfeita entre a gestão escolar e aqueles resultados.** O gestor tem uma alta expectativa na criança, o que é muito importante em educação. É preciso ter um **agente de mudança.**

A cultura institucional da educação pública é **refratária à ideia de uma gestão de qualidade.** A secretaria e a escola são muito **pouco receptivas à possibilidade de uma gestão de qualidade melhorar o ambiente de ensino-aprendizagem.** Isso é agravado com uma enorme instabilidade institucional. A quantidade de vezes em que muda o secretário de Educação e a governabilidade do processo afeta muito.

Hoje só se fala de mais recursos para a educação e **ninguém fala de como é possível melhorar a gestão.** A gestão pública na educação é muito ruim. A maior parte dos recursos é dispensada com professores fora da sala de aula. O absentismo de professores é uma coisa enorme, o clientelismo, a politicagem que toma conta da educação, a gestão pública que é conduzida por ausência de princípios. É uma coisa assustadora e ninguém fala desse assunto.

É preciso a **gestão adequada** dos recursos significativos que a gente tem para a educação. Se olharmos as curvas que a gente tem, do ponto de vista de melhoria salarial e de aumento de aplicação de recurso na educação, e compará-las com as curvas de melhorias de resultados educacionais, veremos que o **resultado permaneceu estagnado** quando a gente aumentou os outros dois aspectos.

O diretor é eleito a cada dois anos. Acontece de **gestores sem perfil** assumirem escolas com dificuldades e acabarem tendo mais dificuldade ainda, porque não conhecem o sistema e não têm aquele olhar cuidadoso e humano. Como o processo é **eleitoral e aberto,** ninguém sabe quem vai ser a próxima vítima.

Uma questão importante é **fechar a torneira do desvio.** O recurso não é pouco, mas também não é bem aplicado. Isso aconteceria com controle social, que tem um papel muito impor-

tante, mas as pessoas não estão suficientemente empoderadas e informadas.

A **corrupção,** os desvios de verba dos quais nós não temos nem ideia. É **muito dinheiro que está envolvido.**

Quando penso em gestão, é uma **gestão que esteja preocupada em fazer o dinheiro chegar à sala de aula** e não ao bolso do professor, ou do diretor, do cara que vende merenda, do transporte, na editora que vende livro. Depois de tudo isso, o que chega à escola é relativamente pouco perto do que se arrecada. E, já que parece que vamos ter **mais dinheiro, teremos mais interesses** para satisfazer.

Temos o documento principal, que é o nosso PPP (**projeto político-pedagógico**). Todo ano ele é discutido no Sala do Educador pela comunidade escolar. Apresentamos nossas **metas bem claramente,** traçamos os objetivos e tentamos superar as fragilidades diagnosticadas, nunca perdendo de vista o **ponto principal, o ensino-aprendizagem,** a qualidade que chega aos meninos e meninas.

Hoje você vai a uma escola e pergunta ao diretor sobre o **plano político-pedagógico.** Ele diz que tem, mas o pega na gaveta, porque é obrigatório por lei, mas aquele papel é nada. Primeiro, **ninguém conhece aquilo.** Segundo, **ninguém participou da elaboração daquilo.** Terceiro,

quando você lê, vê que ele não está falando daquela escola.

A gente está acostumado, na educação, a **só desenhar políticas top down. E vai mudando a gestão, vai mudando a política.**

Nós temos que **preparar os docentes, toda a equipe, para atender o aluno** na sua necessidade básica e tentar minimizar as disfunções dentro da sala de aula.

Numa sala de 40 alunos, você não consegue nem perceber ou atua muito pouco sobre **aqueles que estão em condições desfavoráveis**. Mesmo que você queira atuar, as dificuldades são muito grandes.

Nós, educadores, de uma maneira geral, **temos muito medo de mostrar resultado**. Nós precisamos ter essa consciência porque o mundo é feito de resultados. E mostrar isso pro aluno, porque o aluno também não quer estudar em uma escola nota 3.

Quando a escola tem concorrência, se ensina a guerra ao invés da paz. O melhor aluno da sala, o melhor comportamento, o aluno mais dedicado, é sempre **competição**. Isso **não estimula o bem**, o querer bem de todos.

A **escola tem uma cultura muito própria**. A gestão do segundo setor pode trazer aportes

interessantes e significativos, mas **não vamos conseguir importar um modelo**.

Se você pudesse **liberar professores, coordenadores e diretores para pensar o pedagógico e ter administradores administrando a escola**, já teríamos um grande avanço, porque hoje você tem professores administrando escolas. Professor gerindo não dá certo, tem que pôr administrador profissional. Se não, não dá.

Nós precisamos pensar em **formação de gestores** e profissionalizar esses gestores. A gestão pública é alguém que desponta na política, ou uma professorinha que é legal e vira secretária de Educação. É preciso ter alguma **medida para profissionalizar a gestão**. E não adianta pensar com a cabeça de setor privado, tem que aprender com quem já sabe fazer.

Quem faz as coisas acontecerem na escola é o diretor de escola. E isso vai acontecer à medida que ele tiver a percepção de que a escola é feita num **tripé: o poder público** em suas três esferas (municipal, estadual e federal), **o profissional de educação** e a **família**.

Não adianta aprender no papel e, na prática, ainda continuar reproduzindo o que sempre foi a escola. **Como queremos que esse professor faça uma nova gestão se ele não passa por essa nova gestão como aluno?**

Estamos cada vez mais percebendo que vale a pena experimentar o esforço no nível de gestão da secretaria de Educação para que consigamos **atingir escala**. Senão, por mais que nos esforcemos, não conseguiremos fazer diferença.

A GESTÃO DEMOCRÁTICA

A **escola brasileira é muito fechada e autoritária**. Ela fala de projeto democrático da boca para fora. A escola pública não tem a convivência democrática. Ao contrário, quem manda é o diretor, quem manda nele é a secretaria e assim por diante.

As escolas são pouco democráticas, então o **movimento estudantil** ainda funciona muito na clandestinidade.

A gestão democrática é transformadora porque **vai formar pessoas e derrubar essa cultura que temos de não participação**.

A escola tem que ser um espaço de acolhida, de mediação, de buscar os parceiros para auxiliá-la, pois **sozinha não consegue tudo**.

Você **não pode fazer nada de cima para baixo na escola**. Se você não fizer com a adesão da escola e com a cumplicidade da escola, aquilo até acontece, mas, quando você sai, aquilo vai embora junto.

A **escola** é o local que mais fala de participação dos pais, mas que **não quer participação**. Quer que o pai vá lá para falar pro filho o que a escola quer que ele fale. Não é para de fato **dividir poder**.

Sempre **chamamos as famílias para reuniões, para acompanharem o aprendizado de seus filhos**. A família que entende melhor se inteira mais com a escola e **participa dos projetos**. Nós temos um pensamento no lado social de chamar a sociedade para participar da escola.

O que sempre achei legal e tento fazer aqui na escola é **ouvir o pai**. Muita gente tem a ideia de que o pai não tem o que acrescentar, mas tem muita coisa.

A gestão democrática não é só eleger o diretor da escola, mas construir o **projeto político-pedagógico** na linha da construção de uma pessoa plena, ter uma escola integral, ter acesso aos bens construídos pela humanidade. O modelo em que acreditamos deve ser **construído coletivamente**.

Eu preciso, enquanto professora, ser **uma gestora da sala de aula democrática**. Preciso, como secretária da Educação, **aplicar a gestão democrática**. Esse desafio é relativamente novo.

Os **conselhos de educação** nacionais, estaduais e municipais são viciados, com **representações que não representam coisa alguma**. Quem senta na cadeira, quem deveria representar a sociedade civil, é indicado pelo governo, e não são pais. O governo o coloca lá para votar a favor dele.

Fizemos uma pesquisa que comprovou que, dentre 5 mil pessoas dos conselhos, apenas 0,01% eram “pais puros” (pais que não têm formação em educação, pessoas que não vão lutar pela educação por interesses profissionais, mas pela educação dos filhos). Para uma **gestão democrática, precisa-se do envolvimento de “pais puros”**.

Entendemos a gestão democrática como o fortalecimento daquilo que devemos buscar: uma autoridade, mas **uma autoridade compartilhada**. Não discutimos mais **conselhos municipais** apenas como órgão fiscalizador, mas com suas **funções mobilizadora, propositiva, consultiva**, num outro conjunto de ações que é muito mais forte e muito mais contundente do que simplesmente a fiscalização.

AS POLÍTICAS PÚBLICAS

Não há um consenso sobre o que é educação. **Ninguém quer escrever na lei** o que é isso, porque **mexe em muitas outras coisas**.

Precisa-se fazer a **reforma política**. Se nós não fizermos a reforma política, muita coisa fica difícil. É uma **coisa estrutural que precisa ser alterada**. A partir disso eu acho que a gente tem que aprender a viver o que é uma democracia.

Não dá para pensar na educação fechada nos muros da própria educação. É preciso trabalhar em todas as frentes, desde políticas públicas. Não dá para pensar em acabar com a exclusão escolar sem uma política pública de educação e saúde. **A educação deve ser prioridade para todos e para todas as políticas**.

O que chega à sala de aula é uma **fração ínfima da política pública**. Aquela superpolítica não teve impacto. É preciso avaliar a educação a partir do resultado final no aluno.

Se pensamos em **equidade**, são necessárias **políticas diferentes para escolas diferentes**. Isso não quer dizer dar menos aos que precisam menos, mas dar diferente para que todos possam ter o direito garantido.

Qualquer sistema que crie cota para a escola pública vai criar uma vantagem que é trazer de volta para a escola pública alunos que a abandonaram, e geralmente eram alunos com desempenho melhor. **A política de cotas é como um mecanismo que faz esse aluno voltar para a escola pública, ajudando a melhorá-la**.

As **leis de demanda social implicam uma luta permanente para ser aplicadas**, como essa das culturas afro-brasileira e indígena, a Lei Maria da Penha, a lei contra o racismo. Se metade das nossas leis fosse aplicada, a gente estava bem.

O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (PNE)

O PNE foi um pacto em que existiu a **participação de pessoas com olhares diferentes, um pacto que não é do governo A, B, C ou D**. Precisamos cumprir o que está no plano e **acompanhar** o papel de cada um, desde a União, o estado, o município, a escola, o professor, o aluno, as famílias. A minha esperança é que o plano seja um compromisso com ajustes e aprimoramento, mas não como uma tarefa cumprida e que depois cada um continua fazendo o que sempre pensou e quis.

O processo do PNE, por mais doloroso que tenha sido, foi um **momento muito interessante de negociação, de partilha**, de entender o que é possível ou não. Esses vários atores tiveram que negociar suas propostas.

O PNE tem **vários avanços**, principalmente em relação ao projeto originário, mas tem alguns **riscos**. Entraram algumas **agendas**. É um plano dual. Ao mesmo tempo em que define a criação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica em resposta ao Ideb, ele estipula uma

estratégia de estímulo à remuneração por resultados, com base nos exames. Ele, na verdade, **atualiza a agenda de disputas hegemônicas e contra-hegemônicas no campo educacional**.

Durante todo o debate do PNE, teve o lado **dos que pediam mais recursos e o lado dos que queriam mais eficiência**. Venceu a tese de mais recursos com o compromisso de que o sistema iria ficar mais eficiente. Existe o **risco de a gente minimizar a questão da eficiência**, porque é mais difícil modificar as práticas de sala de aula, que significam fazer com que os alunos tenham melhores experiências de aprendizado, do que arranjar dinheiro para a educação.

O **PNE não fala em inovação**. Olhando o texto, parece que são dez anos de um mundo que parou de girar. Parece que é um **plano dos dez anos anteriores, e não dos dez anos futuros**.

Vejo o PNE um pouco melhor hoje do que o primeiro PNE, mas não vi metas claras e estratégias definidas de como realizar essas metas. O PNE é **cheio de intenções**, mas **não tem estratégias** para realizá-las.

O PNE é um plano que **não tem uma leitura de realidade. Ele só tem as metas**. O PNE era para ser uma resposta a um acordo sobre um problema. Nós **não temos um acordo sobre qual é o problema da educação nacional**. O

que predomina é a ideia de que o problema da educação é a falta de dinheiro.

São uma **loucura as metas do PNE**. Como a gente vai botar esse povo todo dentro do Ensino Médio, com esse dinheiro? Sem ter um fundo? Sem ter professor?

Eu ponho um pouco de **fé nesse plano** porque ele vai ter **dinheiro** e pretende ser um eixo de **referência para os planos estaduais e municipais**. A minha geração conseguiu derrubar a ditadura, mas eu quero ver a geração atual construir a democracia e, na construção da democracia, também uma boa qualidade da educação.

O plano está aprovado e sancionado, mas não está pronto. Nós (a sociedade) é que vamos dar conta de que esse **plano vire realidade**.

No PNE, **a gente perdeu uma discussão importantíssima, que é a questão de gênero**. E perdemos isso pela articulação dos fundamentalistas.

Houve uma **última tentativa de revisão do PNE com uma série de sugestões para incluir a questão da sustentabilidade ambiental**. Entrou “educação e sustentabilidade” como um dos dez princípios, o desenvolvimento sustentável, mas isso **não tem reflexo nas metas e nos objetivos**.

O ano de 2015 é estratégico, um período para **consolidar planos de educação nos estados e nos municípios**. Isso não é pouca coisa. Como nós não estamos acostumados a pensar a médio e longo prazos, as decisões são tomadas muito no sufoco a cada dia. O plano **ajuda a dar um horizonte**, a definir estratégias e, se for feito isso de **forma participativa**, ampliamos o **controle social** sobre o cumprimento das metas.

O MEC, através da SASE, está utilizando esse momento da **construção dos planos municipais e estaduais de educação** como uma estratégia de exercitar a pactuação sobre os principais assuntos da educação. Estamos apoiando a construção de **planos** para que não sejam planos da rede municipal de educação, mas **do território**. A rede tem que discutir com o estado, o estado tem que discutir no seu plano estadual as metas do município. Estamos contribuindo para uma **nova cultura**.

Os planos estaduais de educação vão proteger a sociedade, proteger a comunidade escolar, proteger o professor e o aluno **do arbítrio do gestor**. Esse recurso protege da sazonalidade política, da mudança de secretários, de governadores.

A ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO E O REGIME DE COLABORAÇÃO

A gente está há **mais de 80 anos brigando por um sistema nacional de educação**. Em 1988 nós não tínhamos esse consenso, mas **hoje parece que todo mundo concorda** com isso.

Nós temos que ter realmente uma organização cada vez mais competente da **organização do Sistema Nacional de Educação**, para discutir a Política Nacional de Educação. Não estou falando do governo federal, mas das instâncias federal, estadual e municipal com o comunitário, com a sociedade, com as escolas, os conselhos escolares e as assembleias escolares. É assunto também das câmaras de vereadores, das rádios, das cidades, que **precisam se envolver nessa discussão da política educacional**.

Os movimentos sociais não têm uma visão clara de que o **MEC precisa ter um papel coordenador nesse sistema** e que esse papel deve estar dedicado a uma condução estratégica da educação, à definição de diretrizes, à construção e condução de uma política nacional.

O desafio do momento é construir um **sistema nacional de educação que considere que nós somos um país continental**, com muitas diferenças regionais, mas que isso não seja usado como desculpa para você manter uma desigual-

dade. Às vezes o discurso da diferença regional ajuda a desigualdade.

Embora existam bons trabalhos nos diferentes níveis (federal, estadual, municipal), eles precisam se articular. O **Sistema Nacional de Educação** vem para isso. No nível do governo, há de se pensar na intersectorialidade. Não só em um sistema único, numa **articulação vertical**, mas também numa **articulação transversal**.

No Brasil, como nós tivemos poucos anos de democracia, nós sempre tivemos medo de centralizar a educação. Então, no Brasil, **o debate sempre foi para descentralizar**. O município ficou responsável pela coisa mais importante, que é o início da formação dos cidadãos brasileiros. O estado, outro pedaço, e a federação, outro, e **não conseguimos construir um sistema único**.

Uma coisa fundamental é **aprimorar a relação entre os três entes**. O **regime de colaboração** precisará ser muito bem cuidado, um **alinhamento de estratégias entre os três**.

O Consed, e talvez as regionais da Undime, poderia fazer junto com o Ministério da Educação, efetivamente, o **regime de colaboração** e tomar determinadas medidas e uma linha política de dizer: “Em dez anos nós vamos ter mudado radicalmente o cenário da Educação Básica no Brasil”.

O regime de colaboração seria um **sinal de maturidade dos nossos governantes** dizendo: “Chega, agora nós vamos nos unir e cada um de nós vai ser responsável”. O regime de colaboração é você se **sentir responsável pela rede** , mesmo que do ponto de vista constitucional aquele pedaço da rede não esteja com você.

Ninguém se preocupa com a totalidade. O sistema de articulação seria importantíssimo para dar conta dessa totalidade do direito, e não do que cada ente é responsável por fazer constitucionalmente.

A BASE NACIONAL COMUM / AS DIRETRIZES CURRICULARES

Preciso saber **o que ensinar** .

Não se pode deixar um país sem orientação curricular, não se pode dar liberdade total para isso. A liberdade é para adequar uma orientação curricular às realidades locais, mas aquilo que é nacional é nacional.

Precisa-se pensar em uma **base curricular comum nacional** , que **leve em conta a diversidade** .

Somos um **povo em formação** , mas dentro dessa diversidade **existem coisas que todos precisam saber na Educação Básica** . Eu não posso aceitar que fundamentos da matemática,

da leitura, da ciência, da nossa história alguns saibam e outros não. Qualquer projeto de futuro na educação passa por deixar muito claro que **há uma comunalidade** , e naturalmente **há as especificidades** . As diferenças regionais não resultarão em projetos educacionais que não tenham nada em comum.

A universidade fala que existe uma **diversidade muito grande e que eu não posso ter um currículo nacional** . Se faço avaliação nacional, por que não ter uma base nacional curricular, com espaço para temas locais e focados no espaço da escola e de cada estado?

Precisamos de uma **base comum nacional, além das diretrizes curriculares nacionais** .

Ao mesmo tempo, é muito importante que a **escola tenha espaço para fazer seu projeto pedagógico** . Será um retrocesso nós termos algumas redes em municípios ou estados simplificando a questão do projeto pedagógico, a questão da formação dos professores, da qualificação dos profissionais do ensino e adotando manuais de instrução aos professores.

As **diretrizes são boas, mas muito vagas** . Não sinalizam para o professor, e nem para as instituições formadoras, o que cada professor tem que aprender em cada ano.

Os **Parâmetros Curriculares Nacionais foram um marco positivo** , para definir algumas

coisas, mesmo sendo parâmetros, não um currículo. Foi um **norte muito importante** . Até hoje eles são muito utilizados pelos professores.

Precisamos de uma forte **reforma curricular em todas as esferas da Educação Básica** : alinhar o currículo para as demandas cognitivas e não cognitivas e garantir às idades adequadas trajetórias possíveis. Esse currículo é pensar no que os jovens devem aprender a cada idade. É meio “tudo ao mesmo tempo”.

É preciso olhar o currículo, e **não somente o cognitivo** , mas também as **questões socio-emocionais** . Tais habilidades **são catalisadoras para as habilidades cognitivas, para melhorar a aprendizagem** . Se trabalharmos esse currículo com uma **visão mais sistêmica** , poderemos acelerar a questão da aprendizagem e da mudança de cultura dentro das escolas, dos planos pedagógicos, formando melhor nossos professores.

A criança do Nordeste e a do Sul têm direito à **mesma qualidade, respeitando as diferenças culturais** . No Amazonas, as crianças devem ser alfabetizadas com a lenda da Iara, e no Sul, com a lenda do Negrinho do Pastoreio, mas a qualidade deve ser a mesma. Por isso, **não pode haver um livro único, uma cartilha, um modelo único, mas sim qualidade social** .

A partir da definição de currículo, você irradia todo o resto e mexe na formação de professores, mexe com o concurso para selecionar o professor, mexe na estrutura que você vai ter na própria escola, quais são as inovações com que você vai trabalhar e de que maneira vai trabalhar essas inovações.

Nós **não temos um currículo nacional** que oriente as nossas escolas e não temos um currículo orientador para a formação de professores. Nós abandonamos essa ideia, porque era “tecnicismo”, mas não é. É desenvolver uma **política para uma ação formativa em vista de uma nação.**

Muitas vezes, o livro didático é o programa do curso. **Não dá tempo de dar conta da quantidade de tópicos que ele tem.** Se o professor abre uma roda de discussão, aí é que não vai dar tempo mesmo de cumprir tudo aquilo. Aí, se vem alguém discutir flexibilização, falam assim: “Não, tudo bem, não precisa de tudo isso, vamos ver o que de fato é importante”. Não pode, parece **um crime falar de flexibilidade.**

Se há uma avaliação nacional, como a Prova Brasil, deveria haver uma orientação do que é preciso ensinar. Já que você está avaliando, está avaliando o quê? Aquilo que precisa ser ensinado. Você já está tomando indiretamente uma posição, então que se tome essa posição explicitamente.

OS SISTEMAS DE AVALIAÇÃO

Nós não tínhamos avaliação. Havia escolas onde as crianças não aprendiam nada, e isso não tinha nenhuma visibilidade. Em 2007, nós passamos a ter informação, então isso mexeu profundamente com a realidade da Educação Básica.

Ficou claro **quão importante é a informação para a democracia.** A informação de alta qualidade que temos **pode fazer a transformação** se colocada à disposição da boa política pública. Dizer que há desigualdade, abandono e que nós precisamos incluir as pessoas acaba influenciando.

Temos **resultados das avaliações** externas que vão jogando na nossa cara o insucesso, agora com **evidências concretas.** Então, todo mundo tem certeza de que não está aprendendo e consegue quantificar isso.

As avaliações de larga escala **são como um termômetro.** Elas medem a febre e indicam alguma coisa, mas não a causa. São uma espécie de **janela para irmos em direção à causa.**

Índice e qualidade são coisas diferentes, e no Brasil, principalmente com esse critério de avaliação de Ideb, é muito falso achar que porque melhorou o Ideb melhorou a qualidade da

educação. É estatisticamente falso e mais falso ainda na realidade.

Mesmo com todas as imperfeições que qualquer indicador sintético pode trazer, o **Ideb é um divisor de águas ao revelar a necessidade de medir a qualidade da educação.** Temos que ter um cuidado no uso desse indicador. O ranqueamento e a forma como o próprio Inep divulga esses resultados foram muito ruins.

O Ideb foi um grande salto, mas ele não pode ser usado para tudo, como é usado. Precisamos incluir as outras disciplinas e avançar na direção da **avaliação da escola, dos alunos, dos professores.** As questões da escola e dos professores devem ser incluídas na avaliação.

Quando fazemos avaliações educacionais, pegando uma escola, comparando o rendimento dos alunos e dizendo que esses são os bons, aqueles são os maus, **muitas vezes estamos comparando possibilidades incomparáveis.** A incorporação da ideia de diversidade dentro do conceito de mérito é um desafio. Nós precisamos construir avaliações educacionais, mas nós **temos que incorporar** nessas avaliações **indicadores que deem conta desses componentes da diversidade,** para que a gente não seja injusto.

As provas não medem muito a escola, elas medem um pouco a riqueza do país, a desi-

gualdade do país. Se você pegar o Pisa e pegar o PIB dos países, vai ver que eles se correspondem. O que tem mais **correlação com o Ideb é a alfabetização dos pais.**

Deveria haver um **investimento forte no uso dos resultados da avaliação como estratégia pedagógica.** Se houvesse **sistemas rápidos** universalizados para que a escola tivesse imediatamente os resultados de suas turmas de alunos, para revelar quantos estão abaixo do nível básico, o que estão errando, **a ação pedagógica poderia ser imediata.** Isso pode nos ajudar a alavancar resultados nos próximos dois a três anos, porque facilitaria uma **intervenção direta.**

Usar a **avaliação para ranquear pessoas nas escolas é o uso imbecil** dos anos 1950, que é o uso do controle. O **uso inteligente, com devolutivas pedagógicas e gerenciais** das avaliações feitas externamente com os alunos regularmente, é a possibilidade de ancorar o projeto da pedagogia daquela escola em metas reais e dar conta de fazer com que a escola melhore. Com o bom uso das avaliações por aluno e por escola, podem ser estabelecidas estratégias.

A avaliação é importante, mas ela **não pode perder nunca o caráter pedagógico.** É importante avaliar não só os trabalhadores, mas também o sistema. Avaliar se as políticas propostas

são exequíveis lá na ponta, ou se são pensadas sem participação.

Esse **modelo de teste já está colocado de lado por quem o criou.** Não resolveu, **intimidou professores** e ajudou a criar uma geração de pessoas muito mais preparadas para responder a testes e para burlar esses testes, porque envolve uma premiação, um bônus. Ranquear a escola não contribui. **Estimula disputa entre os professores e os funcionários.**

A avaliação tem gerado um **efeito negativo no Brasil, o encurtamento do currículo.**

Nunca se falou tanto em **educação para a cidadania** e nunca se **avaliou a educação tão somente em cima de um indicador muito pequeno,** que é uma nota em uma prova.

Algo central é **ter uma avaliação vinculada ao currículo, não o contrário,** que é a avaliação para fortalecer, induzir o currículo, mas, na verdade, empobrece o currículo nas escolas, porque só se ensina aquilo que vai ser avaliado.

É preciso **repensar indicadores e avaliações** para que possamos mensurar de um jeito mais profundo questões não só ligadas à habilidade de ler e escrever, mas as **mais ligadas à autonomia, à criatividade.** Não podemos considerar que isso que existe já dá conta.

A gente está esquecendo uma coisa importante que nem se menciona, que é olhar o ensinar. **Não se avalia o ensinar.** A gente tem um grande desafio. Refletir sobre o ensinar, avaliar o ensinar.

A gente critica muito esses *rankings*, já que, sempre que sai um deles, você **torna o sistema mais segregado,** porque aquelas crianças daquelas famílias que têm um pouco mais de recurso vão **abandonar aquela escola que teve uma nota pior,** mesmo que aquela escola esteja fazendo um trabalho muito bom.

A responsabilização precisa ser constituída de maneira um pouco mais complexa, porque **os resultados da educação dependem de um conjunto de atores,** e a responsabilidade tem que estar devidamente distribuída entre todos.

O NÍVEL DE DIÁLOGO E A COLABORAÇÃO MULTISSETORIAL

Para os grandes desafios que a gente tem, precisamos de coalizão. A **coalizão é fundamental.**

Há **alguns consensos:** é importante melhorar a educação, é preciso mexer nos modelos, a educação não está boa, é preciso valorizar os professores. O que **difere são as soluções.**

Não existe muita sintonia sobre vários assuntos. Não é só falta de sintonia. Existe uma

cristalização de pensamentos tão arraigados que o diálogo é muito difícil.

Este momento é de **competição**. Poderíamos ter muito mais consenso no Brasil se não houvesse essas **vaidades institucionais**.

As pessoas não entendem o básico de educação, as leis. Há um enorme **desconhecimento** e o risco para que essas coisas não avancem é o **embate entre os amadores educacionais e os profissionais da educação**. A educação deve ser tratada como um problema por si só e seus desafios precisam ser bem compreendidos para poder ser superados.

Tenho participado de muitos grupos que estão buscando a coalizão, e eu os vejo serem cada vez mais produtivos. Hoje eu vejo um **espírito público mais desenvolvido, o espírito do coletivo**. Temos que continuar fortalecendo os grupos, as redes, os movimentos que são de **busca de convergências**.

Estamos **investindo nos novos atores, as startups**, que estão criando soluções inovadoras e que podem arejar as ideias de educação. São pessoas de outras áreas entrando na educação: o *designer*, o cientista da computação, o engenheiro, outras pessoas que vêm com pragmatismo, com outras perspectivas que vão se somar. Estamos investindo nesse **sangue novo**, que são **jovens comprometidos com a**

educação e que têm outra forma de pensar e fazer a educação.

Percebemos que o Estado está **se fechando cada vez mais para a sociedade**. Temos um Estado em disputa e uma disputa desigual. Temos a **criminalização dos movimentos e das lutas sociais** nas ruas, o que nos coloca em uma situação difícil. Como a gente vai conseguir a mobilização social quando seus mobilizadores são criminalizados?

O MEC cometeu um **grande erro ao suspender a conferência** no momento de ebulição, e isso hoje provocou certo **movimento de descrédito**. Há sempre muitas contradições, muitas fragmentações. Você mobiliza as pessoas, os professores, os educadores para ir à conferência e acontece um processo como esse. As pessoas tendem a dizer: “Olha, não adianta, é sempre assim, não vai dar em nada”.

As organizações da sociedade civil têm essa **tarefa de trazer crítica e questionamento**.

Há uma **presença muito grande das fundações empresariais no cenário**. Elas ocupam um papel legítimo, por serem **sociedade civil**, mas sinto que estão trazendo toda a sua agressividade e *ethos*, o **modo de fazer do segundo setor**, que é muito diferente da cultura da escola. Estão trazendo pelo poder econômico um posicionamento muito forte, inclusive

sobre as **organizações da sociedade civil que veem o seu papel reduzido a prestadores de serviços**, perdendo a oportunidade de produzir conhecimento, tecnologia e metodologias.

O setor empresarial tem uma concepção completamente estreita a respeito do setor público e acha que é **possível conduzir o setor público com as mesmas ferramentas do setor empresarial. É completamente diferente**.

Investimos muito em construção de conferências, em instâncias e esse **movimento empresarial sempre está tendo um acesso privilegiado às estruturas do Estado**. Nós temos todo um processo de negociação para chegar a algo e eles chegam muito rápido a jornalistas, por exemplo.

Vejo uma **união de esforços e o começo de um trabalho conjunto dos vários setores na educação**. Se tem uma área em que as fundações e institutos de fato colocam a logomarca em segundo lugar e falam: “Vamos sentar juntos e fazer projetos conjuntos”, é na educação. →

O PAPEL DO MOVIMENTO SINDICAL

Os sindicatos dos professores no Brasil se descolam do problema. A reconfiguração passa por **se abrir e entender os problemas da educação como um todo**, para além da classe que representam, e se envolver nas discussões.

Não consigo ver os sindicatos lutando pela educação. Vejo o sindicato ajudando a educação quando **luta pelo salário, mas não é o principal objetivo**. Se fosse, o instrumento de luta não seria a greve e a luta não seria só por salário. Não vejo luta para substituir os quadros negros que tem por aí por lousas inteligentes.

A maior parte dos **deputados da comissão de educação é ligada à área sindical**. Isso complica muito, porque eles têm uma lógica e se organizam para estar aqui. Isso faz com que **algumas coisas que seriam importantes não caminhem aqui dentro**. São contra tudo o que se refere à avaliação dos professores, à gestão democrática que trabalhe com a ideia de mérito, formação e não só eleição. Elementos estratégicos dificilmente são tratados.

O sindicato pressiona e o governador tira o secretário porque foi contra a vontade do sindicato. Ter um **sindicato de professores que pensa nos resultados da educação é diferente de um sindicato que só pensa nos resultados para a própria categoria**.

É preciso **enfrentar os sindicatos**, que impedem que as reformas aconteçam. O objetivo do sindicato, que é legítimo, é defender seus próprios interesses, e não os interesses do aluno. Muitas vezes **o interesse do professor não é o mesmo do aluno**. Pessoas têm medo de enfrentar os sindicatos, porque eles fazem greve e o governador perde a eleição. É um grande dilema.

Esse movimento corporativo dos professores fazendo greve é **péssimo para as famílias**. Para uma pessoa da escola pública, ficar 20, 30 dias sem aula durante o período letivo e os pais precisando trabalhar é um transtorno enorme.

No Brasil, o professor pode estar afastado da sala de aula há anos, faltando loucamente e ele continua como funcionário público, com aulas. Tem que haver **mudança nessa legislação**. Os sindicatos erraram na estratégia de valorização a partir do momento em que colocaram na sua pauta de reivindicações a **possibilidade de faltas e de uma série de regalias** para os professores.

O PAPEL DA MÍDIA

O **papel do jornalista é jogar luz** sobre as discussões e os projetos que poderiam realmente influenciar o futuro da educação. Pós-PNE, agora é hora de **estar vigilante ao extremo** para saber se o plano está sendo cumprido e se os recursos estão sendo bem aplicados, naquilo que o plano se propôs a fazer.

No passado, nós **tínhamos jornalistas super-preparados para a educação**, que tinham colunas nos jornais, que sabiam quem eram os pesquisadores, conversavam constantemente. Hoje **não temos mais o jornalista especializado**, o que cria uma dificuldade de pôr na mídia ideias coerentes.

Temos um risco enorme de ter cada vez mais o **perfil de jornalista jovem, pouco especializado para cobrir educação**. O jornalista tem que **qualificar o debate educacional** e não deixar que a sociedade se perca de olhar para o essencial, que é a aprendizagem do aluno. O aluno é a razão de ser no sistema educacional.

A mídia **exagera muito**, porque **pega as experiências negativas** e tem uma **influência na formação de opinião**. Então, todo mundo pensa: “Ninguém quer ser professor”. →

Coloco bastante **responsabilidade na mídia** por não termos conseguido sensibilizar a sociedade.

Não vejo movimentos brigando para que a mídia tenha um **papel mais efetivo na educação**. Temos que passar a dominar a **mídia a serviço da educação**. Ela tem que cumprir o papel de informação com liberdade absoluta.

Se existe um problema, como depredação de escola, a mídia adora falar isso. É preciso mostrar que tem muita escola no Brasil que não é depredada. **É preciso mostrar uma referência positiva**, para que quem está naquele horror possa dizer: “Isso tem jeito”.

É importante trazer informações sobre as escolas que estão dando certo, por que estão dando certo, **pegar pelo positivo**. Chega de pichar nossa escola pública. Tem coisa boa acontecendo. ●

CAPÍTULO 4

QUAIS AS NOSSAS PERGUNTAS SOBRE O FUTURO?

Em cada uma das entrevistas, nós perguntamos aos entrevistados quais perguntas-chave sobre o futuro eles fariam a um vidente. Tais perguntas servem como um mapa das maiores incertezas de todos os entrevistados e são as perguntas a que nossos cenários devem buscar responder.

UM PROJETO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A gente conseguirá romper com essa lógica do partido para de fato construir um projeto educacional para o país, para a nação, não de governo, de um setor, mas para a nação?

Como podemos fazer um pacto que vá além dos partidos políticos, para garantir a continuidade das políticas públicas?

Vai acontecer uma mudança na forma da gestão pública da educação no Brasil, a ponto de ela poder ser realmente uma educação de qualidade?

Toda comunidade da nação entenderá que a educação é algo não só prioridade, mas prioritário? Vai existir uma febre educadora? Todo mundo vai cuidar desses meninos?

Como a educação vai ser percebida no futuro pela sociedade? Que lugar ela vai ter em termos de importância para a sociedade brasileira?

A educação será uma prioridade na vida dos alunos?

No âmbito da Educação Básica, quanto tempo nós, sociedade brasileira, vamos levar para efetivamente começarmos a entender a importância da educação, no sentido mais amplo que o formal?

Como trazer de volta a classe média para a escola pública? Como de fato tornar a escola pública a escola dos brasileiros?

Nós conseguiremos criar um Sistema Nacional de Educação ou não?

Quais as políticas públicas que a secretaria, o estado e o governo federal podem proporcionar para a melhor qualidade da educação?

Haverá a participação da sociedade como um todo em prol de uma educação pública de qualidade?

O nível de participação da população nas decisões terá melhorado? Vamos ter um grau de participação política efetiva que seja mais significativo e mais eficaz?

Como será a formação dos pais, visto que eles também são formadores educacionais em casa? Qual a relação que esses pais têm com a escola? De que forma a escola e os pais dialogam?

Como fazer a educação ser uma função da sociedade como um todo e não só dos sistemas de educação formal?

EQUIDADE E DIREITO À EDUCAÇÃO

Vamos conseguir que a educação brasileira efetive a ideia de que a educação é direito de todos?

Estaremos todos universalizando o direito democrático ao conhecimento? Todos serão sujeitos desse processo de aprender? Serão sujeitos que pensam, refletem, discutem, reinventam seu fazer, sua prática, em prol dos resultados que querem alcançar?

A educação será universal, não havendo pessoas fora da escola? Haverá diminuição da evasão?

A educação dará igualdade de oportunidades para todo o povo marginalizado do Brasil?

Teremos um cenário de equidade educacional? O projeto de desenvolvimento do Brasil é um projeto que de fato consegue produzir igualdade?

Nós conseguimos, enquanto país, resolver as desigualdades educacionais tanto regionais entre Norte–Nordeste e Sul–Sudeste quanto entre escola rural e urbana e entre as escolas dos centros das grandes cidades e as periferias?

Ainda haverá diferença entre as escolas? As escolas AA e as outras escolas?

O acesso será efetivamente democrático? Será que essa escola de 2030 provocou equidade, com entrada e aprendizagem de todos?

O Brasil vai conseguir instituir um sistema nacional de educação que consiga, de fato, reduzir desigualdades educacionais e que possa garantir maior coesão nacional na educação?

O processo de democratização brasileira vai conseguir impactar a concentração de poder e renda no país? O processo de democratização vai chegar a distribuir renda, poder, conhecimento, informação?

A educação vai poder contribuir para que o país seja menos tolerante com as desigualdades?

Teremos a desigualdade que temos entre as pessoas, seja de cor da pele, gênero, sexualidade, riqueza? As pessoas serão capazes de enxergar o próximo como enxergam a si mesmas – com respeito, com igualdade?

Os grupos provindos das etnias negra e indígena vão se equalizar ao que nós temos em relação aos brancos?

O que acontece com a elite dirigente? Como você tem uma riqueza social tão ampla e você vê a desigualdade aumentando no mundo?

A gente está disposto, como sociedade, a ser de fato mais igualitário?

Essa desigualdade regional vai ser superada?

Nós teremos no futuro próximo um sistema educacional ainda mais segmentado e injusto, ou nós conseguiremos reverter em alguma medida o processo de segmentação?

Todas as crianças e os adolescentes, especialmente da creche, vão ter acesso à escola ou à creche?

O Brasil universalizou a Educação Infantil e o Ensino Médio?

A gente vai zerar a exclusão escolar no Brasil? Toda criança e adolescente vai estar na escola de qualidade?

Vamos ter de fato uma democratização do acesso, considerando a Educação Básica?

O Brasil erradicou o analfabetismo?

Todas as crianças do Brasil estão alfabetizadas com seis anos de idade?

Todas as crianças de escolas públicas estão saindo do terceiro ano plenamente alfabetizadas?

A gente vai conseguir imprimir, como propõem o Plano Nacional de Educação e algumas políticas que já estão em vigor, maior qualidade à oferta da Educação Infantil e maior efetividade à alfabetização inicial das crianças?

CONCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO E DA ESCOLA

Como as concepções de educação, de educação como capital humano e educação como emancipação humana vão se desenvolver no futuro?

Nós conseguiremos uma educação que transcenda a dimensão do português e da matemática para uma educação formadora de uma cidadania ativa, crítica, participativa, que está de olho nas questões estruturais da sociedade, que não é enganada pelos discursos fáceis e pelas promessas eleitoreiras?

Como construir uma compreensão da educação em sua contemporaneidade?

Nós estamos formando alunos para quê? Para meramente trabalhar no agronegócio, para ser funcionário de comércio, de prestação de serviços?

Qual o significado e o sentido que os alunos atribuem à escola? O que é escola para os alunos?

O que capta os interesses dos alunos? O que é bom para as crianças, os adolescentes e os jovens nesse sistema? O que eles ganham com esse sistema?

Quem são os estudantes e como é a relação deles com a escola?

Essa educação conseguiu ser tão interessante que jovens mais capacitados se dedicam a ela com entusiasmo? Ela tem uma dinâmica que se expanda ao longo da vida? Ela superou as ignorantes hierarquizações entre saberes e conhecimentos?

Que expectativa terão o adolescente e o jovem sobre o processo de escolarização? Que percepção teriam dele? A escolarização, inclusive essa palavra, terá significação importante para jovens e adolescentes mais do que para seus pais?

A família brasileira vai entender a educação como direito ou continua achando que é uma benesse, ou um bem de consumo?

Quais os valores que a educação foi capaz de transmitir?

As escolas estarão desenvolvendo as habilidades mais sutis da mente – as habilidades de pensamento crítico, pensamento sistêmico, de pensar criativamente, de improvisar e enfrentar situações difíceis – e não só memorização automática, manipulação de linguagem e símbolos?

QUALIDADE DA EDUCAÇÃO

Será que conseguiremos, como país, oferecer uma Educação Básica de qualidade para todas as crianças e adolescentes?

Como garantir, numa sociedade tão diversa como a brasileira, que toda criança que vai à escola aprenda o que precisa aprender para funcionar na sociedade?

O Brasil alcançou qualidade na Educação Básica?

É possível alcançar o nível de qualidade dos países ricos?

Teremos conseguido superar todos os problemas que temos na educação pública brasileira, fazendo com que ela tenha qualidade e atenda aos interesses estratégicos do país?

Qual qualidade prevalecerá? A qualidade calcada em princípios humanísticos, de uma formação ampla do ser humano enquanto ser humano, buscando o seu aprimoramento, ou uma qualidade cujo objetivo maior é o treinamento das pessoas? Educação libertadora ou educação que adestre?

A escola pública é tão boa quanto a privada em termos de qualidade?

Ainda vai existir diferença entre escolas públicas e particulares? As particulares serão sempre vistas como excelentes, sinônimo de educação de qualidade?

A gente vai conseguir entregar uma educação de padrão internacional para as crianças mais vulneráveis do Brasil?

A gente vai ter a coragem de debater o que é uma educação de padrão internacional de maneira clara e objetiva? E o custo dessa educação?

Todos os brasileiros terão o seu ensino básico bem concluído, na idade certa, com aprendizagem?

Já conseguimos colocar as crianças e os professores em tempo integral na escola?

A maior parte das matrículas públicas vai ser em educação integral?

DIVERSIDADE E INCLUSÃO

Ao construir a agenda da Educação Integral, nós daremos conta de incorporar o princípio da diversidade dentro do princípio do mérito?

A educação está se tornando uma atividade capaz de incorporar uma diversidade econômica e cultural que transcenda um pouco as segmentações sociais que hoje ela não consegue transcender?

Quando realmente vai chegar aqui na ponta o que já existe de garantido [na lei]? Quando na ponta vamos sentir que a lei está viva?

Como a gente pode envolver o poder público e a sociedade civil na construção do projeto de educação que envolva todos os sujeitos (sujeitos da diversidade – negros, quilombolas, indígenas e povos do campo que têm uma trajetória de descompasso de acesso aos direitos)?

Qual será no horizonte futuro o lugar reservado e garantido ao segmento da população que representa uma diversidade de cultura e povos (especificamente quilombolas e indígenas) na sociedade brasileira?

Nós ainda somos educados – diretamente ou nas entrelinhas – para contemplar o genocídio da população negra brasileira?

Existem ou é possível existirem alguns caminhos para a construção de uma sociedade diversa a partir das ferramentas de educação?

A respeito da diversidade, independentemente de qual, ela é algo que vai estar presente no currículo oculto das escolas?

MODELOS DE ESCOLA E ENSINO

A escola está diferente? O modelo escolar é diferente? Conseguimos romper com o modelo antigo e nos ajustar ao século XXI?

A metodologia utilizada ainda será a mesma de hoje – mais tradicional, mais de transmissão do que de uma horizontalidade na educação?

É a escola o único lugar em que o sistema está funcionando? O sistema consegue utilizar os recursos da cidade, da comunidade? Ele é um polo em uma rede, é um centro, ou ele é uma muralha, um claustro? Qual o lugar da escola nessa teia de equipamentos sociais e de circulação social? Que desenho é esse e qual é a permeabilidade desse espaço? Que espaços de permeabilidade a escola pode construir para poder se arejar?

A educação conseguiu quebrar as fronteiras escolares e ser apropriada pela comunidade como um todo? A escola está mais próxima tanto da realidade da comunidade quanto das questões contemporâneas?

A gente vai conseguir, de fato, até 2030, romper com essa lógica de um modelo único imposto a todos os alunos, a todas as escolas, em todas as regiões do país e conseguir construir modelos diferenciados, mais personalizados e contextualizados, para que a gente possa alcançar diferentes perfis de alunos em diferentes realidades, garantindo os mesmos direitos?

A escola permanece, daqui a 30 anos, como a instituição que a gente conhece, com obrigatoriedade de frequência?

Quais seriam as demandas de uma escola em 2030?

Tendo em vista um novo modelo de escola, uma nova realidade, quais seriam as questões e os desafios dessa nova escola que vão se configurar até lá?

Será que conseguimos tornar a escola, em vez de reprodutora da sociedade, um microcosmo da sociedade, transformadora e produtora de novas possibilidades de sociedade?

Teremos escolas públicas que possam formar cidadãos? Haverá a perspectiva de formar futuros cidadãos e não só futuros profissionais?

A escola será um instrumento para trazer valores para a sociedade, como paz e cooperação, e não a competição?

As escolas vão criar um senso de comunidade, de conexão, e um ethos, uma cultura de cooperação e ajuda mútua para formar uma verdadeira democracia?

Ainda vai existir escola da forma como está organizada hoje? Com a existência de um calendário escolar enorme, extenso, com 200 dias letivos, vai existir a questão da exigência da frequência escolar?

Existe certificação? É importante? Faz sentido, no futuro, você passar anos, muitas horas do seu dia, por uma coisa que não faz nenhum sentido na sua vida, para pegar um papel?

Em 2030 ainda tem escola?

Quanto tempo os alunos estarão na escola, no tempo de escolarização, e como é que se faz uso do tempo na escola?

Será que o tempo de estudo e aprendizagem na escola continuará sendo previsto para ser “de horário integral”, ou nós vamos valorizar mais as horas de estudo livre? Será que nós vamos partir para uma escola que apenas sistematize umas coisas centrais da educação escolar comum, ou nós teremos uma escola com muito mais relacionamentos em rede de instituições educadoras que propiciem informação e experiências formativas?

Será que essa aprovação automática tem alguns aspectos maléficos na vida desses alunos lá na frente? Se comparado um sistema com outro, o sistema que reprova é melhor?

ESTRUTURA FÍSICA DA ESCOLA

Como é uma sala de aula?

Como seria a estrutura física da escola? Ela ainda existiria? Ela ainda seria desse mesmo jeito?

O PAPEL DA TECNOLOGIA

Qual o papel que a tecnologia vai desempenhar no avanço e na qualidade da educação?

Como nós conseguimos acelerar o processo de conectividade em todas as áreas deste país?

Será que vamos conseguir usar a tecnologia para beneficiar a qualidade do ensino?

INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO

O que vai acontecer na educação pública com a laicidade, com a questão da religião nas escolas?

Haverá a possibilidade de se enfrentar a situação de hoje, em que a escola é um palco de proselitismo religioso, de sementeira de intolerância, sexismo e racismo?

É possível recuperar a laicidade no sentido de serviço público dentro de uma república democrática em que o Estado é laico?

VIOLÊNCIA

Será que vai diminuir a violência dentro das escolas?

Nós teremos bullying escolar no futuro?

ENSINO MÉDIO

A conclusão do EM está em taxas desejáveis e a grande maioria dos jovens aprendeu aquilo que hoje o mundo requer? O que é adequado, em termos cognitivos e não cognitivos, em 2030?

O Brasil vai ter consciência de que na verdade nós precisamos diversificar o Ensino Médio e não deixar um Ensino Médio que trate apenas da preparação para a universidade?

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Como será a Educação Profissional?

A Educação Profissional vai se consolidar definitivamente como modalidade de ensino no Brasil?

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Por que a Educação de Jovens e Adultos ainda fica tão no âmbito do “se sobrar tempo, se sobrar verba, se sobrar professor, se sobrar giz”? O que nós ainda estamos fazendo de errado? O que falta a gente fazer para a Educação de Jovens e Adultos ser entendida pelos governantes como política de Estado?

O que vai ser feito das ações de extensão, das ações que conectam os nossos estudos e as nossas pesquisas com a sociedade civil, com os movimentos sociais? Vão acabar mesmo ou eu estou sendo pessimista?

EDUCAÇÃO NO CAMPO

O que a gente pode esperar para essa escola do campo no futuro?

O que a gente poderia fazer, o que é necessário construir para a gente ter o direito à educação garantido para os povos do campo?

INVESTIMENTO NA EDUCAÇÃO

Nós vamos conseguir aperfeiçoar o sistema de financiamento?

O Brasil vai investir os 10% do PIB?

Quanto a gente precisa para colocar o Brasil no patamar de qualidade que a gente almeja?

Como se dará a garantia do recurso?

Os investimentos foram encaminhados prioritariamente para a Educação Básica?

Há investimento efetivo na formação de professores? Investimento coerente, suficiente, com um projeto integrado, na carreira do professor?

Como nós vamos dar conta de colocar em prática o que está proposto, do ponto de vista do financiamento da educação brasileira? Como esse conjunto articulado de ações no PNE realmente vai responder a esse desafio do financiamento?

Onde vai ser colocado o dinheiro? Será mais na Educação Básica, ou no Ensino Superior e na educação tecnológica?

Obtiveram-se uma estratégia e mecanismos institucionais de financiamento da educação?

A ampliação do gasto público em educação para 10% do PIB vai redundar em melhoria substancial dos indicadores educacionais do Brasil?

De que forma os estados vão poder participar do planejamento na tomada de decisão desses investimentos?

PRIVATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO

Como estará a questão da gestão direta do poder público nas escolas? Nós teremos uma continuação desses processos de privatização da educação, das instituições, e de privatização também na gestão das escolas ditas oficiais, das escolas públicas?

As opções das políticas educacionais implementadas pelo país e o orçamento público tiveram como pressuposto a garantia dos direitos à educação, ou elas se guiaram mais pelas demandas privadas e do mercado da educação?

Como se enxergaria o papel do poder público financiando a educação privada?

A escola pública vai continuar sendo pública ou vai ser privatizada?

Quando conseguiremos nos livrar da ganância empresarial pelo ramo da educação?

PAPEL DO PROFESSOR

Teremos professores para as escolas?

A quantas andar a situação do professor no Brasil?

Em 2030, quando você chega e pergunta para alguém: “Quem é o educador?”, que resposta lhe dão? Apontam para uma pessoa que se formou no curso de pedagogia, ou apontam para todas as pessoas?

Quem é que está ocupando o papel de professor? O que de fato constitui esse papel? Quais são as condições objetivas desse trabalho? Como ele ganha? Qual o valor social que esse trabalho tem?

Qual vai ser o espaço na sociedade ocupado pelos professores?

Que profissional é esse? Como ele trabalha? Como ele interage com esses alunos? Tem professor, ou o professor está na sua casa gravando aulas e as crianças estão assistindo e, vez ou outra, elas vão à escola para interagir? Que formação para o professor é essa?

A profissão de professor no Brasil vai desaparecer?

O que vai acontecer com a profissão de magistério? Que tipo de formação terão os docentes e

outros profissionais de educação? Que tipos de vínculos e contratualizações nós teríamos?

Como é vista a presença de não diplomados junto com diplomados, dando aula?

Como vai ser um educador daqui a 15 anos? Que competências ele vai precisar ter? Qual vai ser sua percepção na sociedade? Que tipo de prestígio vai ter?

FORMAÇÃO DO PROFESSOR

O Brasil conseguiu revolucionar a formação dos professores?

Nós vamos conseguir alterar o currículo da formação de professor da Educação Básica?

Nós vamos conseguir romper com algumas reservas, alguns cartéis dentro da educação? Por exemplo, o da formação inicial de professor?

Quais seriam os profissionais e como seria a formação deles? Seria por disciplinas ou mais globalizadora?

Todos os professores nos cursos de pedagogia e licenciatura estão aprendendo a ensinar?

As licenciaturas terão sua importância reconhecida no meio acadêmico? A atuação no ensino e em cursos de formação de professores receberá o devido reconhecimento no meio acadêmico?

Como são a formação e o salário dos professores?

Vamos conseguir dar ao professor uma formação técnica, profissional, social, de valores, de acordo com o perfil que é necessário para promover a aprendizagem das crianças?

Como qualificar as formações continuadas dos professores, coordenadores e equipe técnica? Como a formação continuada caminha?

Os resultados da formação continuada dos profissionais da educação são um aspecto positivo?

A formação de todos os professores vai contemplar a questão de diversidade sexual, de raça, cor, etnia, etc.?

VALORIZAÇÃO DO PROFESSOR

A profissão docente é uma profissão valorizada?

O Brasil vai valorizar socialmente e reconhecer financeiramente a profissão de professor da Educação Básica?

Terão os profissionais da educação conseguido a necessária valorização e dignificação? Poderemos dizer que eles têm uma vida digna, decente e valorizada, como consideramos que deve ser?

Os professores da Educação Básica terão o devido reconhecimento e valorização de suas

carreiras no futuro? Serão valorizados como funcionários do magistério da Educação Básica?

Os professores realmente conseguiram ter uma carreira com salário adequado e, especialmente, com uma formação adequada às demandas do século XXI?

Como a gente valoriza, como a gente volta a ter professores de vocação, apaixonados pela educação?

O Brasil conseguiu tornar a carreira de professor mais atraente?

Os jovens querem ser professores no Brasil?

Nós vamos ter um salário e uma carreira atrativos, que tenham trazido professores qualificados para o sistema de educação brasileiro?

Como os nossos dirigentes vão tratar a carreira de professor?

Existe carreira docente?

GESTÃO DEMOCRÁTICA

A gente conseguiu de fato fazer com que municípios e estados fizessem leis de gestão democrática e essas leis estão sendo de fato aplicadas?

As escolas irão se tornar espaços mais democráticos, com eleição direta para diretor, mais aber-

tas à comunidade e intercaladas com o bairro e a comunidade em que estão?

Será que teremos uma escola realmente aberta, democrática e que acolha a todos, tanto a família, que não é reconhecida como parte, como os alunos?

Como é que a gente envolve verdadeiramente os pais na questão da qualidade educativa?

Como, efetivamente, fazer com que a gestão democrática da educação se concretize, na perspectiva dessa próxima década, desses próximos passos que precisam ser dados? Qual é o lugar dos conselhos municipais?

Nós vamos conseguir, realmente, ter um fórum nacional ou um conselho de conselhos de escola?

A escola será mais transparente, divulgando planos, projetos, orçamentos e resultados?

RESPONSABILIZAÇÃO

Os governantes serão eleitos com base nos resultados de educação que eles produzem?

Nós vamos ter mecanismos mais adequados, mais efetivos, mais eficazes de responsabilização de todos os envolvidos e responsáveis na educação?

Como vai se desenvolver o processo de intervenção do Judiciário no campo educacional?

Como vai se dar o processo de responsabilização para garantia do direito à educação no Brasil?

PNE

Nós conseguimos cumprir as metas do PNE?

Será que efetivamente o Plano Nacional de Educação vai dar conta de materializar essa educação pública de qualidade que a gente vive insistentemente almejando?

SISTEMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO E REGIME DE COLABORAÇÃO

Como nós vamos implementar o regime de colaboração no Brasil? Como vai ser feito esse regime de colaboração para realmente termos um país com equidade e qualidade na educação?

Realmente foi possível estabelecer uma cooperação entre as diferentes esferas federativas?

Avançaremos com o Sistema Nacional de Educação para que não haja sobreposição de funções, para que as responsabilidades estejam claramente definidas e para haver maior cooperação?

BASE NACIONAL COMUM

A gente vai conseguir criar alguns conceitos mínimos do que deve ser a educação brasileira?

O Brasil vai ter efetivamente consolidado a ideia de uma base nacional comum, curricular, para a educação? Esse esforço vai ser bem-sucedido?

Qual será o conteúdo e a responsabilidade formativa em termos de valores, hábitos, atitudes e conhecimentos que as escolas teriam? Qual é o currículo e como se dá a proporção entre o que é livre e o que é peculiar ao projeto pedagógico de cada escola?

Haverá alguma mudança nas matérias, no currículo?

RANKING INTERNACIONAL

Em que posição vamos estar em relação aos países próximos ao Brasil? Não próximos geograficamente, mas educacionalmente.

Será que no espaço de dez anos nós conseguiremos ser avaliados nos scores similares àqueles que temos visto em países como Finlândia, Noruega, Japão, em relação ao desempenho dos nossos estudantes?

Qual seria a posição do Brasil no Pisa?

PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO

Quanto tempo levou o processo de transformação da educação no Brasil?

Quem foram os atores envolvidos nessa mudança? Qual foi o ator-chave nesse processo?

Como é que a gente impulsiona e acelera novos modelos educacionais?

Qual o melhor caminho? Como identificar as melhores práticas e implementá-las?

Como vai ser esse percurso que vamos passar nestes próximos 15 anos? Qual será o desfecho desse nosso esforço? Qual o resultado deste nosso empenho em melhorar a educação?



CAPÍTULO 5

QUAIS POSSÍVEIS FUTUROS ENXERGAMOS?

Nesta seção da síntese, compartilhamos alguns elementos que poderão ou não ser incorporados como peças da construção dos cenários. Não são ainda histórias de cenários, mas pequenas janelas para o futuro, identificadas pelos entrevistados.

“AINDA EXISTE ESCOLA”

Não consigo enxergar no futuro uma sociedade sem escolas. A escola faz muita diferença para muitas crianças que não têm acesso a esse conhecimento. Tem uma possibilidade de transformação, de um desenvolvimento que talvez as crianças não teriam de outra forma.

“ESCOLA FELIZ”

Uma escola em que as pessoas gostassem muito de estar, e que ela pudesse ser, de fato, um **espaço de encontros**, de formação, de cultura, arte, música, uma escola onde a criança e o jovem quisessem estar; uma **escola feliz**, que talvez construísse uma forma de relação com o conhecimento menos vertical do que a gente tem. Uma escola que vai **continuar tendo professor, aula, orientação. Essa relação me parece que permanece**, mas ela tem que se horizontalizar mais, ter espaços, tempos diferentes, menos rigidez do que a gente tem hoje.

“ESCOLAS COM AUTONOMIA”

Hoje a **escola** é o último **elo da cadeia** e **deveria ser o primeiro. Escolas com autonomia.** A escola vai demandando, escolhe seu professor. **O projeto da escola tinha que ser o mais importante.** Os estados e os municípios apoiariam essas escolas. O MEC ficaria quebrando a cabeça

para conseguir apoiar bons projetos, para que outras escolas também adotem.

“FOCO NA EDUCAÇÃO BÁSICA”

Foco muito grande na qualidade da Educação Básica. O investimento público se daria muito na Educação Básica e se criariam maiores controles sociais do uso desse dinheiro. Então, o foco seria a Educação Básica, aumentando o controle social e as consequências do bom uso do dinheiro público. Isso sem se descuidar do Ensino Superior e da Educação Profissional e tecnológica.

“UNIVERSALIZAÇÃO”

A meta da creche é uma **meta que tem condição de ser ultrapassada.**

As **creches seriam maravilhosas, estariam em todos os municípios**, em espaços específicos para o atendimento da Educação Infantil, não misturadas com os ensinos Fundamental, Médio e Superior.

Os brasileiros terão concluído uma Educação Básica boa, com **todos os garotos de 18 anos tendo uma Educação Básica concluída** e com condições de fazer escolhas para a vida com autonomia para saber o que vão fazer, tendo uma boa base de formação humana.

Acho que ainda vamos **patinar muito em qualidade**. Alguns programas, como “**alfabetização na idade certa**”, **vão dar resultado**. Com isso, nós vamos ter uma melhoria da qualidade. Por exemplo: o segundo ciclo do Ensino Fundamental, que hoje está com muita dificuldade, vai receber o resultado dessa onda.

Vamos chegar **próximos de universalizar a alfabetização**. As pessoas vão saber o básico, mas ainda haverá um número grande de analfabetos funcionais.

“DESESCOLARIZAÇÃO”

Vamos supor que o Brasil retrocedesse e fragilizasse a concepção de educação, retomando as possibilidades das **modalidades não formais, as modalidades alternativas, domiciliares**, abrindo mão desse dever de Estado, e que houvesse então um retrocesso na expansão de creches.

Um **movimento da desescolarização segregadora**: aqueles pais que possam não colocar seus filhos nessa escola com violência vão tirá-los dessa praça de guerra. Vão criar seus filhos fora da escola, em pequenos grupos, e tem-se uma **ruptura da sociabilidade**. A gente volta para a idade da pedra, a lei da selva. A gente **rompe o pacto de solidariedade da sociedade humana**.

“ESCOLA PÚBLICA: PRIMEIRA ESCOLHA”

Uma **escola pública comum que atenda a todos** e uma **escola privada** restrita a uma opção de outro tipo que não o caminho de ingresso à universidade pública, mas **uma opção religiosa, elitista, de certa segmentação**, mas que isso não traga vantagem do ponto de vista das oportunidades.

Famílias em processo de ascensão econômica e social, que têm alguma margem econômica para comprar a educação no mercado, **optando e valorizando a matrícula na escola pública**, uma vez garantidas as condições de funcionamento da escola pública que a coloquem em condição de realizar os anseios das pessoas, inclusive no sentido de participação e da gestão democrática. Também o estabelecimento de fortes **incentivos públicos e, portanto, desincentivos para o campo privado** para a permanência e a matrícula das pessoas nas escolas públicas.

Que **essa porcentagem que não está na escola pública e está na particular diminuísse bastante** e as razões para que os pais colocassem os filhos em escolas particulares seriam mais específicas, como por questões religiosas.

Uma **escola aonde todos vão**. Uma escola de muita diversidade, onde **as classes sociais**

possam estar juntas e trocar e partilhar suas experiências.

“REDE DE SERVIÇOS PÚBLICOS”

A educação brasileira teria uma potente e **vigorosa rede de serviços públicos educacionais**, para que nós tenhamos de fato **boas escolas públicas**. Escolas que consigam garantir acesso, permanência, aprendizagem e mais do que isso: que esses alunos de escola pública tenham de fato capacidade para produzir conhecimento. Essa escola pública, esse sistema público, seria construído e orientado pela garantia de direitos, e as escolhas fossem feitas pensando nas crianças, nos jovens brasileiros.

“ESCOLA COMO UM ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA E APRENDIZAGEM”

A sala de aula é um **espaço de convivência e socialização dos alunos, um lugar prazeroso de estar**. Tem uma **organização diferente** no seu mobiliário, nas suas formas de organização. Os alunos circulariam pelas diferentes salas. Teriam bastante tecnologia. Os alunos trabalhando em grupo, mas os **professores orientando o processo**, na condução, com um papel importante. A sala de aula teria muito **contato com o entorno**, com fotografias, muitas informações, material exposto que mostrasse a circulação dos meninos fora da escola e da sala, no

entorno da escola e em outros espaços. A escola possibilita que eles criem critérios para acessar o conhecimento, dando chaves e instrumentos para que eles possam **pensar de maneira mais crítica o seu conhecimento**.

A escola deveria ser um **lugar delicioso!** A escola deveria ser um **espaço cultural** por excelência, de produção de cultura, com as pessoas que passam por ela sendo **protagonistas do conhecimento** que elas próprias geram e propiciando muitas trocas, inclusive **troca intergeracional**, na troca da coexistência para pensar as tolerâncias e intolerâncias e as possibilidades de fazer junto.

As escolas são **ambientes muito mais interessantes, atraentes, diversos**, porque a escola precisa ser hoje muito mais do que ela é: em termos físicos, não podemos continuar pensando em escolas com tão pouco espaço —com salas de aula tão compartimentadas, sem **espaço para recreação, esportes, artes, tecnologias, com muitos materiais que nos levam ao conhecimento**, com **Wi-Fi totalmente aberto**, para todos na escola, o tempo inteiro, etc., com segurança e em paz.

A escola **não tem sala**, ela tem agrupamentos, que se **reúnem por projetos de interesse**; tem **professores com uma formação muito ampla**, uma **formação não compartimentada**, professores que são tutores desses alunos, que

têm percursos educativos individualizados e flexíveis. Uma escola que dispõe de **acesso à tecnologia**, mas ela não é a chave do sucesso. Com a formação muito radical de professores, a mudança é muito radical, com professores se preocupando em garantir que as crianças aprendam.

A função social da escola é **produzir o novo**, ser capaz de ter liberdade para dar **novas respostas a velhas perguntas**. As relações que queremos ver no mundo estão acontecendo nesse espaço. Uma **vivência desses espaços que queremos ver**: democráticos, equitativos e que produzissem novas formas de viver e não novos conhecimentos em tecnologia. **Inovações** não como consumo de tecnologias, mas **sociais e culturais**, que ainda estão para ser feitas e que não têm espaço em uma sociedade de consumo como a nossa.

A escola é mais **interdisciplinar**, tem a parte dos conhecimentos acumulados historicamente, tem uma parte da **produção de conhecimento** em grupos de estudo, de reflexão, de investigação, de pesquisa. Você não precisa ir todo dia, nessa rigidez de horários e frequência, mas você tem que cumprir metas. A **avaliação é mais participativa** e o estudante tem também a possibilidade de avaliar o percurso dele. A escola fomenta essa perspectiva crítica, de investigação, de análise, e esses projetos têm um **retorno**

social também, que parte de uma **demandas do local**, de onde o aluno vive, da comunidade.

Aulas diferentes, sem separar a geografia da história, da matemática. **Aprender todas as matérias de forma misturada**. Aprender de uma forma diferente, mais dinâmica, criativa, produtiva, que dê mais rendimento, em que os estudantes aprendam mais e não em que se passe o máximo de conteúdo em pouco tempo.

Dinâmicas muito mais seculares do que nós temos hoje, em relação a autoridade, a métrica, a disciplina, do ponto de vista de ser repetição contínua. **Menos protocolar e muito mais vivencial**, do ponto de vista de como isso deve ser registrado, até os **modos de registro das experiências educativas, de maneira muito mais descritiva e narrativa**, do que em grades, gráficos e estatísticas que hoje são muito vigentes. E ainda estamos, no caso brasileiro, no auge da vigência desse modelo.

“CIDADE EDUCADORA”

Partilhar a educação com outras áreas. “Cidades educadoras”: a ideia é que você extraia a função educativa para **além dos muros da escola**, incorpore **parcerias com agentes culturais**, dê esporte e lazer, **incorpore a comunidade**.

Uma **educação que vai se alargando**: conhecer o seu bairro, conhecer a sua cidade, conhecer o seu país, para **educar o cidadão brasileiro e um cidadão do mundo**.

Ter profissionais e uma **rede educadora** realmente na nossa sociedade. Que sejamos uma **cidade educadora** e um **país educador**. Que a gente consiga formar cidadãos que possam exercitar seus direitos e deveres.

A **escola não é obrigatória**, ela é um dos lugares onde as pessoas podem aprender, mas elas podem aprender em muitos outros. A escola pode ser um polo agregador desses saberes: ela pode ser um lugar em que eu descubro onde aprender algo. Ela pode ser **um polo articulador de vários lugares**. Ela está muito focada num território e as pessoas precisam se articular mais num determinado território, numa determinada localidade. Processos de aprendizagem muito livres e muito concentrados e produtivos.

Uma **cidade educadora**, um **território educativo**. Os alunos podem se encontrar em um espaço que se chame escola, centro de aprendizagem, ou seja lá o que for, mas esse espaço vai servir mais para **potencializar conexões**, para que eles possam realmente ter um lugar deles, para o qual possam sempre voltar, mas não vai ser um lugar ao qual eles obrigatoriamente tenham que ir todos os dias. Vão fazer **projetos diferentes**, que **impactarão a comunidade**

deles, com um fim mais claro, no sentido de poder trazer algo para o território onde estão. Nunca vão ser obrigados a ficar só com pessoas da idade deles. Os idosos, por exemplo, vão ser grandes educadores. A educação se conecta muito com política, com habitação, com saúde. As pessoas vão ter seu **conhecimento legitimado a partir de coisas que vão apresentar**, de livros que vão escrever, filmes que vão fazer, e isso vai ser muito mais apropriado como uma forma de provar. Não vão perguntar a você pelo diploma.

O tempo **“de sala de aula” deverá ser menor do que esse outro tempo de interação com outros ambientes**, espaços, linguagens, métodos, dinâmicas, grupos, que serão exigidos do profissional da educação. Há certo **aldeamento**, uma dinâmica muito mais próxima da aldeia do que dos bairros que a gente tem hoje.

Escolas **integradas ao território** em que estão localizadas. Escolas que **utilizem a praça do lugar, o centro cultural, a igreja**, sem muita partição, como é feito hoje, esse muro feio, gradeado, cheio de cercas de espetos, arames. Tem **áreas de cultura**, uma sala de exibição para cinema, uma sala de artes onde as crianças e os jovens ponham a mão na massa, área de plantar, **área de voltar a ter contato com terra**.

Um projeto de uma vida de cidadãos com muita paz interior, felicidade pessoal, capacidade de

resolver, viver em família, em comunidade e num mundo de paz, em primeiro lugar. E, para que a gente alcance isso, a escola continua sendo muito importante como o primeiro ambiente de socialização da criança a partir do seu vínculo familiar. Por isso a **escola na comunidade**, uma instituição social importante para a comunidade, uma **escola que pertença a uma esfera mais comunitária** da localidade geográfica, cultural e humana. E que a **comunidade tenha um senso de pertencimento nessa escola**. Que a comunidade se sinta responsável, protagonista dessa escola.

Educação Integral com a cultura local e a escola como um espaço, onde **toda a aldeia educa uma criança**. A **comunidade pode ser educadora**.

“EDUCAÇÃO QUE CONTEMPLA A NOSSA ANCESTRALIDADE”

Somos autônomos em relação a programas, currículos, metas, prazeres, sabores da educação, mesclando o que consideramos ciência e o que a gente considera **ciência trabalhada na ancestralidade cotidiana**. Não somos marionetes dos espaços que consideram a educação um mote lucrativo, e não continuamos invisíveis. Temos **autonomia na construção dos nossos próprios percursos**. Os círculos educativos

contemplam a forma dos meus ancestrais, e a educação é **mais arejada e mais saborosa**.

Famílias que se organizam e que apresentam condições em que a singularidade de cada pessoa pudesse ser trançada à saúde coletiva. **Rodas, mocambos, escolas comunitárias, música.** Transmissão e geração de saber botânico. É o que a nossa necessidade chama de **ancestralidade viva**.

“EDUCAÇÃO COMO UMA CONEXÃO INTERGERACIONAL”

Tem ao mesmo tempo uma missão de depositário, de coisas que as gerações decantaram como cultura e que precisa ser transferida para outra geração. Uma **conexão de gente transferindo intergeracionalmente legados, resignificando e colhendo desses meninos que estão chegando desejos que vão reorganizar esse legado**. A educação deve ser uma rede de acolhimento contínuo.

“SEM REPROVAÇÃO”

Ninguém é reprovado, porque os alunos são **acompanhados muito de perto**, e há projetos para que eles recuperem o que não aprenderam. Uma escola que garante o aprendizado de todos, respeita a especificidade e a diferença de cada um e acolhe essas diferenças como inerentes

ao ser humano e como instrumentos bons para melhorar a aprendizagem. Ela é **estimulada naquilo em que tem mais facilidade** ou de que gosta mais, mas ela também é **dirigida para conhecer outras coisas**.

Enfrentamos realmente a repetência, a evasão, toda a defasagem idade-série de forma intencional, com materiais próprios de acordo com as diferentes realidades.

“DESENVOLVIMENTO PLENO DO CIDADÃO”

Uma educação que tenha a **dimensão cognitiva, mas também a emocional, a estética, ética, a da sustentabilidade**. Uma educação que reconhece o que a Constituição diz. A educação deve desenvolver a pessoa, formar para a cidadania e para o mercado de trabalho. Não se desenvolve a pessoa sem arte, esporte, preocupação com a saúde, sem uma visão do contexto, sem uma visão ambiental. **A educação é integral** e lida com as dimensões humanas, se preocupa com a formação estética da juventude.

Escolas em que o grupo de alunos replica a vida, experimenta a vida, **se prepara para a vida**. Experimenta desafios físicos, mentais e espirituais e descobre o crescimento que surge dos imprevistos, que nem tudo é planejado, estruturado, e entende as propriedades emergentes da vida.

“EDUCAÇÃO INTEGRAL”

Uma **Educação Integral associada ao projeto político-pedagógico** da escola pelo menos para o Ensino Fundamental e parte do Ensino Médio, que não seja só ocupacionista, mas **com sentido social e econômico** para as famílias. As famílias percebendo que seus filhos têm realmente chance de acesso a bens materiais, a uma vida mais digna.

Educação Integral vai ser estratégia de segurança pública. Os filhos dos pobres ficam na escola o tempo todo, deixando-se bem claro que eles têm que ficar lá para se ocupar, fazendo atividades **sem nenhum princípio pedagógico**. Sem estrutura pedagógica, o que eles vão ter é acesso a inúmeras atividades, o que é melhor do que não ter atividade nenhuma, mas não vai fazer com que eles sejam cidadãos plenos. Com uma **Educação Integral ocupacionista**, a gente não vai alcançar um mundo onde todos tenham condições iguais de acesso às melhores oportunidades da sociedade.

Pensamos a **Educação Integral em sua integralidade**: desenvolvimento cognitivo, emocional e físico em suas diferenças. Na abertura com a comunidade, pensamos os espaços em uma interação que permita intervenção da escola na comunidade e vice-versa, com uma jornada ampliada.

Não tenho muita dúvida de que **o número de horas na escola, no Brasil, está aumentando**, com perspectivas de ir além destas três horas e alguns minutos de trabalho na escola, que às vezes também passa ao exagero de ficarem sete, oito ou nove horas por dia na escola.

“AVALIAÇÃO DIVERSIFICADA”

Formas diversificadas de avaliar, não só por meio do Ideb, pensando que a educação tem outras expectativas hoje que não só o aspecto cognitivo, mas outras competências que precisam ser desenvolvidas para o ser humano do mundo contemporâneo.

“VÁRIOS MODELOS DE ESCOLA”

Teríamos **muitos modelos de escola, várias possibilidades de desenho de escola em uma mesma rede educacional**, em que **famílias pudessem escolher** aquilo que se adéqua melhor. Cada escola daria diferentes percursos e, independente dos percursos escolhidos, teria as mesmas propostas de resultados. A aprendizagem do que é básico e comum seria igual para todas, não havendo *gaps* entre as escolas. **Diferentes saberes e conhecimentos seriam aproveitados** nessas escolas.

Estaremos usando todo o potencial criativo e flexível do brasileiro para criar **modelos muito criativos, eficientes e inovadores** de

educação, que usam tudo que é ofertado de possibilidade no mundo. Cada escola, cada rede de ensino vai **fazer o seu mix**, que é usar a plataforma adaptativa, a realidade aumentada, mas também usar a mão na massa de plantar horta na comunidade, articular projetos, escolas temáticas. Serão modelos que respondem ao interesse dos alunos, que os engajam e dão um prazer enorme de aprender e ao mesmo tempo de responder às demandas do nosso projeto de nação, que os ajudam a ser **pessoas mais realizadas, profissionais mais produtivos, profissionais mais comprometidos**.

“MODELO ÚNICO SUL-COREANO”

Em um cenário ruim, **existe um único modelo de escola**, quase que militarizada, como resposta para as soluções. Uma escola de tempo integral, das sete às 18 horas, onde as crianças, no sentido mais tradicional, têm **português, matemática e ciências. Quase uma Coreia do Sul**, de aprendizado extremo, com uma cobrança, como se isso fosse trazer um aprimoramento. As famílias longe e a educação é papel da escola. Isso é fácil de acontecer, porque desresponsabiliza as famílias.

“ESCOLAS SUSTENTÁVEIS”

Municípios que têm uma rede de proteção integral a crianças, adolescentes e jovens, uma

perspectiva de Educação Integral que incorpore não só os conhecimentos acadêmicos, mas também **saberes produzidos pelas comunidades**. Não só uma escola educadora, mas **municípios educadores**, empresas, indústrias educadoras. É essa a consciência da educação, da sustentabilidade, da justiça, da convivência. A escola como um dos atores dessa engenharia, uma Educação Integral, em que você discute, por exemplo, **a educação ambiental, a sustentabilidade e o socioambiental**.

A escola está **na discussão da sustentabilidade**, e a escola está pensada com **energia mais limpa**, com o uso de água mais racional. Não só uma manutenção que seja mais do século XXI, **mais verde**, mas também um **cuidado dos usuários daquele espaço público**, daquele equipamento público, para que ele dure mais, para que ele seja de todos, e as pessoas se apropriem daquele espaço, **permitindo que a comunidade o use**, abrindo no fim de semana, não deixando pais e mães no passeio lá fora, na calçada, esperando a hora de entrar.

Um mundo em que a gente **supere um modelo muito concentracionista e centrado no consumismo**. Projetos de vida em que você tenha outras referências que não só o ter, o consumo. **Sentir-se parte do meio ambiente**. Um futuro em que há justiça social e sustentabilidade, e

que a **educação esteja realmente comprometida e articulada, prezando por isso.**

Escolas sustentáveis, com o conceito de **espaço educador sustentável**, ou de município educador sustentável. Não é uma escola que faz horta e reciclagem de lixo, mas é uma escola em que as crianças aprendem a produzir gás metano para a cozinha, em que a partir da horta estudem biologia, em que reflitam sobre as coisas que consomem, desde a matéria-prima ao descarte. É outra escola. Como essa teia de sustentação da vida está em risco, essa **escola** já aparece e **propõe uma coisa concreta, possível: as sociedades sustentáveis.**

Se as escolas fossem sustentáveis, democráticas, com essa visão da coisa pública, equitativa, com qualidade de vida, as **crianças acabariam sendo referências para os próprios pais dessas formas alternativas de viver**, que são completamente desconsideradas na sociedade em que a gente vive agora.

“TERRITÓRIOS COLABORATIVOS”

Projetos pedagógicos de escola com uma maior articulação com os projetos de desenvolvimento sustentável de seus territórios e da sua região. Formação de professores, infraestrutura e projetos pedagógicos que tenham um sentido e um significado para as populações e seus territórios. **Currículos escolares** que

consigam conciliar conhecimentos e aspectos de desenvolvimento de conhecimento que devem e precisam ser para todos e estar em todas as escolas públicas do Brasil, **com aspectos regionais** que também precisam ser considerados no diálogo com esse conhecimento.

Constituição de políticas de território colaborativas. Ação local, territorial, com municípios menores, que possa criar uma ressonância de forma muito forte no país e um impacto nas urbanidades e obviamente em regiões com altos níveis de desigualdade.

Talvez, com esse modelo distrital, esse **modelo de juntar numa região estado e município de um outro jeito que não ficasse segmentado, você conseguisse um resultado qualitativo melhor.**

Fortalecer arranjos educacionais regionais. Reunir municípios para atuar conjuntamente na compra de materiais, merenda, dividir o transporte, minimizar custos e trocar experiência. Seria muito interessante para o governo ter uma interlocução forte com os municípios.

“GESTÃO DEMOCRÁTICA”

Todo início de ano, nenhuma escola começa a trabalhar o conteúdo sem discutir o projeto para aquele ano, com envolvimento de pais e alunos. Isso passou a ser **uma forma normal de início**

das aulas. Todo mundo discute a escola, avalia o ano que passou e as necessidades do ano que vem, estabelece prioridades e metas e, depois disso, um projeto pedagógico para aquele ano, o conteúdo a ser ensinado, e também a convivência, os problemas da comunidade em torno da escola, as dificuldades dos pais. Tudo isso levando em consideração a aprendizagem, que é a principal meta da escola. **A Secretaria de Educação age com as outras secretarias, mobiliza a sociedade**, chama a associação de bairro, a segurança pública daquele local, para debater a escola. São **grandes plenárias de debate** e depois em cada escola, particularmente.

A responsabilidade dos recursos públicos seria assinada não só pelo prefeito, mas também pela Câmara de Vereadores daquela cidade e ainda por uma comissão representativa dessa cidade. **Todo mundo tendo que assinar.** Se houvesse um centavo desviado, todo mundo ali seria responsável. Diminuiria a corrupção quase a zero.

“CARREIRA DE PROFESSOR ATRATIVA”

Os professores são valorizados e estão entre as **carreiras mais disputadas.**

Cada vez mais jovens brasileiros se interessem em seguir essa carreira, porque, além de ser mais remunerada, ela será **muito estimulante**

e sedutora. O encantamento volta para a docência.

Aproximação dos salários dos docentes dos salários dos demais profissionais. Ter uma política concreta de todas as esferas federativas – plano nacional, estadual e municipal – de **melhoria da carreira e do salário** dos professores e fazer uma propaganda com os jovens: “Venha ser professor”. Ter uma política de convencimento, de **sedução dos jovens** para que eles passem a **abraçar a carreira de professor.**

O sentido da educação é tão maravilhoso! Se você for professor e fizer direito a diferença na vida das pessoas com as quais você cruza, é maravilhoso! **Ser um professor é um desejo manifesto pela vida,** de estar ali trabalhando como professor.

Com a valorização e uma boa formação, existem melhores profissionais que optam pela carreira de professor, e **a carreira passa a ser uma opção desejada.**

“PROFESSORES VALORIZADOS”

O professor está num **lugar social importante,** com salário, uma boa condição de vida e sem ter que trabalhar em mais de uma escola.

O salário seria um salário que permitiria a ele **trabalhar em apenas uma escola,** com uma

forte carga de **benefícios** relativos à saúde, à educação de seus próprios filhos, alimentação, **possibilidade de formação, capacitação, licença para estudar.**

Teríamos o **reconhecimento social do valor e da importância do professor da Educação Básica.** O professor se veria como um profissional valorizado e efetivamente seria valorizado em termos de salário, de desenvolvimento profissional contínuo, de ambiente favorável ao trabalho.

“PROFESSORES VALORIZADOS E RESPONSABILIZADOS”

Pagar **R\$ 9.000,00 a um professor,** selecionar nacionalmente, **acabar com a estabilidade plena e submetê-los a avaliação,** dar equipamentos de qualidade, todos em horário integral. Uma carreira do magistério, que não é só o salário, mas seleção, formação e avaliação, com a possibilidade de tirar o professor que não demonstra a dedicação necessária e o resultado necessário.

Uma gestão escolar de excelente qualidade. Um diretor comprometido com a aprendizagem das crianças, uma boa liderança pedagógica. Esse modelo de gestão voltado para a aprendizagem do aluno tem que estar em cada escola. Um professor **comprometido com a aprendizagem das crianças.** Gente para ajudá-lo, apoiá-lo, dar

assistência, material, cursos sobre o terreno da sala de aula. Que o professor **tenha um coach, um treinador,** alguém que visse os problemas da sua prática e o chamasse para refletir sobre isso. Que o professor seja **mais bem remunerado, mas que tenha um componente de mérito nesse salário,** não uma isonomia total.

“PROFESSOR COMO MEDIADOR DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM”

Um educador que se sinta **continuamente aprendendo** e se veja como **mediador do processo de aprendizagem,** que se desprenda da expectativa de ser o detentor do conhecimento e sinta-se como uma referência valorizada e positiva para os seus alunos, sendo respeitado e **tendo prazer no que faz.** Que se sinta desafiado e em condições de atender aos desafios. Um professor que entre na sala todos os dias sem certezas em relação a como vai fazer, somente em relação a aonde quer chegar. Ele vai criando e descobrindo, com planejamento e metodologia, mas com **abertura para a incerteza.**

Existe carreira docente, nesse papel de ser quem orienta, quem apresenta cenários, quem **provoca a reflexão,** quem responde a uma pergunta com outras três, acompanha, aponta um caminho só quando a pessoa não conseguir ser orientada. E essa pessoa, esse docente, precisa ser **muito bem formado,** muito preparado, ter

noção multidisciplinar. E essa pessoa ganha muito bem, porque não é tão fácil encontrar esse perfil: alguém muito bem formado, **muito inteligente**, que consegue estudar, viajar, etc. É uma profissão muito valorizada e tem um bom plano de carreira.

Será um **profissional muito mais livre**, do ponto de vista de ter reconhecidas as suas capacidades, sua criatividade, e muito mais capaz de perceber a diferença. Isso exigirá muito mais do seu tempo de dedicação ao trabalho. Terá que ser um **trabalho muito mais diverso**, muito **mais dinâmico, mais colegiado** e muito **mais interativo com os estudantes**. O tempo de convivência com o professor, educador, oficineiro, o artista que é monitor, o coordenador de grupo será mais intensamente vivido do que com os próprios pais e mães, ou irmãos.

A **palavra professor vai estar extinta**. Vão falar, no máximo, a palavra educador. Vai ser essa pessoa que estará transitando. Um **cultivador de pessoas**. Vai passar por vários pontos, **cuidando da aprendizagem**, mas de um jeito **mais personalizado**, se preocupando em como esses alunos terão outras referências, além das referências que o mundo dos próprios alunos vai trazer.

“FORMAÇÃO ROBUSTA DE PROFESSOR”

Professores que vão aprendendo de forma mais adaptativa, a partir dos seus potenciais, que vão reconhecendo qual é sua competência maior, até para eles saberem que tipo de professores podem ser, se mais tecnológicos, mais provocadores, mais literários. Porém, que eles possam aprender fazendo, possam estar antenados com o que de mais interessante há no mundo e que eles sejam desenvolvidos para ser educadores *designers* de currículo, que propõem, criam, inventam, sempre de forma sensível ao contexto e aos alunos com os quais eles trabalham.

Professores com uma **formação teórica e cultural muito robusta**. Esses professores vão poder estimular esse aluno. Ora conversar sobre matemática, depois passar a falar de tecnologia. Esses professores têm que ser muito bem formados e muito bem pagos, não só na questão de salário. Professor tem que ganhar bem porque ele tem que ter uma **vida cultural rica**, frequentar teatro, cinema, ter acesso a viagens.

“REFORMA DAS UNIVERSIDADES”

Universidades abertas e comunitárias, híbridas, sem os poderes estabelecidos de gestão. Tem uma **reformulação fantástica do papel das universidades**, porque elas vão ser interventivas.

“FIM DA PRIVATIZAÇÃO”

Conseguimos **impedir a privatização** da educação pública no Brasil e acabamos com a questão da atuação nas bolsas de valores.

“PRIVATIZAÇÃO”

Escolas públicas sendo privatizadas, escolas privadas assumindo, apadrinhando escolas públicas e o não enfrentamento do verdadeiro problema.

Uma segmentação tripla: uma massa popular na escola pública, como ela está hoje, com pouca melhora, e uma **ampliação da privatização da educação nesse campo intermediário**. Tanto a privatização no sentido de **matrícula das famílias de classe C em escolas privadas de baixo ou médio custo** como a **privatização da gestão da escola pública pelos sistemas privados de ensino**. Mais **incentivos** para a matrícula na escola privada e inclusão das matrículas nas escolas privadas no Fundeb.

Se não conseguirmos avançar com a questão da gestão democrática, vai acontecer com a educação o que aconteceu com a saúde, em que está **quase tudo privatizado**, e aí a gente vê que em termos de **qualidade isso é péssimo**.

“FUNDEB PERMANENTE”

O Fundeb transportado para o corpo permanente e turbinado, tanto na complementação da União quanto com outros recursos. A **transformação do Fundeb em um mecanismo permanente**, seu fortalecimento e uma política de controle e de acompanhamento de recursos gerados pelo pré-sal para a educação. O Fundeb sempre **sendo monitorado para que, se você reduzir algum pedaço (ex.: isenção de IPI), recomponha em outro**. Existe uma comissão permanente de negociação entre as esferas.

“SISTEMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO”

O **sistema nacional se constituiu no Brasil** com a ideia de que **qualquer meta educacional é uma meta de responsabilidade da nação**, e nós optamos, na Constituição brasileira, por delegar isso ao sistema municipal. Esse não tem a responsabilidade sozinho, está cumprindo uma tarefa de nação e, sendo assim, precisa de ajuda através do Conselho e do Fórum Nacional de Educação, em convênio com as secretarias de Educação dos municípios e estados. **Para cumprir metas de nação, os entes federados vão ter ajuda**. Se não necessitarem, por já terem atingido a meta, vão ter acompanhamento e apoio, mas não vão precisar de verba.

Um **grande acordo sobre o Sistema Nacional de Educação**. Um documento que possa ser as-

sinado por personalidades de peso da educação nacional, da academia, do sindicato, do Consed, da Undime, dos vários setores, concordando com uma ideia sobre o Sistema Nacional de Educação e **pactuando alguns assuntos-chave**.

Uma **grande maioria dos municípios com seus planos municipais de educação bem encaminhados, alinhados ao plano nacional e pactuados com os governos do estado**, a partir de planos estaduais de educação também alinhados ao plano nacional, e feitos com diálogo entre governo do estado e governo municipal, envolvendo a sociedade no debate.

Que a ideia da responsabilidade educacional venha como um capítulo desse processo de regulamentação do sistema nacional e não como uma lei à parte, como está sendo discutido hoje.

A União, os estados, os municípios conseguem **pactuar a participação financeira e as responsabilidades de cada um** na plataforma do PNE. Isso pode ser dentro do Congresso, via definição do **regime de colaboração** ou em outra instância.

“REFORMA EDUCACIONAL”

Reformas importantes no sistema público, o que vai ter que passar por uma **mudança do papel do professor**, que ocupará mais o centro e será menos objeto das reformas de ensino.

Uma reforma da política pública de educação associada ao **reconhecimento social da centralidade do professor**.

Uma **legislação que permitisse tratar a educação de forma diferente** no conjunto da administração pública e dos servidores públicos. A possibilidade de selecionar melhor, de encontrar perfis mais adequados, de criar políticas de remuneração que não impactem o restante do funcionalismo, o que **liberta a educação de uma série de amarras burocráticas**.

“FEDERALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO”

Tomamos medidas para começar um processo de **federalização da educação de base**. A base disso seria a **criação da carreira nacional do magistério**. Começamos a implantar escolas de alta qualidade e qualidade igual, graças à intervenção do **governo federal, que adotaria a educação nas cidades** ao longo do tempo no Brasil.

“PAPEL DO JUDICIÁRIO CONSOLIDADO”

O **Judiciário consolidando a função de revisor judicial da realização do direito à educação** que ele vem hoje afirmando, sendo capaz de mudar o seu padrão de decisão e de gestão do processo de execução das decisões. Que o judiciário seja capaz de mudar esse processo decisó-

rio e capaz de **ouvir o campo educacional**, que sempre foi muito frágil e continua sendo ainda.

“RETROCESSO DO JUDICIÁRIO”

O **Judiciário retroceder na questão da garantia dos direitos sociais**, porque vem sendo muito criticado e porque as tentativas de fazer algo diferente fracassaram. É **uma tecnificação**.

O Judiciário ousado, expandindo o processo de controle judicial no sentido de desconsiderar os acúmulos do campo educacional. Começa a caminhar **na judicialização dos processos pedagógicos**. Por exemplo: sob o mote do direito à qualidade da educação, começar a interferir nos processos pedagógicos.

A **aprovação de uma lei de responsabilidade educacional muito restrita**, no sentido de responsabilizar fundamentalmente por avanços, ou não retrocessos, com base nos indicadores de aprendizagem em português e matemática, desconsiderando as demais dimensões. Uma incapacidade de resolver o problema do regime de atribuições federativas, porque o governo não quer colocar mais dinheiro na Educação Básica, por conta do momento da economia.

“POLÍTICOS RESPONSABILIZADOS”

Os **políticos seriam penalizados** se não conseguissem fazer todo o investimento financeiro

que está previsto para a educação. Haveria uma vigilância para isso e seria **inadmissível reeleger um candidato** que não tivesse feito o investimento totalmente correto financeiramente em educação, assim como eleger um candidato que não tivesse um plano educacional bem estudado e aprovado pela população.

“SUPERAÇÃO DAS DESIGUALDADES”

Superação das desigualdades relativas à **infra-estrutura educacional**, à **formação dos professores** que atuam nas escolas brasileiras, ao **desenvolvimento dos estudantes**. Garantia de acesso a energia elétrica, água tratada, internet para populações indígenas, populações quilombolas, populações ribeirinhas, pescadores. Uma **escola pública de qualidade em qualquer lugar do Brasil** em que a criança nascer, **independentemente da sua cor de pele**.

Uma **escola mais democrática, que respeite os direitos humanos**, que dê conta de conviver com os diferentes, que permita que qualquer criança, **independentemente da cor da pele**, saiba ler e escrever muito bem, que tenha um **bom desenvolvimento acadêmico**, para reduzir as desigualdades educacionais.

Daqui a uns dez anos, que a **política de cotas possa criar lideranças, elites culturais que provoquem uma mudança também na cultura**.

Consigo perceber que essa questão da **desigualdade, tanto no acesso quanto na permanência, está um pouco melhor**, pelos investimentos que a gente vê que estão sendo feitos. Se os investimentos continuarem, de ampliação da rede de Educação Infantil, do investimento em políticas de ações afirmativas para ajudar a vencer essas desigualdades raciais, eu vejo um cenário um pouco melhor. **Não de superação, mas de diminuição disso**.

Uma **nova configuração de forças** na sociedade brasileira com **essa nova geração que está acessando a Educação Básica e superior e começará a dar suas contribuições** a partir da ampliação do acesso para uma população mais simples e **historicamente excluída**, com a melhoria de políticas de acesso. Uma nova geração mais qualificada e formada, que seja **menos preconceituosa** e que comece a garantir e assegurar um lugar para esse segmento da diversidade. Que, através desse espaço na sociedade, as pessoas possam, assim, **consolidar seus direitos**. Uma sociedade educada, informada qualitativamente, é a chance que **esses povos têm de assegurar um lugar na sociedade brasileira**.

“AUMENTO DA DESIGUALDADE”

É uma escola privada subsidiada com recurso público e **reproduzindo e aprofundando a**

desigualdade. A escola vai se ater à dimensão cognitiva estritamente, porque as famílias abastadas terão como completar a formação de seus filhos em flauta, violão, inglês, natação, viagens, etc. Então, **uma pequena elite terá a formação integral, assumida pelas famílias, e uma grande massa, uma educação instrumental e malfeita.**

Uma **educação desigual que vai manter esse padrão de baixa qualidade para a população pobre e negra** dos bolsões de pobreza do Brasil, que **alimenta as desigualdades** e hierarquias.

Cada vez mais você **perde a possibilidade de coesão social.** A escola vai ser organizada como os condomínios. **As elites vivendo em ilhas,** sem sair delas nem para ir à escola. A elite dirigente do futuro vai sair dessa escola, então é uma elite dirigente cujo único contato que ela vai ter com a maioria da população é o de achar que o pobre é perigoso.

A **escola pública seria a escola como um depósito de pobre,** com uma função muito mais de tentar domesticar.

Ir na **contramão da equidade por meio de uma mercadologização da educação pública,** em que se investe não no fortalecimento da carreira do professor, mas na aquisição de materiais apostilados, aplicativos, *softwares*, todo tipo de coisa com que o aluno teria uma relação

direta, com **pouca mediação do professor.** Você deixa os alunos à mercê deles próprios, em um país com essa desigualdade social. Quem daria conta de aprender com mais autonomia, sem a mediação do professor, seriam aqueles que tiveram mais oportunidade de acesso aos livros, aos computadores, e **aqueles que não tiveram teriam muito mais dificuldade e ficariam cada vez mais para trás.**

“ESCOLAS INCLUSIVAS”

Escolas mais heterogêneas, que derem a chance para que todo estudante, desde a primeira idade, esteja lançado ao **convívio com o diferente.**

Ter um tipo de equipe em que a formação recebida, a dinâmica de trabalho e a infraestrutura oferecida **permitam aos educadores oferecerem apoio contínuo a quem tem dificuldades** e, quem sabe, não exista mais a figura do Atendimento Educacional Especializado. Talvez essa forma de atuar e a capacidade de buscar suporte já sejam **parte das competências dos educadores.**

Uma escola que luta contra a homofobia.

Essa escola não vai ser uma escola que vai melhorar a vida somente dos *gays*, mas ela vai melhorar a vida de toda a comunidade estudantil, escolar. **Apresentação de novos modelos** de masculinidade. E é a mesma coisa com a

questão de gênero, não beneficiando só a vida das mulheres, mas também beneficiando a vida de todo mundo.

“ESCOLAS SEGREGADORAS”

A **segregação de pessoas com deficiência e tratamento apartado** em ambientes onde se colocam pessoas muito parecidas em termos de diagnóstico, como uma justificativa para separar.

“ESCOLA COMO LUGAR DE VIOLÊNCIA”

Essa escola que está aí retratada no cinema, essa escola das brigas de gangues, com alunos sendo desvalorizados, com professor que agride os alunos e o contrário; essa **praça de guerra.**

O estereótipo que a gente vê nos filmes, com **muita violência,** em que os **processos de aprendizagem são mínimos** e o professor não tem valor, já não quer mais atuar naquelas escolas. Uma diminuição da vontade de querer ser professor, pessoas que não querem educar, e a escola completamente refém de uma série de coisas: da violência, da ausência de uma política pública efetiva de mudança, refém da corrupção, do desvio de verba.

“MEDIOCRIDADE”

O mundo acelera sua relação com o conhecimento e está em busca de se estabilizar em algum momento com uma dimensão não cognitiva muito intensa, associada a mínimos cognitivos. Podemos ter visto que uma parte significativa do mundo foi nessa direção e nós estabilizamos em uma situação medíocre, sem horizonte de mobilidade. A fronteira do conhecimento andou rápido e, como ficamos muito distantes da fronteira, não nos recuperamos.

Condenados a ser eternamente um país periférico, com pouquíssima produção de conhecimento, ciência, tecnologia, fornecedor de mão de obra e matéria-prima. Sair dessa situação e se consolidar como um país efetivamente, que não seja só a quarta, a quinta ou a sexta economia, mas um país onde as pessoas vivem bem e têm qualidade de vida. Se não, é o caos. Um **país sem futuro**.

“MELHOR DA AMÉRICA LATINA/ RANKING DO PISA”

Chegar ao patamar dos países desenvolvidos é uma meta irrealista, dado nosso passivo na educação. Se a gente conseguir ter um **sistema de educação que seja o melhor da América Latina**, que seja melhor que o do Chile, que se aproxime dos países mais ricos em termos de

indicadores de educação desses países, já será uma vitória.

O Brasil atingiu a **média da OCDE, em termos de Pisa**, e o aluno da escola pública tem, em média, a mesma nota do aluno da escola privada.

O Brasil **continuará em 55º no Pisa** e a escola pública continuará muito pior do que a privada.

“TECNOLOGIA COMO SOLUÇÃO”

Uma **visão da tecnologia como a solução em si**, que vai trazer avanços por si só. Tecnologia como **instrumento de massificação** e não de diferenciação positiva para lidar com as particularidades, a educação adaptativa. Seria um cenário de deslumbramento e crença de que a tecnologia pode substituir as relações entre as pessoas e com os professores, criando novamente duas classes de educação. Uma massificada, para formar proletariado, e outra distinta, privada e segregada. No cenário negativo, a tecnologia é **mais segregadora do que inclusiva**.

No melhor dos mundos, a **tecnologia poderia servir primeiro para formar melhor o professor**. Se o professor perceber que pode **aprender com as mídias** e recursos digitalizados, ele **consegue ensinar com os recursos digitaliza-**

dos. O aluno sempre vai ser mais ágil do que ele com as tecnologias.

“RELIGIÃO INFLUENCIANDO”

Conservadorismo *versus* laicidade da escola pública. Teria quase **um impeditivo, ou um veto à educação para os direitos humanos** no seu sentido mais amplo, ou mesmo para algumas questões, como a educação para a sexualidade, para a igualdade de gênero, para a não discriminação de pessoas com orientação sexual diversa, ou opção religiosa – principalmente as afro-brasileiras ou o segmento ateu, que são entendidos como adoradores do demônio. Teria uma **dificuldade de ampliar essa noção de educação em direitos humanos, educação para a cidadania**.

O **campo educacional fortalecer sua autonomia em relação ao campo religioso** e ser capaz de estabelecer limitações a manifestações religiosas no espaço público da escola pública.

“DAS SALAS DE AULA ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS”

A **inovação vindo a partir de dentro**, “das salas de aula às políticas públicas”. Uma **renovação** a partir de dentro, uma nova cultura dentro do Brasil, a partir da relação professor-escola-comunidade, ou professor-coordenador-

-funcionário, ou professor-coordenador-diretor, que possam olhar quais são seus problemas, que dificuldades enfrentam, que caminhos já encontraram para a solução de suas dificuldades, assumir essa **participação social na resolução dos problemas** e aí buscar as ajudas necessárias para apoiar. ●

O que este texto me diz em relação à realidade emergente da Educação Básica no Brasil?

ANEXO

LISTA DOS ENTREVISTADOS

ALLAN DA ROSA*ativismo em Educação Popular***AMARILDO REINO DE LIMA***Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal***ANA CAROLINA VILLARES BARRAL VILLAS BOAS***Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)***ANA VALESKA AMARAL GOMES***Câmara dos Deputados, Consultoria Legislativa na área XV-Educação, Cultura e Desporto***ANALISE DE JESUS DA SILVA***Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (NEJA/FAE/UFMG), Universidade Federal de Minas Gerais***ANDRE DEGENSZAJN***Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE)***ANDRÉ LUIZ DE FIGUEIREDO LÁZARO***Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO-Brasil)***ANDRÉ GRAVATÁ***Coletivo Educação e Movimento Entusiasmo***ANDREA BERGAMASCHI***Todos Pela Educação (2010 – 2014)***ANDREA DO ROCIO CALDAS***Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná***ANNA HELENA ALTENFELDER***Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec)***ANNA PENIDO***Inspirare***ANTONIO GOIS***jornal O Globo***ARNOBIO (BINHO) MARQUES***Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (SASE)***BÁRBARA MELO***União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES)***BERNADETE GATTI***Fundação Carlos Chagas***BETO DE JESUS***Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT)***BIANCA SANTANA***Casa de Cultura Digital***CARLOS ABICALIL***Senado Federal***CARLOS JAMIL CURY***Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)***CARMEN NEVES***Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)*

CLEUZA RODRIGUES REPULHO

União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME) e Secretaria de Educação de São Bernardo do Campo

CRISTOVAM BUARQUE

Senado Federal

CYBELE AMADO DE OLIVEIRA

Instituto Chapada de Educação (ICEP)

DANIEL CARA

Campanha Nacional pelo Direito à Educação

DENISE CARREIRA

Ação Educativa

DORINHA REZENDE

Câmara dos Deputados

EDUARDO DESCHAMPS

Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED), Secretaria Estadual de Educação, Santa Catarina

ELIENE NOVAES ROCHA

Universidade de Brasília

EMERSON CASTRO

Secretaria Estadual de Educação, Rondônia

FRANCISCO APARECIDO CORDÃO

Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica

GERSEM JOSÉ DOS SANTOS LUCIANO

Fórum de Educação Escolar Indígena do Amazonas (FOREEIA), Universidade Federal do Amazonas

GILVÂNIA NASCIMENTO

União dos Conselhos Municipais de Educação (UNCME)

GUIOMAR NAMO DE MELO

Escola Brasileira de Professores (EBRAP)

IANA MALLMANN

Centro de Ensino Médio Asa Norte – CEAN (formado em 2014), Projeto Onda – INESC

ISABEL CRISTINA SANTANA

Fundação Itaú Social

JOLÚZIA BATISTA

Movimento Estratégico Estado Laico (MEEL)

JOSÉ FRANCISCO SOARES

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)

JOSÉ MARCELINO DE REZENDE PINTO

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto–USP

KEILA LEITE CHAVES

Centro de Apoio a Mães de Portadores de Eficiência (CAMPE)

KEZIA ADRIANA DE ARAÚJO ALVES

Conselho de Representantes dos Conselhos de Escola (CRECE)

LARISSA GOMES CARNEIRO BORGES

Escola Prof. Vanderlan Sampaio do município de Mundo Novo, Bahia

LUIZ RAIMUNDO ARAÚJO

Partido Socialismo e Liberdade (PSOL)

MACAÉ MARIA EVARISTO

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI/MEC)

MADALENA GUASCO PEIXOTO

Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino (CONTEE) e Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC–SP)

MÁRCIA ROBERTO DA SILVA

Ginásio Experimental de Novas Tecnologias Educacionais (GENTE) Escola Municipal André Urani (2012–2014)

MARIA ALICE SETUBAL

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), Fundação Tide Setubal

MARIA BEATRIZ LUCE

Secretaria da Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação/MEC

MARIA DE SALETE LACERDA ALMEIDA E SILVA

UNICEF (2007–2014)

MARIA GABRIELLA BIGHETTI THOMAZ DA SILVA

Fundação Telefônica Vivo

MARIA LUCIA MEIRELLES REIS*Todos Pela Educação***MARIA REBECA OTERO***UNESCO***MOZART RAMOS***Instituto Ayrton Senna***NAÉRCIO MENEZES FILHO***Inspere***NINA BEATRIZ STOCCO RANIERI***Universidade de São Paulo (USP), Conselho Estadual de Educação (CEE)***PATRICIA MARIA DE SOUZA SANTANA***Fórum Permanente de Educação e Diversidade Étnico-Racial de Minas Gerais e Programa Ações Afirmativas da Universidade Federal de Minas Gerais***PATRICIA MONTEIRO LACERDA***Instituto C&A***PAULA LOUZANO***Universidade de São Paulo (USP)***PAULO DE SENA MARTINS***Câmara dos Deputados, Consultoria Legislativa na área XV-Educação, Cultura e Desporto***PILAR LACERDA***Fundação SM/Brasil***PRISCILA CRUZ***Todos Pela Educação***RACHEL TRAJBER***Cemaden– Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais/MCTI***REGINA LÚCIA POPPA SCARPA***Fundação Victor Civita (2006–2014)***RICARDO HENRIQUES***Instituto Unibanco***RITA DE CÁSSIA FREITAS COELHO***Secretaria da Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação (MEC) – Educação Infantil***ROBERTO FRANKLIN LEÃO***Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE)***RODRIGO HÜBNER MENDES***Instituto Rodrigo Mendes***SALOMÃO BARROS XIMENES***Ação Educativa***SIBELI LOPES***Escola Estadual Luiza Nunes Bezerra***SUSAN ANDREWS***Instituto Visão de Futuro***WALISSON LOPES***Escola Centro Educacional 04 do Guarará, DF (formado em 2014), Projeto Onda - INESC e Projeto OCA DF – Observatório da Criança e do Adolescente*

Agradecemos a Bruna Borba, Juliana Boarati, Luciana Abrahamsson e Luisa Beçak Egydio Martins pela transcrição das entrevistas.



Este documento está licenciado pela **ReosPartners Inc.** sob os termos de uma Licença Internacional Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-ShareAlike 4.0 Licença Internacional. Isso significa que os leitores e usuários podem compartilhar e usar nossos materiais sempre e quando outorguem a ReosPartners Inc. o devido crédito. Este documento não pode ser utilizado para fins comerciais. Veja mais em <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>